

REVISTA MENSAL

RN / ECONÔMICO

ANO XIV • N.º 140 • MARÇO/ABRIL/1983 • CR\$ 500,00

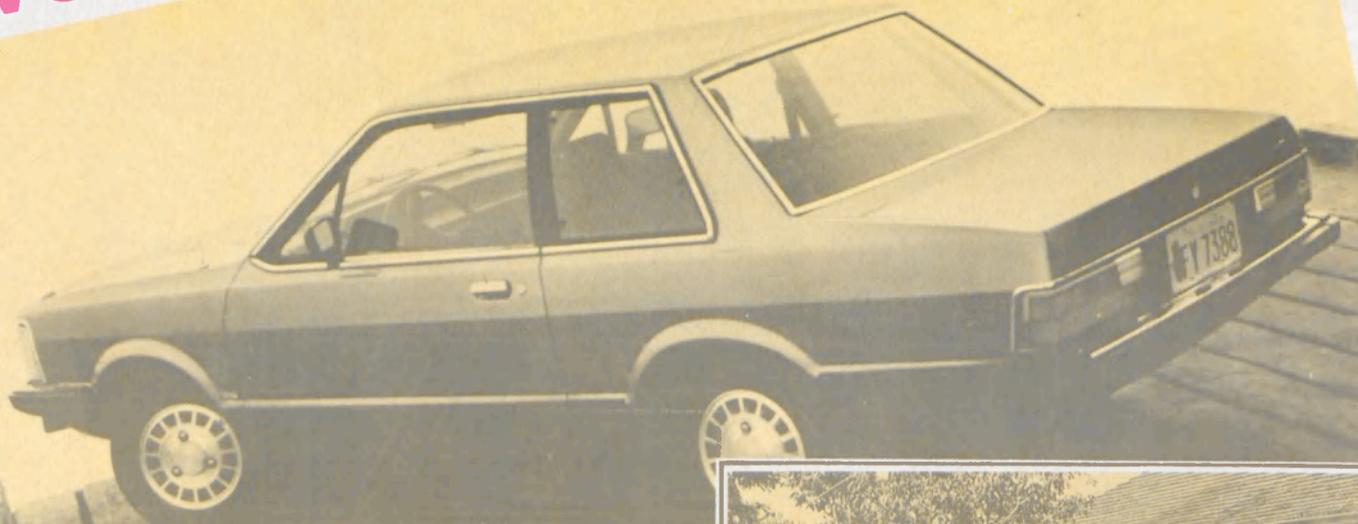
CRISE

**UM PESO DIFÍCIL
PARA O
NOVO GOVERNO**

0865

AS 100 EMPRESAS QUE MAIS PAGAM ICM

A verdade dos números



Esta é a posição da Granorte Veículos e Peças Ltda. na relação das 100 empresas que mais pagaram ICM no Rio Grande do Norte, em 1982. A comparação com 1981 traduz um crescimento de mais de 100%, tanto na Capital como no interior. São números, são fatos. Prova da qualidade de um produto, de um correto desempenho comercial, da resposta crescente a uma filosofia de trabalho que pretende oferecer sempre o melhor.



Do 23º lugar para o 10º na capital e do 35º para o 16º em todo estado, em 1 ano



- **GRANORTE VEICULOS**
Av. Salgado Filho, 2810 — Tel.: 231-4272
- **GRANORTE TRATORES**
Av. Salgado Filho, 1669 — Tel.: 231-6326
- **GRANORTE ADMINISTRADORA DE CONSÓRCIO**
Av. Pte. Bandeira, 656 — Tel.: 223-4634

ÍNDICE

Na presença incômoda da seca, a razão da crise.....	18
Desenvolvimento agrícola, vital para a solução.....	22
Equipe de Agripino começa logo trabalho.....	24
Posse foi quase sem festa.....	26
Lavoisier, descanso enfim.....	27
Nova função da Secretaria de Governo vai ser social.....	29
Mesmo com a crise, o pagamento sai em dia.....	30
Movimento do "overnight" à casa de Cr\$ 1 bilhão, no RN.....	32
Empresa compra ouro no paralelo.....	36
BNH vê com equilíbrio questão dos atrasos.....	37
Caderneta do FGTS vai orientar empregado.....	39
Na vida universitária, também importância da cultura... ..	40
Nem todas iniciativas têm apoio... ..	41
Ensino: Unipcc, a alternativa do nível superior.....	45
Impasses no ensino.....	46
Crédito: informações confundem agricultor.....	50
Desemprego tende a se agravar no RN.....	52

ARTIGOS

Manoel Barbosa.....	7
Cortez Pereira.....	35
Rosemilton Silva.....	58

SEÇÕES

Homens & Empresas.....	4
Cultura.....	48

HUMOR

Cláudio.....	56
--------------	----

CAPA

Concepção de Flávio Américo



A Comercial Régio apresentou bom crescimento, com suas lojas de Natal

Quem paga mais ICM

Mantendo a sua tradição, **RN/ECONÔMICO** volta a publicar a relação das empresas que mais pagaram Imposto de Circulação de Mercadorias (ICM), no exercício fiscal passado, segundo levantamento dos próprios técnicos da Secretaria da Fazenda. Substancialmente, a relação mantém as posições básicas do ano passado. Mas apresenta algumas novidades interessantes, que servem como ilustração das características da economia do Rio Grande do Norte. Algumas empresas — especialmente as que

continuam investindo em propaganda, mesmo com a recessão — apresentaram crescimento bem significativo. Os números estão acompanhados, este ano, de outros dados mais pormenorizados fornecidos pelos técnicos fazendários, todos capazes de permitir a formação de avaliações sobre a conjuntura empresarial e do processo de centralização econômica no Estado. A matéria com esses dados está na página oito e as relações — da Capital, do Interior e do Estado — estão a partir da página 10.

RN/ECONÔMICO

REVISTA MENSAL • ANO XIV • N.º 140 • MARÇO/1983 • CR\$ 500,00

DIREÇÃO

DIRETOR/EDITOR: Marcelo Fernandes de Oliveira
DIRETORES: Núbia Silva Fernandes de Oliveira, Maurício Fernandes de Oliveira e Fernando Fernandes de Oliveira

REDAÇÃO

DIRETOR DE REDAÇÃO: Manoel Barbosa
ARTE E PRODUÇÃO
CHEFE: Euryly Moraes da Nóbrega

PROGRAMAÇÃO VISUAL E DIAGRAMAÇÃO: Moacir de Oliveira

FOTOCOMPOSIÇÃO: Antônio José D. Barbalho

DEPARTAMENTO COMERCIAL

GERENTE COMERCIAL: Paulo de Souza
GERENTE DE ASSINATURAS: Antônio Emlido da Silva

RN/ECONÔMICO — Revista mensal especializada em

assuntos sócioeconômicos do Rio Grande do Norte, é de propriedade de RN/ECONÔMICO EMPRESA JORNALÍSTICA LTDA. — CGC n.º 08.286.320/0001-61 — Endereço: Rua São Tomé, 421 — Natal (RN) — Telefone: 222.4722. É proibida a reprodução total ou parcial de matérias da revista, salvo quando seja citada a fonte. Preço do exemplar: Cr\$ 500,00. Preço da assinatura anual: Cr\$ 5.000,00. Preço da assinatura bianual: Cr\$ 8.000,00. Preço do número atrasado: Cr\$ 1.000,00

HOMENS & EMPRESAS

RIACHUELO CHEGA A MOSSORÓ — As lojas Riachuelo, do grupo Guararapes, inaugura em abril, a sua segunda loja do Estado, em Mossoró. A loja de departamentos obedece ao sistema de vendas da cadeia Riachuelo, com moda infanto-juvenil, cama, mesa e banho, artigos esportivos, moda masculina e feminina. A Riachuelo é a primeira loja de departamentos de Mossoró com ar condicionado central, e 1.400 m² de conforto para compras. A inauguração contará com a presença do diretor-presidente Nevaldo Rocha, dos diretores Nilson Rocha e Raimundo Costa, de Natal e toda a diretoria de Fortaleza.

★ ★ ★

ALCON/T. BARRETO TRANSA FINAL — A Alpargatas Confecções do Nordeste (Alcon), está em fase final de negociações para a compra da T. Barreto, indústria de confecções, que já vinha produzindo há algum tempo para a Alpargatas. Para o acerto final, falta apenas a composição do passivo, que tem como maior credor o Governo. E preciso que o Governo do Estado use de bo senso para não perder essa oportunidade de que é muito importante para o Rio Grande do Norte pelos seus múltiplos aspectos, inclusive pelos empregos garantidos nessa área de atividade econômica do Estado.

★ ★ ★

AS 100 MAIORES EMPRESAS DO RN —



Nevaldo Rocha

Dentre as maiores empresas do Rio Grande do Norte, conforme relação publicada nesta edição, as classificadas nos primeiros lugares, bem como as que mais pagam ICM em suas atividades, tem uma parcela de seus investimentos concentrados na propaganda, veiculando anúncios na mídia impressa e eletrônica. Isto prova que a propaganda ainda é o melhor remédio para se vender em época de crise. O que falta é uma maior conscientização por parte dos empresários do Estado e passar a ver a propaganda como um investimento, com retorno garantido, e não como gasto supérfluo.

★ ★ ★

TRIBUNA DO NORTE VAI MUDAR — A Empresa Jornalística Tribuna do Norte passa, a partir deste mês, a ter uma nova filosofia político/administrativa. A Empresa se transformará em uma sociedade anônima, com abertura de seu capital para novos sócios, bem como terá uma reestruturação na linha editorial do jornal Tribuna do Norte. O jornal manterá sua linha de oposição, devendo partir

para o dinâmico e menos pessoal, conforme se despreende da nota divulgada. Segundo informações, na parte publicitária o jornal contará com o apoio dos Governos de São Paulo e Minas Gerais.

★ ★ ★

MAIS UMA DA NAVESA — O Grupo Dão Silveira, concessionário Chevrolet, Natal Veículos, conseguiu mais uma revenda para o Grupo em Natal. A General Motors autorizou a construção da nova loja, na Nascimento de Castro, próximo à Prudente de Moraes e do Hiper Bompreço. O início da construção da nova revenda está previsto para o mês de junho e tem prazo de conclusão para dezembro próximo. O Grupo do velho Dão Silveira vem alcançando bons resultados com o crescente aumento de suas vendas de todas as linhas da Chevrolet.

★ ★ ★

MOTEL TAHITI AGORA DE COMPUTADOR — Alcyone Dowseley, proprietário do Motel Tahiti, conhecido pelo pioneirismo de seu empreendimento, colo-

ca-se mais uma vez à frente de seus concorrentes. Depois da instalação do primeiro Motel de classe em Natal, implantará nos próximos dias a prestação de serviços de computador. Alcyone comprou diretamente de São Paulo, na Prológica, os equipamentos que colocará à disposição de seus clientes para prestar mais um serviço rápido e eficiente. Do controle de entrada, às comandas do bar, todos estarão ligados ao terminal de computador na recepção do Tahiti.

★ ★ ★

AINDA SOBRE A COCA-COLA — Com a evolução das negociações para a concessão de engarrafamento da Coca-Cola no Rio Grande do Norte, tudo indica que ficará mais uma vez com um grupo cearense, e não como chegamos a noticiar, na edição passada, com gente daqui. O novo concessionário para o Rio Grande do Norte deverá ser o empresário Expedito Machado (Grupo Vilejack), que está em entendimentos finais com a Matriz brasileira.

★ ★ ★

PUBLICIDADE COOPERATIVA — A Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (ECT), está colocando à disposição das empresas comerciais e industriais um novo sistema de publicidade: a publicidade cooperativa, através da qual uma firma co-patrocinadora distribui, por intermédio da ECT, volantes e folhetos promocionais, displays, brin-

HOMENS & EMPRESAS

des, etc. Nesse tipo de publicidade a confecção das peças promocionais fica por conta do co-patrocinador e a distribuição é feita pela ECT, a nível local ou nacional. O espaço das peças é dividido entre a ECT e a empresa. A publicidade cooperativa é uma mídia interessante para as agências de publicidade.

★ ★ ★

CÁLCULO ESTRUTURAL COMPUTADORIZADO

— O calculista Robinson Azevedo já está desenvolvendo os trabalhos de cálculo estrutural com o auxílio de um computador de 64 Kibais de memória. O computador, além de agilizar mais os serviços, permite fazer os cálculos em menor espaço de tempo, possibilitando a definição de sistemas estruturais menos simplificados, o que acarreta o menor consumo de material. Robinson Azevedo, que tem curso de Pós-Graduação na Universidade Federal do Rio de Janeiro, é o responsável pelo projeto da Guararapes Têxtil S/A, em fase de implantação no Distrito Industrial, com área superior a 20 mil m².

★ ★ ★

BANCO AUXILIAR LIDERA IMPOSTO DE RENDA

— O Banco Auxiliar foi o que mais adiantou o Imposto de Renda pago a mais, este ano, porque pagou percentual maior do que os outros por cobrar um juro menor. O seu gerente, Francisco Bezerra, desenvolvendo uma estratégia de "marketing"



Carlos Alverga

oportuna, obteve excelentes resultados no cômputo geral.

★ ★ ★

DESCENTRALIZAÇÃO DA PUBLICIDADE

— Há uma tendência no Governo do Estado para descentralizar a sua publicidade entregando a conta ao maior número possível de agências, desde que estejam devidamente qualificadas. O assunto ainda não foi apreciado devidamente porque, no seu primeiro mês de Governo, o sr. José Agripino tem se preocupado com o aumento do funcionalismo e com a crise das finanças estaduais.

★ ★ ★

CARROS USADOS

— Com o aumento seguido dos preços dos veículos

novos, as revendas de Natal estão dispostas a seguir o exemplo da Savel, dinamizando o setor de venda de carros usados, com promoções semelhantes à da Feira do Carro Usado.

★ ★ ★

PROJETO NATAL INDEFINIDO

— O superintendente do INAMPS no Rio Grande do Norte, Dinarte Mariz Júnior, não tem mais data definida para implantação do Projeto Natal. Ele era um entusiasta desse programa que, ao ser anunciado, provocou inquietação entre as empresas que exploram os serviços médicos. Porém, houve problemas para os acertos finais de convênio com a Secretaria da Saúde e o Projeto Natal, depois de dois adiamentos, agora entrou na fase de indefinição. Há fortes

rumores de que ele jamais será implantado, porque a direção geral do INAMPS decidiu voltar atrás. Por enquanto, de oficial existe um adiamento sem data fixada.

★ ★ ★

NOVA DIRETRIZ DO BB

— Ao contrário dos superintendentes anteriores, o atual superintendente do Banco do Brasil em Natal, Carlos Alverga, tem se mostrado muito econômico em notícias e nas informações tanto nos contatos com a imprensa, como com os empresários que vão em busca de confirmação a respeito dos rumores de corte de crédito, mais crédito, menos crédito, etc. Agora o superintendente ~~que~~ recebeu ordens para comunicar o estritamente necessário. É, sem dúvida, uma mudança radical na política do Banco do Brasil em relação aos seus superintendentes. Há algum tempo o banco oficial decidira tornar o relacionamento entre a comunidade e os seus superintendentes bem mais descontraído, tornando isso mesmo uma política sistemática. Talvez a modificação seja consequência da crise econômica que atravessa o País, obrigando ao seu principal estabelecimento bancário tornar-se mais sizado porque, assim, torna-se mais fácil aos seus funcionários negar o crédito que muitos pretendem angustiadamente. De uma forma ou de outra, foi-se o tempo — pelo menos por ora — em que um superintendente do BB disputava popularidade com os políticos.

Este é o momento das decisões



NOVO OU USADO, BASTA ESCOLHER A MARCA. DEPOIS VENHA BUSCAR O SEU CARRO



Peças e equipamentos para o seu carro você encontra em
DUAUTO EQUIPADORA — PEÇAS E ACCESSÓRIOS
Pneus Good Year para todos os tipos de veículos procure em
DUAUTO PNEUS

d/duauto veículos ltda.

O salão nobre do automóvel.
Presidente Bandeira, 1240 Lagoa Seca.



guararapes

CONFEÇÕES GUARARAPES S.A.
COMPANHIA ABERTA - CGC 08.402.943/0001-52

NOSSAS AÇÕES
SÃO NEGOCIADAS
NAS BOLSAS DE VALORES

RELATORIO DA DIRETORIA

Cumprindo disposições legais e estatutárias, submetemos ao exame e deliberação de V.Sas., o relatório das atividades sociais desta Companhia, no exercício encerrado em 31 de dezembro de 1982, acompanhado do balanço patrimonial, da demonstração do resultado e demais demonstrativos financeiros, com os pareceres favoráveis do Conselho de Administração e dos Auditores Independentes.

O comportamento adverso do mercado como um todo, estimula as empresas a buscarem soluções que amenizem os seus custos e melhorem o desempenho de suas atividades. Dentro dessas premissas, a Guararapes procurou desenvolver os seus negócios e conseguiu, ao final do exercício, os resultados apresentados em seu balanço.

A receita líquida de Cr\$ 23.952,0 milhões cresceu 149% comparada com o ano anterior (Cr\$ 9.631,3 milhões). O lucro líquido de Cr\$ 8.720,9 milhões (Cr\$ 13,97 por ação, calculado sobre 624.351.921 ações em circulação), representa um crescimento de 312% sobre o resultado alcançado no exercício anterior (Cr\$ 2.113,7 milhões). A evolução do patrimônio líquido foi de 165%, elevando o valor patrimonial da ação para Cr\$ 46,79, contra Cr\$ 17,71 em 1981. O imobilizado representa 68,52% do patrimônio líquido (63,0% no ano anterior).

A produção física cresceu 5%, em comparação com exercício anterior e para o ano de 1983 a Companhia pretende manter o mesmo ritmo de produção alcançado em 1982.

O capital social sofreu duas alterações no decorrer do exercício. Em AGE de 28/04/82, o capital foi elevado de Cr\$ 4.016,1 milhões para Cr\$ 10.000,0 milhões, com os efeitos da correção monetária e reservas de lucros, não havendo, na ocasião, a emissão de novas ações. Na AGE de 15/07/82, o capital foi novamente elevado de Cr\$ 10 bilhões para Cr\$ 10,1 bilhões, sendo parte com o aproveitamento de incentivos fiscais de Cr\$ 32.747.950,62, que deram origem a emissão de 1.849.122 ações ordinárias nominativas ao FINOR e o complemento de Cr\$ 67.252.049,38, utilizando parte dos lucros suspensos existentes, sem emissão de novas ações, ficando, assim, o capital social da Companhia dividido em 624.351.921 ações ordinárias.

Com a autorização do Conselho de Administração, em reunião realizada em 12/05/82, foi criada em 17/05/82, a PROMALHA-TINTURARIA TEXTIL LTDA., com o capital social inicial de Cr\$ 5 milhões, cujo objetivo principal foi o de sanar as dificuldades encontradas pela Companhia no tingimento e acabamento de tecidos de malha de sua fabricação.

Paralelamente, este empreendimento servirá para treinamento e aperfeiçoamento do pessoal técnico a ser utilizado no projeto da GUARARAPES TEXTIL S/A, já aprovado pela SUDENE e em fase de implantação.

Em prosseguimento ao plano de expansão do Grupo, adquirimos em 1982, imóveis comerciais no valor de Cr\$ 4.506,6 milhões para instalação de suas lojas de varejo.

Iniciamos o exercício com 120 lojas em funcionamento e 20 em obras. Ao final do ano, atingimos o total de 160 unidades de vendas, sendo 132 em operação e 28 em fase de construção, porém, com início de atividades previsto para 1983.

Atualmente as controladas representam 33% do faturamento da Guararapes. As receitas das empresas controladas totalizaram Cr\$ 22.169,0 milhões (Cr\$ 8.413,8 milhões em 1981) proporcionando um lucro de Cr\$ 895,0 milhões (Cr\$ 449,9 milhões em 1981).

A distribuição do lucro líquido, apresentada no quadro de demonstração das mutações do patrimônio líquido é o objeto da proposta da Diretoria a ser submetida aos Senhores Acionistas, que discriminamos abaixo:

Reservas compulsórias p/reinvestimentos de reduções e isenções do Imposto de Renda	2.880.469
Reserva Legal	298.757
Dividendos propostos	1.386.061
Reserva de Lucros para Aumento de Capital Social	4.155.651
	<u>8.720.938</u>

O dividendo proposto é de Cr\$ 2,22 por ação (0,60 por ação em 1982). Propomos ainda que os lucros acumulados de exercícios anteriores, seja transferido o valor de Cr\$ 507.724.397,50 para a conta de Reserva de Lucros para Aumento de Capital Social.

Encerrando, propomos o aumento do capital social para Cr\$ 28 bilhões com o aproveitamento da correção monetária do balanço e demais reservas capitalizáveis.

Agradecemos a valiosa colaboração de nossos funcionários, hoje cerca de 7.700 (Em 1981:7.400), nas unidades fabris e de 5.300 (4.200 em 1981) nas empresas controladas, que muito contribuíram para o bom desempenho de todo o Grupo.

Desejamos agradecer, ainda, a confiança e o apoio dos Senhores Acionistas, a preferência de nossos clientes, a cooperação dos nossos fornecedores e entidades financeiras, e as atenções recebidas das autoridades.

Natal, 08 de março de 1983
A DIRETORIA

BALANÇO PATRIMONIAL EM 31 DE DEZEMBRO (Em milhares de cruzeiros)

ATIVO	1982		1981		PASSIVO	1982		1981	
	1982	1981	1982	1981		1982	1981	1982	1981
CIRCULANTE					CIRCULANTE				
Caixa e bancos	507.058	305.724	Fornecedores	2.970.142	1.073.533				
Aplicações financeiras no mercado aberto	3.373.900	752.253	Salários e contribuições sociais	364.495	148.092				
Contas a receber de clientes	9.003.669	4.407.785	Imposto de renda	693.662	113.907				
Titulos descontados	(1.082.682)	(864.020)	Imposto sobre circulação de mercadorias	383.756	174.814				
Provisão para contas de cobrança duvidosa	(200.163)	(132.234)	Financiamentos	181.650	61.872				
Imposto de renda a recuperar	25.624		Imposto sobre operações de câmbio	30.037	6.077				
Depósitos de incentivos fiscais — ICM	42.874	12.069	Promissórias a pagar	799.120	126.350				
Menos: pendentes de liberação	(42.874)	(12.069)	Dividendos propostos	1.386.061	373.502				
Demais contas a receber	293.879	90.765	Demais contas e despesas a pagar	215.238	66.453				
Estoques	4.996.431	2.050.119	EXIGIVEL A LONGO PRAZO						
Despesas do exercício seguinte	96.331	66.079	Financiamentos	846.155	457.744				
	<u>17.014.047</u>	<u>6.676.471</u>	Imposto sobre operações de câmbio	165.202	39.501				
REALIZÁVEL A LONGO PRAZO			Empresas controladas	358	3.000				
Empresas controladas	128.768	14.752	PATRIMONIO LIQUIDO						
Empréstimos compulsórios e depósitos vinculados	87.560	35.045	Capital social	10.100.000	4.016.107				
	<u>216.328</u>	<u>49.797</u>	Reservas de capital	13.084.136	4.725.956				
PERMANENTE			Reservas de lucros	5.941.699	495.322				
Investimentos			Lucros acumulados	85.104	1.786.410				
Empresas controladas	4.811.964	1.875.055		<u>29.210.939</u>	<u>11.023.795</u>				
Outras empresas	10.891	3.282	TOTAL DO ATIVO						
Imóveis	10.043.116	2.397.444		<u>37.246.815</u>	<u>13.668.640</u>				
	14.865.971	4.275.781							
Imobilizado	5.150.468	2.666.591							
	<u>20.018.440</u>	<u>6.942.372</u>							
TOTAL DO ATIVO	<u>37.246.815</u>	<u>13.668.640</u>							

* As notas explicativas são parte integrante das demonstrações financeiras.

DEMONSTRAÇÃO DO RESULTADO

(Em milhares de cruzeiros)

	Exercícios findos em 31 de dezembro	
	1982	1981
RECEITA OPERACIONAL BRUTA	27.478.498	11.018.604
Deduções		
• ICM, PIS e FINSOCIAL	(3.320.167)	(1.267.703)
• Devoluções	(296.283)	(119.558)
RECEITA OPERACIONAL LIQUIDA	23.952.048	9.631.343
CUSTO DOS PRODUTOS VENDIDOS		
Lucro bruto	9.048.870	3.927.303
	<u>14.903.378</u>	<u>5.704.040</u>
DESPESAS OPERACIONAIS		
Financeiras		
• Descontos concedidos	489.854	211.740
• Juros e outros encargos	1.301.830	533.860
• Receitas financeiras	(1.628.030)	(256.877)
	163.654	488.923
Com vendas	1.666.131	970.554
Gerais e administrativas	1.465.605	610.578
Honorários dos administradores	120.500	54.000
	<u>3.415.890</u>	<u>2.124.055</u>
PARTICIPAÇÕES EM EMPRESAS CONTROLADAS		
Equivalência patrimonial	1.010.341	448.480
Lucro operacional	12.497.829	4.028.465
RECEITAS E DESPESAS NÃO OPERACIONAIS, LIQUIDAS		
	28.179	4.420
CORREÇÃO MONETÁRIA DO BALANÇO		
Lucro antes do imposto de renda	(3.137.032)	(1.805.272)
	<u>9.388.976</u>	<u>2.227.613</u>
IMPOSTO DE RENDA		
Lucro líquido do exercício	668.038	113.907
	<u>8.720.938</u>	<u>2.113.706</u>
OUTRAS INFORMAÇÕES		
Vendas consolidadas	41.292.678	15.975.485
Lucro líquido sobre vendas consolidadas — %	21,12	13,23
Lucro líquido por ação do capital no fim do exercício — Cr\$	13,97	3,40
Quantidade de ações do capital no fim do exercício	624.351.921	622.502.799
Valor patrimonial da ação no fim do exercício — Cr\$	46,79	17,71

As notas explicativas são parte integrante das demonstrações financeiras.

DEMONSTRAÇÃO DAS ORIGENS E APLICAÇÕES DE RECURSOS

(Em milhares de cruzeiros)

	Exercícios findos em 31 de dezembro	
	1982	1981
ORIGENS DOS RECURSOS		
Das operações sociais		
Lucro líquido do exercício	3.720.938	2.113.706
Despesas (receitas) que não afetam o capital circulante:		
Variações monetárias do realizável a longo prazo	(41.697)	(11.284)
Participações em empresas controladas		
• Equivalência patrimonial	(1.010.341)	(448.480)
• Ganho de capital, não operacional		(1.349)
Depreciações	403.372	161.418
Valor residual de ativos permanentes baixados	3.054	2.045
Variações monetárias do exigível a longo prazo	410.258	130.487
Correção monetária do balanço	3.137.032	1.805.272
	<u>11.619.616</u>	<u>3.751.815</u>
De terceiros		
Dividendos recebidos de empresa controlada	29.445	29.445
Ingresso de recursos no exigível a longo prazo	249.582	369.758
Incentivos fiscais do imposto de renda e do ICM	51.900	22.439
Aumento de capital com recursos do FINOR	32.748	
	<u>334.230</u>	<u>421.642</u>
TOTAL DOS RECURSOS	<u>11.953.846</u>	<u>4.173.457</u>
APLICAÇÕES DOS RECURSOS		
No realizável a longo prazo		
• Empresas controladas	101.621	3.386
• Empréstimos compulsórios e depósitos vinculados	20.213	10.580
	<u>121.834</u>	<u>13.966</u>
No ativo permanente		
• Investimentos		
• Empresas controladas e outras empresas	81.515	14.750
• Imóveis	4.506.692	852.839
• Imobilizado	230.967	544.896
	<u>4.819.174</u>	<u>1.412.485</u>
Em transferência para o passivo circulante		
• Financiamentos	121.420	
• Imposto sobre operações de câmbio	24.308	
• Empresa controlada	2.642	
	<u>148.370</u>	
Em dividendos propostos	1.386.061	373.502
Em ajustes de exercícios anteriores	20.392	
Em aumento do capital circulante	5.458.015	2.373.504
TOTAL DAS APLICAÇÕES	<u>11.953.846</u>	<u>4.173.457</u>
VARIAÇÕES DO CAPITAL CIRCULANTE		
ATIVO CIRCULANTE		
No fim do exercício	17.014.047	6.676.471
No início do exercício	6.676.471	3.200.326
	<u>10.337.576</u>	<u>3.476.145</u>
PASSIVO CIRCULANTE		
No fim do exercício	7.024.161	2.144.600
No início do exercício	2.144.600	1.041.959
	<u>4.879.561</u>	<u>1.102.641</u>
AUMENTO DO CAPITAL CIRCULANTE	<u>5.458.015</u>	<u>2.373.504</u>

As notas explicativas são parte integrante das demonstrações financeiras.

DEMONSTRAÇÃO DAS MUTAÇÕES DO PATRIMONIO LIQUIDO (Em milhares de cruzeiros)

	Capital social	Reservas de capital			Reservas de lucros		Lucros acumulados
		Correção monetária do capital	Redução, isenção e reinvestimento do imposto de renda	Redução do ICM	Legal	Para aumento de capital	
Em 31 de dezembro de 1980	2.000.000						959.093
Incentivos fiscais do imposto de renda		1.015.511	542.906	121	214.643		(558.488)
Capitalização de reservas e lucros acumulados	2.016.107	(1.015.511)	(441.987)	(121)			382.858
Correção monetária		3.823.491	117.395		205.134		2.113.706
Lucro líquido do exercício							(737.257)
Apropriação e distribuição proposta							(373.502)
• Reservas			642.495	19.217	75.545		
• 16º dividendo (Cr\$ 0,60 por ação)							
Em 31 de dezembro de 1981	4.016.107	3.823.491	883.248	19.217	495.322		1.786.410
Ajustes de exercícios anteriores							(20.392)
Incentivos fiscais do imposto de renda e do ICM			1.625	50.275			
Aumento de capital com recursos do FINOR	32.748						
Capitalização de reservas e lucros acumulados	6.051.145	(3.823.491)	(742.186)	(19.217)			(1.466.251)
Correção monetária		9.854.642	139.184	16.879	484.244		293.082
Lucro líquido do exercício							8.720.938
Apropriação e distribuição proposta							(7.842.602)
• Reservas			2.880.469		298.757	4.663.376	
• 17º dividendo (Cr\$ 2,22 por ação)							(1.386.061)
Em 31 de dezembro de 1982	10.100.000	9.854.642	3.162.340	67.154	1.278.323	4.663.376	85.104
			<u>13.084.136</u>				

As notas explicativas são parte integrante das demonstrações financeiras.

NOTAS EXPLICATIVAS ÀS DEMONSTRAÇÕES FINANCEIRAS EM 31 DE DEZEMBRO DE 1982 E DE 1981

1 — CONTEXTO OPERACIONAL

A empresa é uma sociedade anônima aberta e tem como atividade preponderante a industrialização e comercialização de calças e camisas. As unidades fabris estão localizadas em Natal (RN), Fortaleza (CE) e São Paulo (SP), sendo esta última apenas beneficiadora de matéria-prima a ser utilizada na produção das demais unidades fabris. A comercialização é efetuada através de representantes autônomos e de empresas controladas.

Em maio de 1980 e em janeiro de 1981, entraram em operação, respectivamente, as novas unidades fabris localizadas em Natal e Fortaleza que atingirão em 1983 a plena capacidade de produção.

Incentivos fiscais:

(a) Imposto de renda

A empresa goza, até o ano-base de 1984, de redução de 50% do imposto de renda devido sobre o resultado

operacional das atividades das unidades fabris originalmente instaladas em Natal, Mossoró e Fortaleza e de isenção do imposto, até o ano-base de 1986, relativamente à ampliação das unidades de Mossoró e Fortaleza. As novas unidades fabris, localizadas em Natal e Fortaleza, gozam — até o ano-base de 1988 e 1989, respectivamente — de isenção desse tributo.

A empresa optou, ainda, por aplicar parte do imposto devido como reinvestimento.

Montante equivalente a esses incentivos é apropriado de lucros acumulados para uma reserva de capital.

(b) Imposto sobre circulação de mercadorias (ICM)

A empresa gozou até 31 de dezembro de 1982 da redução de 30% do ICM a recolher devido na comercialização de produtos fabricados pela unidade II de Natal. A parcela da redução do ICM, condicionada a aumento de capital, é depositada em conta vinculada no Banco de Desenvolvimento do Rio Grande do Norte S.A. — BDRN. A fruição desse benefício está condicionada ao atendimento de requisitos da legislação estadual específica.

(Continua na página seguinte)

Eterna dependência

MANOEL BARBOSA

O dramático da dependência do Rio Grande do Norte em relação ao Governo Central é que o Estado, nos tempos de bonança, pouco tem a esperar e, nas épocas de crise, muito a perder. Não há paradoxos nessa situação. É a lógica algo cruel de uma sistemática que, infelizmente, já tem jurisprudência firmada desde os tempos do Império.

Por mais boa vontade e talento administrativo que um governante tenha, ele vai esbarrar sempre nessa situação. Claro, pelo menos, enquanto prevalecer o critério do atual sistema federativo brasileiro, lamentavelmente desequilibrado. O empresariado potiguar, sobretudo suas figuras mais experientes e informadas, sabe disso. Tem convivido com o processo e sobrevivido apesar dele. Porém conhece bem a sua implacabilidade.

Numa crise como a atual, as coisas ficam mais difíceis ainda. Sim: o Rio Grande do Norte vem sofrendo graves problemas por causa de quatro/cinco secas consecutivas e por estar sendo pressionado pelo aperto econômico, as rédeas curtas do crédito. Com o encurtamento das já curtas e tateantes linhas de crédito/ajuda, a situação tenderá a piorar. Muito bem: é um quadro negro.

Mas quem, em Brasília, vai se sensibilizar com ele?

Aí entra aquela lógica cruel da dependência. Quando todo o País está em crise, será muito fácil para um tecnocrata de Brasília, ao se deparar com os problemas do Rio Grande do Norte, responder que tem coisas muito mais graves a resolver. Como a luta desigual para equilibrar o balanço de pagamentos, ou fechar diariamente as contas do Banco do Brasil no setor interbancário internacional. Basta o tecnocrata mostrar alguns números e o requerente vai recuar silenciado, com seus planos novamente recolhidos à comodidade da pasta.

Naturalmente que a pergunta se formará espontaneamente, mesmo que não seja articulada:

— E o Rio Grande do Norte, que sempre viveu em dificuldades, o que tem a ver com isso?

O bom senso evitará tal cena. Mas é possível que um ou outro governante desta Região perca a paciência, pressionado pelas dificuldades e frustrações por não poder executar seu programa como deseja.

O quadro da situação atual é mais ou menos esse — talvez pior. Claro que, por uma questão de fidelidade partidária, de conveniência, os homens do PDS que ganharam pelo voto popular o direito de adminis-

trar os Estados do Nordeste não vão pintar, publicamente, a situação com essas tintas. Mas têm outras tintas. As duas reuniões de governadores — em Fortaleza e em Natal — foram oportunidades para que o quadro fosse desenhado sutilmente e de forma não contundente mas, ainda assim, com paisagem bem nítida. A situação econômica do Rio Grande do Norte não é boa. Nem podia ser. Só alguns exportadores podem se beneficiar da atual conjuntura, em função da prevalência da política de exportação do País. Mas mesmo esses parecem acanhados, não se deslumbrando com as vantagens do momento.

Com tantas dificuldades se avolumando, talvez o Governador José Agripino seja obrigado a reciclar o seu otimismo. Aliás, uma das armas do Estado, no momento, é o entusiasmo do seu jovem Governador. Talvez pela juventude, talvez por estar em início de mandato, talvez pela empolgação de uma grande vitória eleitoral, o fato é que o novo governante do Rio Grande do Norte não dá a menor demonstração de se intimidar com a conjuntura nacional. Ele já deixou transparecer isso na entrevista que concedeu a esta revista.

Não deixa de ser um fator positivo, o ânimo do Governador. Talvez não baste para superar obstáculos de uma conjuntura secular. Mas é uma arma eficiente e, além do mais, contagiante. De qualquer forma, o desespero, o desânimo, a falta de disposição e o negativismo não resolverão nada. Os homens de Brasília são insensíveis a lamentos, porque eles mesmo têm muito do que lamentar nas suas peregrinações mundo afora em busca de dólares. E o mercado financeiro internacional não se comove com nada — absolutamente nada, seja falência nacional, guerra ou seca no Nordeste.

Muitos dos auxiliares do novo Governador estão bem familiarizados com os impasses típicos do Rio Grande do Norte. Vão transmitir a prática dessa familiarização, é evidente, porque haverá plena continuidade administrativa entre a administração que finda e a que começa, o que não é muito comum no Estado, pelo menos no nível atual. É outro ponto a favor.

O que não se pode esconder é a tensão generalizada. Uma tensão expectante, digamos assim. Uma tensão quase curiosidade pelo desempenho de um administrador que inspira muita confiança no seu aspecto físico, na sua postura, no seu currículo de vitórias.

Será bom para todos que ele realmente vença mais uma vez.



Nordestão continua na sua escalada ascendente

ESPECIAL

As empresas que mais recolhem ICM, segundo a Sec. da Fazenda

O bolo do ICM — Imposto de Circulação de Mercadorias — representou para os cofres do Tesouro Estadual, em 1982, segundo estimativa de **RN/ECONÔMICO**, com base em levantamentos parciais do Centro de Informações Econômico-Fiscais da Secretaria da Fazenda, um total de Cr\$ 12 bilhões, 977 milhões, 385 mil e 093 cruzeiros.

Essa cifra, se bem que não se constitua exatamente num segredo, não é explicitamente fornecida pela Secretaria da Fazenda. Para chegar a ela foi preciso fazer projeções a partir dos números fornecidos pelos técnicos fazendários sobre o comportamento da arrecadação em diversos setores. Números, saliente-se, bem interessantes porque, por eles, além de ter sido possível chegar ao total da arrecadação recorrendo apenas ao serviço de um contador competente, pode-se também tirar conclusões bem ilustrativas sobre a economia potiguar.

O IMPOSTO IMPORTANTE — O

arrecadação total. Ou seja: há, no Rio Grande do Norte, uma acentuada concentração das atividades econômicas para um pequeno conjunto de empresas. Ainda assim, esse percentual, em relação a 1981, diminuiu, pois naquele ano ele chegou a repre-



Sertaneja: sempre bom lugar

sentar 65,23% do total. Essas 100 empresas que mais arrecadaram — cuja relação está publicada nesta edição — em 1982 contribuíram, em seu conjunto, com Cr\$ 8.228.566.775,00 para os cofres do Estado.

Pelos números, ressalta outra característica da estrutura sócio-econômica do Rio Grande do Norte, no presente momento: a prevalência das empresas com sede em Natal e, ao mesmo tempo, da Capital como centro arrecadador. Assim, a contabilidade dos impostos recolhidos pelas 100 empresas de Natal que mais pagaram ICM em 1982 mostra uma participação total de Cr\$ 5.693.296.151,00. Essa cifra representa 43,68% do total da arrecadação de todo o ICM em 1982. Já a arrecadação das 100 maiores empresas no interior apresenta um resultado bem menos expressivo: Cr\$ 3.519.633.150,00, ou 27,12% do total da arrecadação.

Há uma pulverização de pequenos contribuintes, pois 7.855 deles, dentro do regime normal de pagamento de ICM, contribuíram com um total de Cr\$ 902.219.971,00, ou 6,95% do bolo total.

Ambulantes e feirantes também deixam a sua contribuição. Os 4.697 inscritos pagaram, no todo, em 1982, Cr\$ 11.758.430,00, correspondendo a 0,09% da arrecadação total.

ASCENSÃO E RECUOS — Na atual relação das empresas que mais pagaram ICM no Estado, em 1982, há poucas modificações. Seria impossível que as posições permanecessem estáticas, porque a flutuação é natural nos avanços e recuos dos movimentos de vendas. Há, afora, isso, um conjunto de fatores capaz de exercer influências. Entre os primeiros cinco lugares, o salto mais significativo foi dado pela Cia. Açucareira Vale do Ceará Mirim. Em 1981 a empresa figurava, na lista geral, no quarto lugar entre as 100 que mais recolheram ICM. Um ano depois passou para o segundo lugar, mais do que triplicando a sua participação percentual no total da arrecadação desse conjunto: de 1,22 para 4,49. Radir Pereira e Cia. também apresentou um avanço, saindo do sexto lugar na arrecadação total para o quarto, o que a deixa incluída entre as cinco maiores entre as 100 que mais arrecadaram no interior.

Posição inabalável é a das Confecções Guararapes S/A. Inabalável no sentido de continuar ocupando a pri-

meira posição da lista tanto no geral, como na arrecadação da Capital. A Usina Estivas S/A também manteve sua posição de líder de recolhimento de ICM no interior do Rio Grande do Norte pelo segundo ano consecutivo. Assim como a Alpargatas Confecções do Nordeste S/A se manteve no segundo lugar na relação da Capital e no terceiro do interior.

SETOR DE ALIMENTAÇÃO — O mais importante é a queda registrada entre as duas principais organizações destinadas a venda de produtos alimentícios — Supermercados Nordeste e Minipreço —, enquanto, em geral, o setor de eletrodomésticos apresentou alguma ascensão. Mesmo assim, o recuo do grupo Nordeste foi muito inexpressivo — passou do terceiro para o quarto lugar. É o recuo não se registrou em função de outro concorrente direto, pois o Nordeste passou a ocupar o lugar na lista justamente do seu concorrente mais direto — o Minipreço — que, por sua vez, passou para o oitavo lugar na relação.

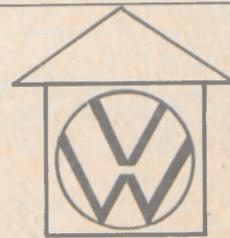
Talvez em consequência da atual situação econômica e porque atua em condições favoráveis de mercado, a Cia. Brasileira de Alimentos — COBAL, apresentou um avanço significativo — passou do 12.º lugar para o 9.º. Nas lojas de departamento, as Americanas deram um salto muito grande, passando do 31.º lugar para o 14.º, mais do que dobrando o seu avanço num ano, em termos de arrecadação de ICM. Em contrapartida, as Lojas Brasileiras S/A apresentaram um recuo: de 16.º para 22.º lugar.

O desempenho significativo de Comercial Régio S/A no setor de eletrodomésticos está bem ilustrado nos números. Com um número menor de filiais do que a sua concorrente mais direta na Capital, ela deu um pulo bastante razoável: do 10.º para o 6.º lugar.

Empresa que continua no ritmo sempre ascendente, de um ano para o outro, é Galvão Mesquita Ferragens S/A, segundo a relação dos maiores contribuintes do ICM. Depois do avanço registrado no ano passado, ela apresentou mais um neste ano: passou do 17.º posto para o 13.º, adiantando-se das suas concorrentes na Capital. □

A relação continua nas páginas seguintes.

PEÇAS PARA FIAT E VOLKS



CASA DO VOLKS

Problemas do seu carro deixam de existir, quando você faz uma boa opção, e, essa é a Casa do Volks. Dispondo de um excelente estoque de peças, tintas automotivas, acessórios, escapamento e volantes esportivas; capas para bancos e sistema de som completo. Todos com instalação grátis, além de um amplo estacionamento. Sem compromisso, faça-nos uma visita.



Gurgel & Oliveira
Comércio e
Representações Ltda.

Av. Prudente de Moraes, 1804
Tel.: 223-2488

AS 100 MAIORES CONTRIBUINTE DO ICM NO RIO GRANDE DO NORTE

— CAPITAL —

ANO BASE: 1982

NÚMERO DE ORDEM		RAZÃO SOCIAL	ATIVIDADE	RECOLHIMENTO 1982	PARTICIPAÇÃO RELATIVA	
ATUAL	ANTERIOR				CEM MAIORES EMPRESAS	ARRECAÇÃO TOTAL
01	01	Confecções Guararapes S. A.	Ind. e Com. de Confecções	724.648.965	12,73	5,58
02	02	Alpargatas Confecções do Nordeste S/A	ind. de Confecções	541.229.684	9,51	4,17
03	05	Natal Industrial S. A.	Ind. Beneficiamento de Trigo	265.658.566	4,67	2,05
04	03	Supermercados Nordeste Ltda.	Com. Varej. (Supermercados)	181.502.698	3,19	1,40
05	08	Natal Veículos e Peças S. A.	Com. de Veículos e Peças	169.644.785	2,98	1,31
06	10	Comercial Régio S. A.	Com. Móveis e Eletrodomésticos	160.476.036	2,82	1,24
07	07	Companhia de Cigarros Souza Cruz	Com. de Cigarros	158.066.076	2,78	1,22
08	04	Supermercados Mini Preço Ltda.	Com. Varej. (Supermercados)	140.893.643	2,47	1,09
09	12	Cia. Brasileira de Alimentos — COBAL	Com. Varej. (Supermercados)	126.675.135	2,22	0,98
10	23	Granorte Veículos e Peças Ltda.	Com. de Veículos e Peças	119.752.435	2,10	0,92
11	09	Divemo S. A. Dist. Pot. Veículos e Motores	Com. de Veículos e Peças	114.407.577	2,01	0,88
12	11	Marpas S. A.	Com. de Veículos e Peças	114.178.612	2,01	0,88
13	17	Galvão Mesquita Ferragens S. A.	Com. de Materiais p/Construção	109.077.503	1,92	0,84
14	31	Lojas Americanas S. A.	Com. Varej. de Prods. em Geral	107.668.424	1,89	0,83
15	14	S. A. Fiação Borborema	Ind. de Fiação	95.751.857	1,68	0,74
16	15	Indústria e Comércio José Carlos S. A.	ind. Beneficiamento de Café	93.765.857	1,65	0,72
17	06	Soriedem S. A. — Confecções	Ind. e Com. de Confecções	92.932.522	1,63	0,72
18	20	Revend. Com. Varej. de Produtos Avon	Com. Varej. de Cosméticos e Perfumes	87.368.701	1,53	0,67
19	—	Agrimex - Agro Indust. Mercant. Excelsior S. A.	Com. de Cimento	83.733.956	1,47	0,65
20	19	Distribuidora de Autom. Seridó S. A.	Com. de Automóveis e Peças	80.622.110	1,42	0,62
21	25	Queiroz Oliveira Comércio Ind. Ltda.	Com. Varej. de Material p/Construção	75.984.160	1,33	0,59
22	22	R. Gurgel Ltda.	Com. de Material p/Construção	72.742.029	1,28	0,56
23	16	Lojas Brasileiras S. A.	Com. de Prods. em Geral	62.448.824	1,10	0,48
24	39	Trevo Indústria e Comércio Ltda.	Ind. de Benefic. de Pedras e Cimento	61.631.287	1,08	0,47
25	18	Radir Pereira e Cia.	Com. Varej. Mouv. Eletrodomést. de Veic.	61.078.615	1,07	0,47
26	45	CBV — Indústria Mercânica S. A.	Com. Máquinas e Equipamentos	59.210.036	1,04	0,46
27	26	Importadora Com. de Madeiras Ltda.	Com. de Material p/Construção	58.580.147	1,03	0,45
28	24	Camisaria União	Com. de Tecidos e Confecções	56.976.170	1,00	0,44
29	28	Salustino Veículos S. A.	Com. de Veículos e Peças	55.191.737	0,97	0,43
30	29	Comercial Alcides Araújo Ltda.	Com. de Tecidos e Confecções	50.910.335	0,89	0,39
31	21	Hughes Tool Brasil Equip. Industriais Ltda.	Com. de Máquinas e Equipamentos	46.394.561	0,81	0,36
32	33	L. Cirne e Cia. Ltda.	Com. de Pneus	44.204.779	0,78	0,34
33	40	J. Resende Comércio S. A.	Com. de Mouv. e Aparelhos Eletrodomést.	43.219.359	0,76	0,33
34	35	Porcino Irmãos Comercial Ltda.	Com. de Eletrodomésticos e Móveis	43.051.911	0,76	0,33
35	30	Cia. Paraibana de Cimento Portland — CIMEPAR	Com. de Cimentos	39.915.301	0,70	0,31
36	34	Indústrias Jossan S. A.	Ind. de Transformação de Metais	39.133.068	0,69	0,30
37	32	Medeiros e Paiva Ltda.	Com. de Cereais	36.380.237	0,64	0,28
38	46	Casa Júnior Comercial Ltda.	Com. de Mouv. e Eletrodomésticos	34.622.915	0,61	0,27
39	43	Walter Pereira — Livraria e Papelaria Ltda.	Com. Varej. de Livro e Papéis	34.354.521	0,60	0,26
40	47	Comercial A. M. de Goes Ltda.	Com. Eletrodomést. e Móveis	33.603.788	0,59	0,26
41	51	Sistemática Silveira — Irm. Soc. Téc. Mat. Inst.	Com. de Material p/Construção	33.139.308	0,58	0,26
42	57	J. Cabral Fagundes	Com. Prods. Farmacêuticos	31.702.812	0,56	0,24
43	56	Revendedora Com. Varej. Prod. Christian Gray	Com. de Cosméticos e Perfumes	30.963.802	0,54	0,24
44	36	Luís Cavalcante Comércio Ltda.	Com. de Eletrodomést. e Móveis	30.848.566	0,54	0,24
45	53	Trigueiro e Cia.	Com. de Prods. Farmacêuticos	29.783.885	0,52	0,23
46	67	Moinho de Ouro Ind. Comércio Ltda.	Beneficiamento de Café	28.962.579	0,51	0,22
47	38	Sociedade Anônima White Martins	Com. de Prods. Químicos	27.882.134	0,49	0,21

48	49	Simas Industrial S. A.
49	44	Cyro Cavalcante
50	64	Distr. de Caramelos Natal Ltda.
51	54	F. Alves Neto Ltda.
52	37	Singer Ltda.
53	55	Marcosa S. A. Máq. e Equipamentos
54	61	J. Olimpio e Cia. Ltda.
55	50	Comercial José Lucena Ltda.
56	—	Herbus Confecções Ltda.
57	52	M. D. Melo Comércio Indústria Ltda.
58	48	Z. Albuquerque e Cia. Ltda.
59	79	Potiguar Veículos Ltda.
60	66	Sorvane — Sorv. e Prod. Alm. Nordeste S. A.
61	58	Lima Borges Tecidos
62	13	Comissão de Financiamento da Produção
63	60	Tecidos Lira de Oliveira Ltda.
64	—	A. L. Paiva Ltda.
65	85	Potycrét Prod. de Concreto Ltda.
66	59	Irmãos Oliveira e Cia.
67	65	Cia. Distribuidora de Ferragens — CODIF
68	78	Dreser do Brasil Ltda.
69	74	Linhas Correntes Ltda.
70	76	Promotora de Vendas/A Provendas
71	—	Luiz Veiga e Cia. Ltda.
72	42	Ludgren Tecidos S. A. — Casas Pernambucanas
73	86	UBM — União Brasileira Mineração
74	—	Droguistas Potiguares Reunidos Ltda.
75	80	A. Jorge e Cia. Ltda.
76	68	Fluidelco Com. Ind. de Produtos Ltda.
77	73	Abrahão Otoch e Cia. Ltda.
78	70	Baroid Pigmina Industrial Comercial Ltda.
79	—	Formac S/A Fornecedor de Máquinas
80	—	João Bosco Gabriel Ferreira
81	—	J. Motta Indústria e Comércio S. A.
82	—	Corep — Comercial e Representações Ltda.
83	69	Revendedora Costa Máq. Peças Ltda.
84	83	Inipetrol Serviços Petróleo Ltda.
85	92	Matias e Filhos Ltda.
86	98	J. Pereira e Cia. Ltda.
87	72	F. S. Vasconcelos e Cia. Ltda.
88	84	Dijoset e Cia. Ltda.
89	57	Norte Gás Butano Ltda.
90	—	Contonificio Norte Rio Grandense S. A.
91	—	Lojas Wacil Ltda.
92	82	Odont. Médica Ind. Farm. S. A.
93	94	Costa Neto Comercial Ltda.
94	97	Inácio Araújo Freire Comércio Ltda.
95	93	Empesca S. A.
96	95	César Comércio e Representação Ltda.
97	87	Labocirúrgica S. A. Ltda.
98	—	Organização Carvalho Ltda.
99	—	Coop. Central do Rio G. do Norte Ltda.
100	—	Weston Prod. Alimentícios Ltda.

Ind. de Benefic. de Açúcares	27.700.907	0,49	0,21
Com. de Peças e Acessór. p/Veiculos	26.987.564	0,47	0,21
Com. de Prods. de Confeitaria	26.834.568	0,47	0,21
Com. de Veiculos	26.719.024	0,47	0,21
Com. de Máquinas de Costura	26.660.475	0,47	0,21
Com. de Máq. e Equipamentos	24.714.395	0,43	0,19
Com. de Mów. Eletrodomésticos	24.409.398	0,43	0,19
Com. de Material p/Construção	23.517.141	0,41	0,18
Ind. de Confecções	23.012.766	0,40	0,18
Com. de Vidros etc.	23.005.914	0,40	0,18
Com. de Prods. de Confeitaria	22.607.855	0,40	0,17
Com. de Veiculos e Peças	22.327.814	0,39	0,17
Com. de Sorvetes e Alimentos	22.268.314	0,39	0,17
Com. de Tecidos	21.585.428	0,38	0,17
Com. de Prods. Agrícolas	21.313.038	0,37	0,16
Com. de Tecidos	20.926.944	0,37	0,16
Com. de Peças e Acessór. p/Veiculos	20.899.082	0,37	0,16
Ind. de Benefic. de Pedras, Cim. e Gesso	19.987.918	0,35	0,15
Com. de Prods. Farmacêuticos	19.674.073	0,35	0,15
Com. de Material p/Construção	18.619.257	0,33	0,14
Com. de Prods. Farmacêuticos	17.863.455	0,31	0,14
Linhas de Algodão	17.560.692	0,31	0,14
Com. de Mów. e Eletrodomésticos	17.492.341	0,31	0,13
Beneficiamento de Café	16.484.509	0,29	0,13
Com. de Tec. e Confecções	16.090.461	0,28	0,12
Com. de Minerais Met. escórias etc.	15.956.005	0,28	0,12
Com. de Prods. Farmacêuticos	15.734.464	0,28	0,12
Com. de Mów. e Eletrodomésticos	15.619.833	0,27	0,12
Produto da Ind. Química	15.372.034	0,27	0,12
Com. de Tec. e Confecções	15.280.223	0,27	0,12
Com. de Caldeiras, Máqs., etc.	15.250.925	0,27	0,12
Com. de Máquinas e Aparelhos	15.093.012	0,27	0,12
Com. de Peças e Acessór. p/Veiculos	13.993.681	0,25	0,11
Beneficiamento de Peles e Couros	13.651.727	0,24	0,11
Com. de Prods. Farmacêuticos	13.339.930	0,23	0,10
Com. de Máqs. p/Escritório	12.935.746	0,23	0,10
Com. de Manufaturas Diversas	12.804.564	0,22	0,10
Com. de Tec. e Confecções	12.561.143	0,22	0,10
Com. Varej. de Livros e Papéis	12.461.633	0,22	0,10
Com. de Mów. e mobiliário Méd. Cirúrgico	12.427.094	0,22	0,10
Com. de Máqs. e Aparelhos p/Equipament.	12.378.232	0,22	0,10
Com. de Fogões	12.262.465	0,22	0,09
Ind. de Fios de Algodão	11.984.678	0,21	0,09
Com. de Móveis e Eletrodomésticos	11.360.258	0,20	0,09
Com. de Prods. Farmacêuticos	10.910.612	0,19	0,08
Com. de Produtos de Perfumaria	10.897.986	0,19	0,08
Comércio de Móveis e Eletrodomésticos	10.897.412	0,19	0,08
Beneficiamento de Peixe e Crustáceos	10.594.425	0,19	0,08
Com. de Máqs. e Equipamentos	10.366.626	0,18	0,08
Com. de Prods. Cirúrgicos	10.280.415	0,18	0,08
Com. de Móveis e Eletrodomésticos	9.716.658	0,17	0,07
Beneficiamento de Algodão	9.673.000	0,17	0,07
Com. de Prods. à Base de Farinhas Amidos	9.256.029	0,16	0,06

AS 100 MAIORES CONTRIBUINTES DO ICM NO RIO GRANDE DO NORTE

— INTERIOR —

ANO BASE: 1982

NÚMERO DE ORDEM		RAZÃO SOCIAL	ATIVIDADE	RECOLHIMENTO 1982	PARTICIPAÇÃO RELATIVA	
ATUAL	ANTERIOR				CEM MAIORES EMPRESAS	ARRECAÇÃO TOTAL
01	01	Usina Estivas S. A.	Indústria de Açúcar e Alcool	550.659.879	15,65	4,24
02	04	Cia. Açucareira Vale do Ceará-Mirim	Indústria de Açúcar e Alcool	157.937.665	4,49	1,22
03	03	Algodoeira São Miguel	Beneficiamento de Algodão	140.001.973	3,98	1,08
04	06	Radir Pereira e Cia.	Com. Varej. de Móv. Eletrodomést. e Veículos	137.880.272	3,92	1,06
05	02	Destilaria Baía Formosa	Indústria de Alcool	126.531.857	3,60	0,98
06	18	Coop. Agro Pecuária de São Tomé Ltda.	Beneficiamento de Algodão	111.835.612	3,18	0,86
07	16	Coop. Agríc. Mista do Médio Oeste Potig. Ltda.	Beneficiamento de Algodão	111.033.278	3,15	0,86
08	20	Coop. Regional Mista do Apodi Ltda. COPERMIL	Beneficiamento de Algodão	85.999.675	2,44	0,66
09	21	Agicam — Agro Indústria de Camaratuba Ltda.	Comércio de Cana-de-Açúcar	80.000.652	2,27	0,62
10	80	J. Vilanir Veículos e Peças Ltda.	Comércio de Veículos e Peças	79.441.377	2,26	0,61
11	17	Teka Tecelagem Kuehnrich S. A.	Benefic. de Algodão e Ind. de Toalhas	73.061.457	2,08	0,56
12	08	Confecções Guararapes S. A.	Indústria de Confecções	70.941.905	2,02	0,55
13	13	Cia. de Cigarros Souza Cruz	Comércio Atacadista de Cigarros	67.768.198	1,93	0,52
14	29	Disvese Ltda.	Com. de Automóvs. Peças, Atac. de Cereais	62.190.055	1,77	0,48
15	—	Agrimex — Agro industrial Merc. Excelsior S. A.	Comércio Atacadista de Cimentos	58.244.167	1,65	0,45
16	15	Arnaldo Irmãos e Filhos	Beneficiamento de Algodão	56.672.658	1,61	0,44
17	22	Oeste Veículos Ltda.	Comércio de Veículos e Peças	56.251.056	1,60	0,43
18	12	Sanbra Sociedade Algod. Nord. Brasileiro	Beneficiamento de Algodão	53.760.893	1,53	0,41
19	09	Medeiros e Cia.	Beneficiamento de Algodão e Castanha	50.467.384	1,43	0,39
20	19	Santorres Comércio S. A.	Com. de Caminhões e Peças	45.125.815	1,28	0,35
21	87	Sperb do Nordeste S. A. Indústria Têxtil	Indústria de Fios de Algodão	44.970.571	1,28	0,35
22	46	Inharé S. A.	Beneficiamento de Algodão	44.853.106	1,27	0,35
23	—	Porcino Irmãos Comercial S. A.	Com. de Veículos, Móvs. e Eletrodomést.	44.102.292	1,25	0,34
24	42	Sebastião Felipe de Mendonça	Com. Varej. (Supermercados)	43.786.725	1,24	0,34
25	24	Algodoeira Seridó Com. Ind. S. A.	Beneficiamento de Algodão	41.952.454	1,19	0,32
26	23	Supermercados Mini Preço Ltda.	Com. Varej. (Supermercados)	36.156.489	1,03	0,28
27	31	Lundgren Tecidos S. A. Casas Pernambucanas	Com. Varej. de Tec. e Confecções	35.221.445	1,00	0,27
28	40	S. A. Mercantil Tertuliano Fernandes	Beneficiamento de Algodão	32.873.095	0,93	0,25
29	30	Paula Irmãos Comercial Ltda.	Com. de Aparelhos e Eletrodomésticos	31.531.871	0,90	0,24
30	27	Comercial Régio S. A.	Com. de Móveis e Eletrodomésticos	30.514.268	0,87	0,24
31	07	Distribuidora de Bebidas Potiguar Ltda.	Comércio Atacadista de Bebidas	29.085.103	0,83	0,22
32	26	Cia. Brasileira de Alimentos — COBAL	Com. Varej. de Gêneros Alimentícios	27.144.209	0,77	0,21
33	33	Mossoró Agro Industrial S. A. MAISA	Cultura e Benefic. de Prods. Agrícolas	26.414.537	0,75	0,20
34	62	Amadeu Venâncio e Cia.	Com. Varej. de Grãos, Sementes, etc.	26.021.425	0,74	0,20
35	34	Marcosa S. A. Máquinas e Equipamentos	Com. de Máquinas e Equipamentos	25.070.609	0,71	0,19
36	38	Mendes e Cia.	Com. de Veículos e Peças	24.976.123	0,71	0,19
37	10	Nóbrega e Dantas S. A. Ind. e Comércio	Beneficiamento de Algodão	24.854.900	0,71	0,19
38	35	Lúcio Silveira e Filhos	Com. Atac. de Manufaturas Diversas	24.448.656	0,69	0,19
39	32	M. Pereira Neto	Com. Atac. de Manufaturas Diversas	22.137.058	0,63	0,17
40	36	Plásticos de Mossoró Ltda.	Ind. de Materiais Plásticos	21.802.748	0,62	0,17
41	43	Manoel de Holanda Rebouças	Com. Varej. de Peças e Acessór. p/Veículos	21.659.609	0,62	0,17
42	—	Texita Cia. Têxtil Tangará	Indústria de Fios de Algodão	21.221.507	0,60	0,16
43	—	Sulfabril Nordeste S. A.	Indústria de Fios de Algodão	19.128.012	0,54	0,15
44	76	Poticret Produtos e Concreto Ltda.	Ind. Benefic. de Pedras, Cimento e Gesso	18.311.650	0,52	0,14
45	—	Apovel — Aparecida Peças p/Veículos Ltda.	Com. Varej. de Peças e Acessór. p/Veículos	18.097.868	0,51	0,14
46	64	Cunha Duarte Ltda.	Com. Varej. de Armas e Munições	16.899.858	0,48	0,13
47	53	Queiroz e Filhos Mat. p/Construções Ltda.	Com. de Materiais p/Construção	16.755.561	0,48	0,13

48	57	Tarcilio Viana Dutra
49	—	Ceará Industrial S. A.
50	45	Cicero Gabriel Rodrigues e Cia.
51	49	Usibrás Usina Bras. Óleos e Castanha Ltda.
52	47	Algril Algod. Norte Rio Grandense Ltda.
53	71	Motoeste — Mot. Peças e Acessór. Oeste Ltda.
54	—	Coop. Agro-Pecuária de Alexandria Ltda.
55	58	Casa Esperança Ltda.
56	—	Mossoró Açúcar Ltda.
57	96	Agro-Técnica Máq. e Motores Ltda.
58	39	Soriedem Jardim S. A. Confecções
59	54	H. F. Pinto e Cia. Ltda.
60	56	Coop. Agro Pecuária de Itaú Ltda.
61	05	Indústria Têxtil Seridó
62	61	Brejui Veículos e Peças Ltda.
63	77	Seridoense Servebem Ltda.
64	68	F. Fernandes de Souza
65	63	Indústria e Comércio José Carlos S. A.
66	52	Baroid Pigmina Ind. Comércio Ltda.
67	75	Soc. Ind. Rio Grande Ltda.
68	74	Indústria de Móveis Silvan
69	37	Sisaf — Ind. Com. de Fibras S. A.
70	41	Abrahão Otoch
71	—	Coop. Agro Pecuária de Santa Cruz
72	48	Manoel Ferreira Comércio S. A.
73	11	Destilaria Outeiro Ltda.
74	51	Bonor Ind. de Botões do Nordeste S. A.
75	73	M. Torres e Cia.
76	—	Coop. Agro Pecuária Vale do Açu Ltda.
77	—	Comercial Belizário Ltda.
78	99	Indústria de Móveis Lindomar Ltda.
79	—	Coop. Agro Pecuária de Caicó Ltda.
80	—	Coop. Agric. Mist. Irrig. Perim. Itans/Sabugi
81	92	Torrefação e Moagem Ouro Branco
82	—	Supermercado Pinheirão Ltda.
83	—	Sociedade Anônima White Martins
84	—	Indústria e Comércio de Café Icia Ltda.
85	—	UBM União Bras. de Mineração S. A.
86	67	Drogaria Rio Grande Ltda.
87	—	Comércio Arruda Câmara Ltda.
88	—	Indústria e Comércio Jamil Ltda.
89	93	R. Benjamin e Cia. Ltda.
90	91	Sacoplást. — Sacos Plást. do Nordeste S. A.
91	79	Distribuidora de Alimentos Ltda.
92	—	Coirg — Cia. ind. Rio Grandense do Norte
93	—	Comercial Medeiros Júnior Ltda.
94	55	Soc. Algod. Ouro Branco Ltda.
95	—	Cerâmica Samburá Ltda.
96	—	Almeida Aires e Cia.
97	—	Oliveira e Neves Ltda.
98	—	Normando Gomes e Irmãos
99	—	S. Garcia Medeiros Ltda.
100	100	Comercial Djalma e Cia. Ltda.

Com. Atac. de Tec. e Arts. de Malharia	16.289.846	0,46	0,13
Benefic. de Algodão	15.721.863	0,45	0,12
Com. Atac. de Prods. Farmacêuticos	15.712.086	0,45	0,12
Ind. de Benefic. Grãos, Sement. Fruts. Divers.	14.946.338	0,42	0,12
Beneficiamento de Algodão	14.776.707	0,42	0,11
Com. Varej. de Peças e Acessór. p/Veiculos	14.738.374	0,42	0,11
Beneficiamento de Algodão	14.428.579	0,41	0,11
Com. Atac. de Tecidos e Arts. de Malharia	14.402.384	0,41	0,11
Comércio Atacadista de Açúcar	14.363.122	0,41	0,11
Com. Varej. de Máqs., Aparelhos e Equip.	14.350.994	0,41	0,11
Indústria de Confecções	14.318.634	0,41	0,11
Com. de Aparelhos e Eletrodomésticos	14.063.983	0,40	0,11
Beneficiamento de Castanha de Caju	13.737.466	0,39	0,11
Indústria de Tecidos	13.506.391	0,38	0,10
Comércio Varejista de Veiculos	13.341.698	0,38	0,10
Comércio Varej. de Gêneros Alimentícios	13.224.154	0,38	0,10
Com. Varej. de Ferrags. e Mats. Elétricos	12.500.291	0,36	0,10
Ind. de Beneficiamento de Café	12.224.035	0,35	0,09
Com. Atac. de Caldeiras e Máquinas	12.195.779	0,35	0,09
Indústria de Beneficiamento de Café	11.835.964	0,34	0,09
Ind. de Transf. de Manufaturas de Madeira	11.791.980	0,34	0,09
Ind. de Beneficiamento de Agave	11.591.453	0,33	0,09
Com. Varej. de Tecidos e Confecções	11.446.681	0,33	0,09
Beneficiamento de Algodão	11.249.154	0,32	0,09
Comércio Atac. de Explosivos	11.134.351	0,32	0,09
Indústria de Álcool	10.899.001	0,31	0,08
Ind. de Transf. de Manufaturas Diversas	10.312.055	0,29	0,08
Com. Varej. de Peças e Acessór. p/Veiculos	9.836.594	0,28	0,08
Com. de Ceras de Carnaúba, Algodão, etc.	9.810.757	0,28	0,08
Comércio Atacadista de Cereais	9.469.936	0,27	0,07
Indústria de Móveis	9.328.329	0,27	0,07
Beneficiamento de Algodão	9.316.320	0,26	0,07
Com. Varej. de Legumes e Tubérculos	9.213.115	0,26	0,07
Ind. de Beneficiamento de Café	8.971.151	0,25	0,07
Com. Varej. de Gêneros Aliment. em Geral	8.785.755	0,25	0,07
Com. de Mats. Ferragens e Elétricos	8.760.863	0,25	0,07
Beneficiamento de Café	8.746.675	0,25	0,07
Minerais Metalúrgicos, Escórias, etc.	8.650.004	0,25	0,07
Com. Varej. de Artigos de Perfumaria	8.596.575	0,24	0,07
Com. Varej. de Eletrodomésticos	8.585.443	0,24	0,06
Beneficiamento de Café	8.337.209	0,24	0,06
Comércio Varej. de Materiais p/Construção	8.263.927	0,23	0,06
Ind. de Materiais Plásticos	7.941.760	0,23	0,06
Comércio Atacadista de Cereais	7.928.680	0,22	0,06
Indústria de Leite de Coco	7.747.915	0,22	0,06
Comércio Varej. de Materiais p/Construção	7.641.149	0,21	0,06
Ind. de Beneficiamento de Algodão	7.420.101	0,21	0,06
Indústria de Cerâmicas	7.285.023	0,20	0,05
Comércio Varejista de Pneus	7.066.655	0,20	0,05
Indústria de Carroceria	6.964.410	0,19	0,05
Com. Varej. de Peças e Acessór. p/Veiculos	6.818.593	0,19	0,05
Com. Varej. Relojoar. Mat. Fotog. e Óticas	6.647.903	0,18	0,05
Com. Atacadista de Cereais	6.597.368	0,18	0,05

AS 100 MAIORES CONTRIBUINTES DO ICM NO RIO GRANDE DO NORTE

— ESTADO —

ANO BASE: 1982

NÚMERO DE ORDEM		RAZÃO SOCIAL	ATIVIDADE	RECOLHIMENTO 1982	PARTICIPAÇÃO RELATIVA	
ATUAL	ANTERIOR				CEM MAIORES EMPRESAS	ARRECAÇÃO TOTAL
01	01	Confecções Guararapes S/A	Ind. de Confecções	795.590.870	9,67	6,13
02	02	Usina Estivas	Ind. de Açúcar e Alcool	550.659.879	6,69	4,24
03	03	Alpargatas Confecções do Nordeste S/A	Ind. de Confecções	541.229.684	6,58	4,17
04	09	Natal Industrial S/A	Ind. de Beneficiamento de Trigo	265.658.566	3,23	2,05
05	07	Cia. de Cigarros Souza Cruz	Com. Atacadista de Cigarros	225.834.274	2,74	1,74
06	08	Radir Pereira e Cia.	Com. Varej. de Mòv., Eletrodomést. e Veiculos	198.958.887	2,42	1,53
07	12	Comercial Régio S/A	Com. de Móveis e Eletrodomésticos	190.990.304	2,32	1,47
08	04	Supermercados Nordestão Ltda.	Com. Varej. (Supermercados)	187.086.207	2,27	1,44
09	05	Supermercados Minipreço Ltda.	Com. Varej. (Supermercados)	177.050.132	2,15	1,36
10	15	Natal Veiculos e Peças S/A	Com. de Veiculos e Peças	169.644.785	2,06	1,31
11	13	Cia. Açucareira Vale de Ceará-Mirim	Ind. de Açúcar e Alcool	157.937.665	1,92	1,22
12	17	Cia. Bras. de Alimentos — COBAL	Com. Varej. de Géneros Aliments.	153.819.344	1,87	1,19
13	—	Agrimex — Agro-Industrial Merc. Excelsior S/A	Com. Atacadista de Cimento	141.978.123	1,72	1,09
14	10	Algodoeira São Miguel S/A	Beneficiamento de Algodão	140.087.329	1,70	1,08
15	06	Destilaria Baía Formosa	Indústria de Alcool	126.531.857	1,54	0,98
16	35	Granorte Veiculos e Peças Ltda.	Com. Varej. de Veiculos e Peças	119.752.435	1,46	0,92
17	16	Divemo S/A — Dist. Pot. de Veiculos e Motores	Com. de Veiculos e Peças	114.407.577	1,39	0,88
18	18	Marpas S/A	Com. de Veiculos e Peças	114.178.612	1,39	0,88
19	41	Cooperativa Agro Pecuária de São Tomé Ltda.	Beneficiamento de Algodão	111.835.612	1,36	0,86
20	39	Coop. Agricola Mista Méd. Oeste Potiguar Ltda.	Beneficiamento de Algodão	111.033.278	1,35	0,86
21	25	Galvão Mesquita Ferragens S/A	Com. Varej. de Materiais p/Construção	109.077.503	1,33	0,84
22	52	Lojas Americanas S/A	Com. Varej. de Prods. em Geral	107.668.424	1,31	0,83
23	11	Soriedem S/A Confecções	Indústria de Confecções	107.251.156	1,30	0,83
24	20	Ind. Com. José Carlos S/A	Comércio de Café	105.989.892	1,29	0,82
25	22	S/A Fiação Borborema	Indústria de Fiação	95.751.857	1,16	0,74
26	47	Agicam — Agro Indústria de Camaratuba S/A	Comércio de Cana de Açúcar	89.127.027	1,08	0,69
27	30	Revendedores Com. Varej. de Produtos Avon	Com. Varej. de Cosméticos e Perfumes	87.368.701	1,06	0,67
28	57	Porcino Irmãos Comercial Ltda.	Com. de Veics., Móvs. e Eletrodomésticos	87.154.203	1,06	0,67
29	44	Coop. Regional Mista do Apodi Ltda.	Beneficiamento de Algodão	85.999.675	1,05	0,66
30	28	Dist. de Automóveis Seridó S/A	Com. de Automóveis e Peças	80.622.110	0,98	0,62
31	80	J. Vilani Veiculos e Peças Ltda.	Com. de Veiculos e Peças	79.441.377	0,97	0,61
32	37	Queiroz Oliveira Com. Ind. Ltda.	Com. de Materiais p/Construção	75.984.160	0,92	0,59
33	40	Teka Tecelagem Kuelinrich S/A	Beneficiamento de Algod. Ind. de Toalhas	73.061.457	0,89	0,56
34	34	R. Gurgel Ltda.	Com. Varej. de Materiais p/Construção	72.742.029	0,88	0,56
35	46	Salustino Veiculos S/A	Com. de Veiculos e Peças	68.533.435	0,83	0,53
36	24	Lojas Brasileiras S/A	Com. Varej. de Prods. em Geral	62.448.824	0,76	0,48
37	70	Disvese Ltda.	Com. de Auts., Peças, Atacado de Cereais	62.190.055	0,76	0,48
38	63	Trevo Indústria e Comércio Ltda.	Ind. de Benefic. de Pedras e Cimento	61.631.287	0,75	0,47
39	71	CBV — Indústria Mecânica S/A	Com. Varej. de Máqs. e Equipamentos	59.210.036	0,72	0,46
40	42	Importadora Comercial de Madeiras Ltda.	Comércio de Madeiras	58.580.147	0,71	0,45
41	36	Camisaria União	Com. Varej. de Tecidos e Confecções	56.976.170	0,69	0,44
42	38	Arnaldo Irmão e Filhos	Beneficiamento de Algodão	56.672.658	0,69	0,44
43	48	Oeste Veiculos Ltda.	Comércio de Veiculos e Peças	56.251.056	0,68	0,43
44	29	SANBRA — Soc. Algod. do Nordest. Bras. S/A	Beneficiamento de Algodão	53.760.893	0,65	0,41
45	33	Ludgren — Tecidos S/A Casas Pernambucanas	Com. Varej. de Tecidos e Confecções	51.311.906	0,62	0,40
46	49	Comercial Alcides Araújo Ltda.	Com. Varej. de Tecidos e Confecções	50.910.335	0,62	0,39
47	23	Medeiros e Cia. Ltda.	Benefic. de Algodão e Castanhas	50.467.384	0,61	0,39

48	51	Marcosa S/A — Máquinas e Equipamentos
49	32	Hughes Tool Brasil Equip. Industriais Ltda.
50	43	Santorres Comércio S/A
51	—	Sperb do Nordeste S/A — Indústria Têxtil
52	—	Inharé S/A
53	54	L. Cirne e Cia. Ltda.
54	99	Sebastião Felipe de Mendonça
55	64	J. Resende Comércio S/A
56	55	Algodoeira Seridó Comércio e Indústria S/A
57	50	Cia. Paraíba de Cimento Portland — CIMEPAR
58	56	Indústrias Jossan S/A
59	81	Potycrê Produtos Concretos Ltda.
60	72	Paula Irmãos Comercial Ltda.
61	60	S/A White Martins
62	53	Medeiros e Paiva Ltda.
63	73	Casa Júnior Comercial Ltda.
64	67	Walter Pereira — Livraria e Papelaria Ltda.
65	74	Comercial A. M. de Góis Ltda.
66	—	Sistemática Silveira Irm. — Soc. Têc. Mat. Inst. Ltda.
67	—	S/A Mercantil Tertuliano Fernandes
68	94	J. Cabral Fagundes
69	85	Revend. Com. Varej. dos Prods. Christian Gray
70	58	Luís Cavalcante Comércio Ltda.
71	19	Distribuidora de Bebidas Potiguar
72	80	Trigueiro e Cia.
73	—	Moinho de Ouro Indústria e Comércio Ltda.
74	76	Simas Industrial S/A
75	69	Cyro Cavalcante
76	96	Distribuidora de Caramelos Natal S/A
77	62	Abraão Otoch e Cia. Ltda.
78	82	F. Alves Neto Ltda.
79	59	Singer Ltda.
80	77	Mossoró Agro-Industrial S/A — MAISA
81	—	Amadeu Venâncio e Cia.
82	86	Mendes e Cia.
83	26	Nóbrega e Dantas S/A Ind. e Comércio
84	—	UBM — União Brasileira de Mineração
85	—	Lúcio Silveira e Filhos
86	93	J. Olímpio e Cia. Ltda.
87	78	Comercial José Lucena Ltda.
88	—	Herbus Confecções Ltda.
89	79	M. D. Melo Comércio e Indústria Ltda.
90	73	Z. Albuquerque e Cia. Ltda.
91	—	Potiguar Veículos Ltda.
92	98	Sorvane — Sorvetes e Prods. Alim. do Nord. S/A
93	75	M. Pereira Neto
94	83	Plásticos de Mossoró Ltda.
95	100	Manoel de Holanda Rebouças
96	89	Lima Borges Tecidos S/A
97	21	Comissão de Financiamento da Produção
98	—	Texita — Cia. Têxtil Tangará
99	92	Tecidos Lira de Oliveira Ltda.
100	—	A. L. Paiva Ltda.

Com. de Máqs. e Equipamentos	49.785.004	0,61	0,38
Máquinas e Equipamentos Diversos	46.394.561	0,56	0,36
Comércio de Caminhões e Peças	45.125.815	0,55	0,35
Ind. de Fios de Algodão	44.970.571	0,55	0,35
Beneficiamento de Algodão	44.853.106	0,55	0,35
Comércio Varejista de Pneus	44.204.779	0,54	0,34
Com. Varej. (Supermercados)	43.786.725	0,53	0,34
Com. Varej. de Móvs. e Eletrodomésticos	43.219.359	0,53	0,33
Beneficiamento de Algodão	41.952.454	0,51	0,32
Comércio Atacadista de Cimento	39.915.301	0,49	0,31
Ind. de Transformação de Metais	39.133.068	0,48	0,30
Ind. Benefic. de Pedras, Cimento e Gesso	38.299.568	0,47	0,30
Com. de Aparelhos e Eletrodomésticos	37.089.443	0,45	0,29
Com. de Prods. Químicos	36.642.997	0,45	0,28
Comércio Atacadista de Cereais	36.380.237	0,44	0,28
Com. de Móvs. e Eletrodomésticos	34.622.915	0,42	0,27
Com. Varej. de Livros e Papéis	34.354.521	0,42	0,26
Aparelhos Eletrodomésticos	33.603.788	0,41	0,26
Com. de Materiais p/Construção	33.139.308	0,40	0,26
Beneficiamento de Algodão	32.873.095	0,40	0,25
Com. Atac. Varej. de Prods. Farmacêuticos	31.702.812	0,39	0,24
Com. Varej. de Cosméticos e Perfumes	30.963.802	0,38	0,24
Com. Varej. de Móveis e Eletrodomésticos	30.848.566	0,37	0,24
Com. Atacadista de Bebidas	29.967.887	0,36	0,23
Com. Atac. de Prods. Farmacêuticos	29.783.885	0,36	0,23
Beneficiamento de Café	28.962.579	0,35	0,22
Ind. de Transformação de Açúcares	27.700.907	0,34	0,21
Com. Varej. de Peças e Acessórs.p/Veículos	26.987.564	0,33	0,21
Com. Atacadista de Prods. p/Confeitaria	26.834.568	0,33	0,21
Com. Varej. de Tec. e Confecções	26.726.904	0,32	0,21
Comércio de Veículos	26.719.024	0,32	0,21
Com. Varej. de Máquinas de Costura	26.660.475	0,32	0,21
Cultura e Benefic. de Prods. Agrícolas	26.414.537	0,32	0,20
Com. Varej. de Grãos, Sementes, etc.	26.021.170	0,32	0,20
Com. de Veículos e Peças	24.976.123	0,30	0,19
Beneficiamento de Algodão	24.854.900	0,30	0,19
Minerais Metalúrgicos, Escória, etc.	24.606.009	0,30	0,19
Com. Atac. de Manufaturas Diversas	24.448.656	0,30	0,19
Com. Varej. de Móvs. e Eletrodomésticos	24.409.398	0,30	0,19
Com. de Materiais p/Construção	23.517.141	0,29	0,18
Indústria de Confecções	23.012.766	0,28	0,18
Comércio de Vidros, etc.	23.005.914	0,28	0,18
Com. Atac. de Prods. p/Confeitaria	22.607.855	0,27	0,17
Comércio de Veículos	22.327.814	0,27	0,17
Comércio de Sorvetes e Alimentos	22.268.314	0,27	0,17
Com. Atac. de Prods. em Geral	22.137.058	0,27	0,17
Indústria de Materiais Plásticos	21.802.748	0,26	0,17
Com. Varej. de Peças e Acessórs.p/Veículos	21.659.609	0,26	0,17
Comércio Varejista de Tecidos	21.585.428	0,26	0,17
Comércio de Prods. Agrícolas	21.313.038	0,26	0,16
Indústria de Fios de Algodão	21.221.507	0,26	0,16
Comércio Atacadista de Tecidos	20.926.944	0,25	0,16
Comércio Varej. de Peças e Acessórs p/Veic.	20.889.082	0,25	0,16

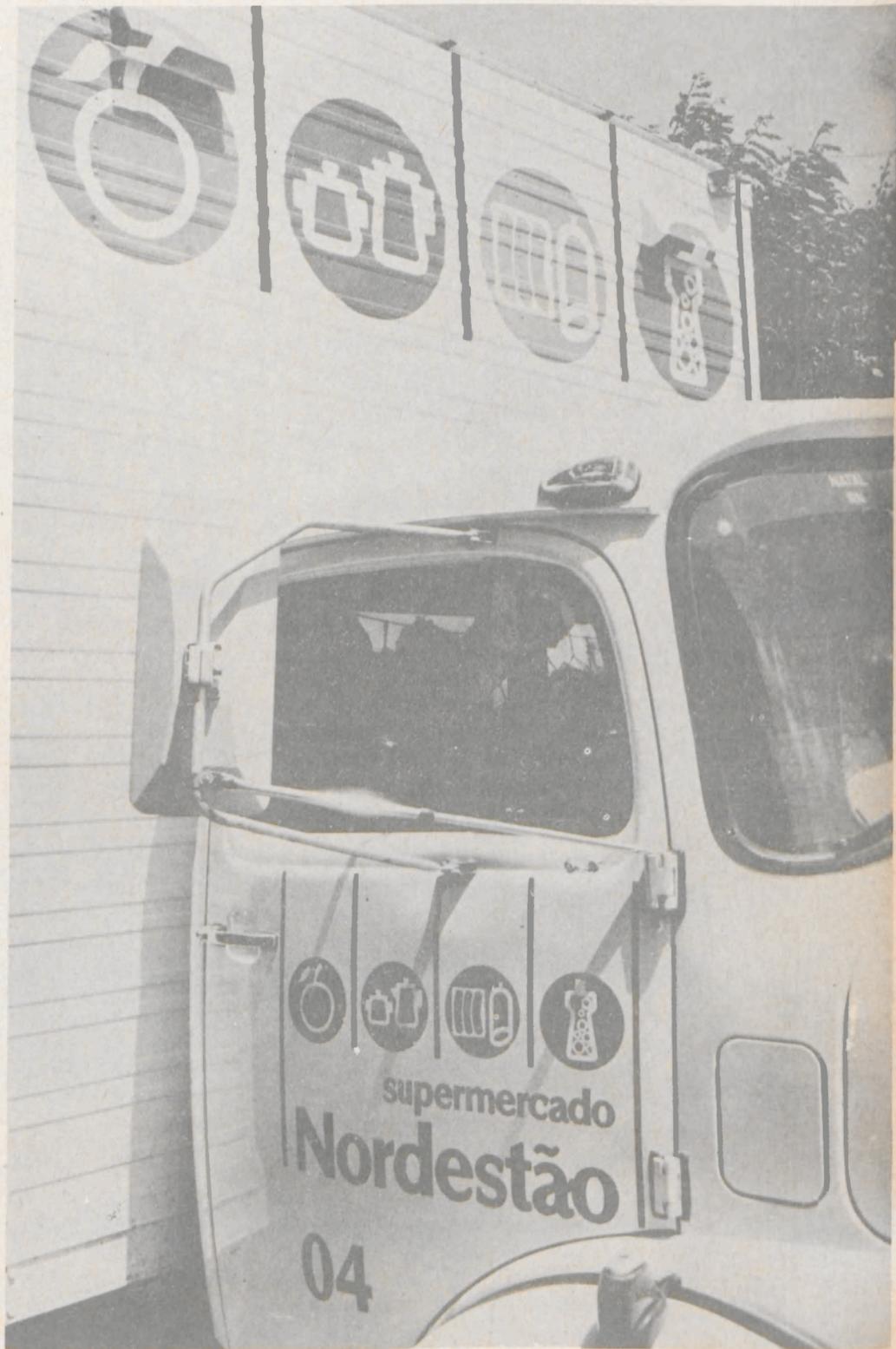
Super
mercado

NORDESTÃO CONSOLIDOU SUAS POSICÃO. E IMPLANTA NOVA

Economia, atendimento e higiene. Estes são os princípios que sempre nortearam a vida do Supermercado Nordesteão, durante os seus dez anos de existência. Criado nos anos 70, por uma família de empresários do Estado, o Supermercado Nordesteão, hoje se considera um grupo consolidado e que muito tem feito pela economia norte-riograndense. Sua filosofia de vida é que cada cliente é um amigo que deve sempre ser conservado com o oferecimento de padrões e de ofertas diversas por preços sempre mais baixos.

Foi assim que há algum tempo o grupo Nordesteão criou um novo estilo de venda, baseado no método Audi, surgindo os Hiperbox e Superbox, onde o consumidor foge aos padrões convencionais de Supermercados e economiza pela compra de produtos básicos, sem pagar o luxo e embalagem. Hoje o grupo depois de vários estudos e pesquisas mudou sua imagem visual numa tentativa de acompanhar seu desenvolvimento e se identificar mais com o seu público consumidor, como uma necessidade de modernização relacionada com os seus 10 anos de funcionamento e a formação de uma imagem compatível com o crescimento e a projeção da empresa.

NOVA IMAGEM — Há dez anos que o Nordesteão vem oferecendo o melhor aos seus clientes, ampliando serviços, atendimentos e linhas de produtos. Este ano o Nordesteão passou a utilizar uma nova vestimenta. Um novo visual foi estudado e criado. Novos padrões de imagem e trabalho estão entrando no mercado, resultado de pesquisas e estudos. O velho slogan, foi substituído e nova marca implantada. Hoje em qualquer loja da rede Nordesteão observa-se uma nova roupagem.



LIDA SUA VA MARCA

MARCA DE IDENTIFICAÇÃO

— Paralelamente à criação do slogan, o Nordesteão partiu para o visual interno e externo de suas lojas e caminhões de serviços, fazendo com que o cliente possa, em pouco espaço de tempo, e em qualquer lugar, identificar melhor o grupo. Criou-se então um logotipo, que em substituição ao anterior, dá uma maior dimensão aos serviços que ora são executados pela empresa.

Essa marca gráfica é representada por pitogramas que na sua concepção identificam o centro de abastecimento. Divididos em cinco, estes pitogramas representam os setores de vendas e de serviços: a cor vermelha representa as seções de alimentos naturais; a laranja as de alimentos industrializados; a verde a de produtos para o lar; a azul a de produtos de limpeza e a marrom a de serviços de atendimento e orientação aos fregueses.

Com isso, o grupo Nordesteão pretende dar uma maior dinâmica e flexibilidade ao supermercado, representando-o numa nova linguagem gráfica de rápida decodificação, alegre, atraente, centralizadora, convergente e de fácil associação para o cliente.

CRESCIMENTO — Atualizando a sua estrutura administrativa de acordo com as necessidades que vão surgindo e o crescimento do seu complexo, o grupo Nordesteão oferece mais de 1.000 empregos diretos e, preocupa-se não só com atendimento externo — seus clientes — mas também com seus funcionários para que eles tenham condições dignas de trabalho, e estejam sempre capacitados para o desempenho de suas tarefas, certos de que o lema permanente é o de servir cada vez melhor para vender cada vez mais.





Numa das vezes que assumiu, Radir Pereira recebe comissão de líderes sindicais

CRISE

Na presença incômoda de outra seca a razão maior de todos problemas

Os prenúncios, todos, confirmaram-se: o ano de 83 está definitivamente emoldurado por uma crise sem precedentes na História nacional recente, cujos mais intensos reflexos fazem-se sentir na economia nordestina e, de maneira ainda mais forte, sobre o Rio Grande do Norte. Realmente. Vivendo praticamente o seu quinto ano consecutivo de seca, suportando as instabilidades de recolhimento do ICM, sentindo o rebanho de corte reduzir-se à metade e amargando as incertezas de um crescimento econômico que nem de longe equipara-se com a urgência da absorção de mão-de-obra ociosa, o Estado luta por não sucumbir, enfrentando sua escaldante realidade de forma a que, de alguma maneira, sejam esperados tempos melhores.

A retórica política acerca da crise, entretanto, pelo menos em termos da tonalidade de eloquência despejada sobre o assunto, tem sido à altura, e, tanto na Assembléia Legislativa, onde os deputados opositoristas deploram a situação do Estado, quanto, por exemplo, na Sudene, onde o Governador Agripino Maia advertiu ao Ministro do Interior, Mário An-

dreazza, para a qualidade da questão nordestina, o problema tem sido pintado com as suas tintas mais fortes, não se permitindo meios tons ver-



Walfredo Gurgel: problema antigo

bais, a fim de que, futuramente, alguém não venha a ser inculcado por omissão ou conivência com uma realidade tão dura e desfavorável.

E abordando tema tão delicado, cujo questionamento é feito praticamente todos os dias pelos deputados de oposição, o Governador Agripino Maia não usou de comedimento, quando admitiu, referindo-se a um ponto muito sensível, a contenção de gastos públicos: "Nós estamos preparando uma série de medidas de cunho administrativo, com vistas à contenção de despesas, que serão adotadas de uma vez só. Mas, em paralelo a isto, e sabendo que estas medidas não serão por si sós suficientes para equacionar o nosso deficit, já venho mantendo contatos na área federal, com vistas a uma tomada de posição para a promoção do equilíbrio orçamentário e financeiro do Estado".

DEFICIT DE 12 BILHÕES — E, partindo da abordagem de tema tão melindroso, enveredou por outro assunto, então falando diretamente a respeito da parte mais sensível da anatomia do funcionário público: o seu bolso. Quanto ao aumento salarial dos servidores, admitiu com franqueza que, para a tão esperada concessão do aumento a partir do próxi-

mo dia 1.º de maio será preciso solucionar um deficit da ordem de Cr\$ 12 bilhões, sem o que não será possível autorizar a medida.

Mas, para um Estado que, de quebra, ainda deve 40 milhões de dólares de empréstimos externos, os Cr\$ 12 bilhões são apenas um obstáculo que, com persistência, será superado. É ainda Agripino quem garante, após comentar que a dívida em moeda estrangeira, contraída pelo Estado, é uma das menores do Nordeste: "Existem fórmulas para nós resolvermos este deficit. Nós estamos conversando com vários Ministérios, para que se encontre a saída para o nosso problema, porque, somente a partir daí, nós poderemos realmente passar a montar programas de Governo e iniciar a ação que eu desejo desenvolver, como Governador, o mais breve possível".

E ações de Governo serão, certamente, algo que terá um campo grande a ser semeado, com a presença da administração estadual para fazer frente a um leque de problemas e questões tão vasto quanto diversificado, conglomerando desde o crescimento da criminalidade em Natal, até a falta de crédito ao agricultor; da



Leitos hospitalares: problema também

crise educacional, à falta de leitos hospitalares; das suspeitas quanto ao Projeto Baixo-Açu, à inexistência de um consolidado programa de preservação dos recursos hídricos; da ineficiência do sistema de transportes urbanos na capital, até às levas de retirantes que deambulam pelos campos ressequidos do interior do Rio Grande do Norte.

Esse xadrez de circunstâncias desfavoráveis é apenas um quadro am-

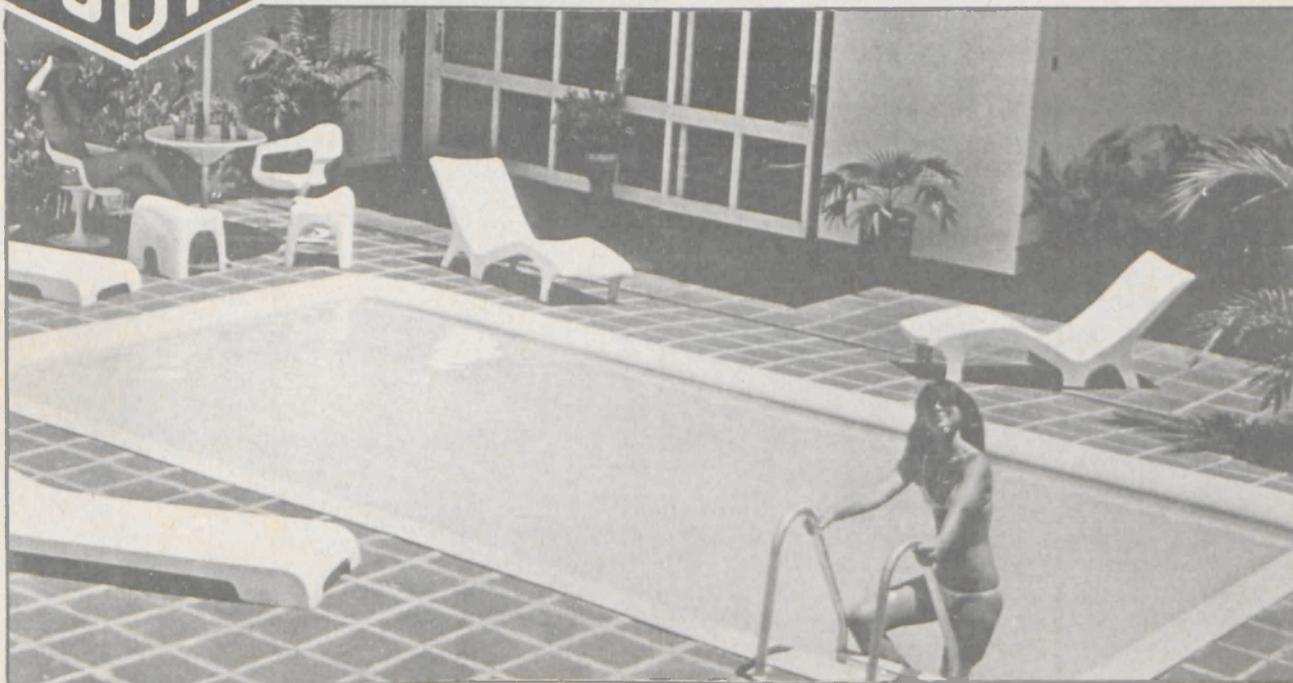
plô, uma visão grande-angular da questão norte-riograndense, que imerge no problema nordestino, que, por sua vez, cumprindo o roteiro dos vasos comunicantes da Federação, enreda-se no cipal que amarra os passos da Nação. E, tanto é verdade, que Agripino, dia 25 de março último, ao participar pela primeira vez de reunião do Conselho Deliberativo da Sudene, munuiu-se de um curto e incisivo discurso datilografado em quatro laudas, em que, com todo o respeito, repudiou as obras gigantescas, como Itaipu, Tucuruí, Ferrovia do Açu e Transamazônica, em detrimento do Nordeste.

O momento não podia ter sido melhor: presente estava o presidencial Ministro do Interior, Mário Andreazza, que, por mais que o Governador diga o contrário, parece não ter gostado nada do pronunciamento, que foi o mais aplaudido em plenário e mereceu até a citação do único opositorista presente, o Governador de Minas, Tancredo Neves que, usando de toda a sua mineiridade, conviu: "É preciso fazer do Nordeste a Itaipu dos anos 80", uma frase colhida ao discurso de Agripino e que teve ampla repercussão nacional.



Um Departamento Especializado em: piscinas, equipamentos e acessórios, sistemas de iluminação e som subaquático,

produtos químicos p/tratamento d'água, banheiras com sistema de hidroterapia, bombas hidráulicas e sistema de pressão.



Companhia Distribuidora de Ferragens

Com pessoal tecnicamente capacitado para orientar, dimensionar e construir sua piscina, obedecendo aos mais modernos padrões de qualidade e aos mais atualizados critérios técnicos para seu maior conforto e segurança.

Rua Dr. Barata, 190/192 — Ribeira — Fone: 222-3571 — Natal-RN

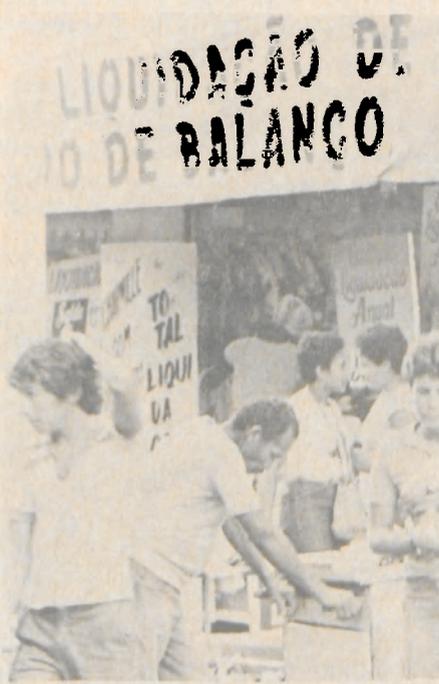


Empobrecimento e desemprego, questões amargas

A imagem, contudo, bem pode ser dimensionada em toda a sua literalidade: o problema do Rio Grande do Norte, pelo menos uma sua boa parte, é água. E como foi providenciada pelo Governo Federal de uma Itaipu, com seus muitos milhões de litros d'água represados, bem que se poderia angariar alguns milhões de cruzeiros, para a irrigação da esturricada economia do Estado, cuja economia agropecuária mal tem aonde beber escassos recursos. Ainda questionado quanto à crise no setor primário, o Governador admitiu:

“Sem dúvida. No Rio Grande do Norte, o meu grande problema é o empobrecimento das pessoas. No interior, principalmente. A minha grande preocupação é essa: quatro anos sucessivos da seca, determinaram à economia rural do nosso Estado, que já era frágil, uma situação de gravidade. Eu entendo que há muita pobreza pronunciada no interior do Estado e essa é a minha grande preocupação. São os mais pobres, dentre os pobres do Rio Grande do Norte, que estão exatamente no interior, ligados ao setor primário da economia do Estado”.

PROBLEMA ECOLÓGICO — E para os grandes males, soluções simples, quanto não são possíveis os grandes projetos: assim, Agripino, certo ou errado, a História é quem dirá, assumiu o projeto de atacar três pontos básicos, durante o seu mandato — crédito desburocratizado ao



Crise no comércio, gente na rua com pouco poder de compra

agricultor; água, também prioridade para o setor primário; e terra, num programa de legalização da posse de milhares de hectares, ao homem do campo. A proposta, entretanto, depende em grande parte do Governo Central, pelo menos no que diz respeito ao repasse de recursos do Banco Central ao Bandern, visando financiamento de fundação de safra.

Para o Governador, esse tripé reveste-se da maior importância. Tanto é, que, mesmo definindo a proposta como um programa global de Governo, supõe que deveria transformar-se em meta permanente do Esta-

O futuro se constrói num presente sólido. Por isso Queiroz Oliveira, uma empresa sólida e que pensa no futuro, acredita que ainda não é hora do dever cumprido, por mais que se tenha feito, ainda há muito para se fazer. Hoje, Queiroz Oliveira, além de material de construção, está desenvolvendo outras atividades empresariais.



**POR MUITO
QUE TENHA
SIDO FEITO,
MUITO
HÁ PARA
SE FAZER.**

A solidez dessa organização conquistou um consumidor que até hoje nunca nos deixou, há vários anos trabalhando juntos com a mesma imparcialidade e sinceridade.



**QUEIROZ
OLIVEIRA**

Comércio Indústria Ltda.

do, após o seu mandato, como meio e forma de enfrentamento de um problema ecológico, a seca, cujos desdobramentos sociais têm sido, ao longo dos séculos, desastrosos para toda a economia nordestina, em particular do Rio Grande do Norte, em sua área rural. Quanto à indústria, afirma que pretende elaborar uma legislação atrativa", a fim de, com incentivos fiscais, ampliar a oferta de emprego no setor, desafogando uma área crítica na capital, onde aumenta o contingente de mão-de-obra ociosa e aflita.

Sobre o Nordeste, não se tenha dúvida, há um grito uníssono, um coro de vozes afinadas, que, mesmo não vindo a falar muito alto, têm, pelo menos uma regência comum: a Região vive um problema político e, portanto, tem que receber um tratamento oriundo de uma necessária, urgente decisão política. Isso não só o Governador Agripino Maia acentuou, como vários outros discursos susten-

taram na reunião da Sudene, advertindo para que seja freado o agravamento da questão nordestina, sob pena de consequências histórico-sociais convulsas, inevitavelmente.

O mineiro Tancredo Neves foi claro quanto ao assunto, invocou a necessidade de uma ação política rápida, eficiente e eficaz para o Nordeste, mas aproveitou a deixa da reunião da Sudene para enveredar pelos caminhos das teses peemedebistas, teorizando em favor da necessidade de um retorno nacional aos caminhos da completa redemocratização, como forma e fórmula para atingir-se o desenvolvimento nacional, incluindo-se como peso vivo da bagagem o Nordeste, já que é parte ativa da Federação.

POUCA CREDIBILIDADE — Mas abordagem de crise foi o que não faltou na reunião recifense, quando, deputados de todos os Estados, expuseram um documento em que é relatada a situação regional, advertindo-se pa-



Desenvolvimento agrícola

O agrônomo Gilzenor Sátiro, ex-diretor-presidente da Emater-RN, acompanhou de perto os cinco anos de estiagem que castigaram o Estado. Como dirigente da Emater, ele esteve à frente das providências para execução do Programa de Emergência e foi sempre um elo importante em todas as fases da luta contra a seca. Além da sua condição funcional e do posto que ocupou — um posto estratégico, em função do problema —, é um técnico que se preocupa profundamente com os problemas agropecuários do Estado.

O seu depoimento para RN/ECONÔMICO sobre a problemática agrícola atual do Rio Grande do Norte é o seguinte:

O desenvolvimento da agricultura e das propriedades agrícolas deve ser gradual. Não se conhece atalhos. De outra parte, são aceitas as premissas de que o crescimento agrícola é o carro-chefe do desenvolvimento rural, requer o crescimento simultâneo dos setores industrial e de serviço e não prescinde da intervenção do importante papel das forças sociais.

Na verdade, a estrutura das es-

tabelecimentos agrícolas guarda estreita correlação com a situação econômica da Região. A pobreza absoluta da população rural nordestina espelha-se na reduzida renda "per capita" — hoje menos de US\$ 200; no baixo nível tecnológico, traduzido pela aplicação de práticas tradicionais que induzem participação superior a 65% do valor agregado sobre o valor bruto da produção; no destino para o alto-consumo das famílias que é dado, predominantemente, à produção; no hábito de fazer a exploração agrícola com base em uma cultura; no pequeno investimento que não ultrapassa o valor de duas diárias (jornada do homem/dia) para cada dia de trabalho; no valor bruto da produção que, por sua vez, não atinge o equivalente a 10 salários mínimos por ano; na habilidade pré-newtoniana do agricultor; no trabalho sazonal, refletindo o subemprego e, por fim, na frágil dependência da atividade produtiva do agricultor ao sistema de apoio e a organização comunitária.

A economia agrícola caracterizada por esse quadro é de subsistência, mesmo sem levar em conta

o longo período de crise climática que o Nordeste atravessa. Nas décadas recentes a pobreza se agravou com o crescimento da população.

O desafio afigura-se, então, em alcançar, para a agricultura, o estágio de exploração comercial diversificada que eleve a renda "per capita" para mais de US\$ 600. Nesse propósito alguns pressupostos devem ser observados. Dentre eles destacam-se:

1) a realização de investimento social básico com a finalidade de criar uma infra-estrutura (poços, reservatórios, barragens, perenização de rios, canais de irrigação, eletrificação rural, etc) que possibilite regularidade da oferta de água aos estabelecimentos agrícolas, e, de outra que propicie o fácil escoamento da produção. Na realidade, as inversões, por propriedade, deve se elevar, no mínimo, para o equivalente a 9 diárias (jornada do homem/dia) por dia de trabalho;

2) o nível tecnológico terá de evoluir pelo domínio de novas técnicas (controle de pragas e doenças, conservação de solo, uso da



ra o fato de que as Assembléias Legislativas declaram-se em "mobilização permanente" para enfrentar a questão nordestina, "no sentido de uma ação integrada e solidária, acima das disputas e das divergências partidárias".

Tal mobilização, avisa o documento lido no plenário da Sudene, estranhamente por um deputado pedessista de pouca credibilidade, Inocêncio Oliveira, envolvido no chamado escândalo da mandioca, "visa assegurar níveis adequados de desenvolvimento político, econômico e social para a Região, no presente quadro da crise econômico-financeira que o País está atravessando".

Intenções, projetos e propostas. Nada, em tese, falta para que o Nordeste, afinal, venha a desenvolver-se, buscando o ideal de alta produtividade, emprego expansivo de mão-de-obra, saúde para todos, alto índice de escolaridade, níveis apenas incidentais de mortalidade infantil, lon-

gevidade apreciável e a transformação da seca em somente um fenômeno natural, cujas consequências sociais seriam facilmente superáveis com a ativação de um aparato técnico de irrigação acessível a qualquer camponês.

Mas, do projeto à sua consolidação, da idéia à prática, há um grande, penoso e árido caminho a percorrer. A retórica política tem sido farta e contundente ao atacar a questão nordestina. Resta agora, nesse quase final de século XX, ativar propostas que, pelo menos, venham a manter acesa a decantada coragem e fibra do nosso homem, para que, futuramente, outros pensem soluções ou ativem antigos programas, pois, seja lá como for, a crise regional não será resolvida como num lance de dados, mas exigirá atitudes consequentes e firmes diante dos problemas que se acumulam dia-a-dia. Vale a imagem: se o sertão não tem pouca água, que venha uma Itaipu. □

la: prioridade sem atalho

tração animal, adubação, irrigação, profilaxia dos animais, vermifugação, mineralização dos rebanhos, conservação da forragem, manejo zootécnico, uso de semente selecionada, gerência do negócio agrícola, etc) assimilado por treinamento;

3) a dependência do agricultor, invariavelmente, tende a se tornar marcante ao sistema de apoio (serviços de abastecimento de insumos, motomecanização, extensão rural, processamento industrial, crédito rural, classificação, transporte, armazenamento, etc.). Sistema que deve ser amplamente disperso, eficiente em preço e qualidade e, aqueles de execução mais complexas, concentrados em locais específicos. A dependência a organização comunitária, destacadamente às cooperativas, tem que ser total.

4) o elenco de atividades econômicas (culturas e criações) tem que está perfeitamente ajustado ao meio-ambiente a fim de poder compor produtivos sistemas de exploração. A difusão do sorgo, do milho, da cunhã, da algaroba, do capim buffel, da palma, do al-

godão arbóreo e herbáceo geneticamente melhorados, do coco-dabaia, do cajueiro, das fruteiras tropicais, das hortaliças irrigadas e de outras culturas já testadas, no campo propriamente agrícola, afiguram-se como de boas perspectivas. A intensificação do criatório de caprinos com objetivos nobres de comercialização dos derivados do leite, de ovinos deslanados para carne, bem como de aves e, mais, a criação do bicho-da-seda, de peixes e camarão em viveiros ampliam o leque de alternativas econômicas indispensáveis ao alcance do estágio de diversificação;

5) a produção, comercializada por via direta, quer dizer, via cooperativas de produtores rurais, deve se destinar, em maior proporção, aos mercados;

6) a gleba deve reunir um conjunto de fatores de produção de modo a proporcionar aos membros da família condições de trabalho durante 250 dias no ano. Normalmente não está chegando a 100 dias. A renda gerada fatalmente se equivalerá a obtida pelo

trabalhador urbano e a tecnologia aplicada pela família tem de ser seletiva para que assegure a preservação do meio-ambiente e a manutenção de boa qualidade de vida;

7) a urgência no sentido de que se proceda ajustamentos na estrutura agrária é evidente. Busca possibilitar ao fator terra ser melhor aproveitado em propriedades privadas familiares.

Os efeitos do desenvolvimento do setor primário serão incorporados ao setor secundário pelo crescimento da oferta de matéria-prima para transformação e, também, ao setor terciário pela necessidade que terá de crescer para administrar a distribuição de maior volume de bens à sociedade.

Fica, ainda, a observação de que o momento histórico exige da agricultura maior capacidade de absorção de mão-de-obra, porque os demais setores não apresentam desempenho que permita a oferta de novas oportunidades de empregos no mesmo ritmo em que emergência da população pessoas com idade de trabalhar.



Logo após a posse, Agripino reuniu a equipe e dá as diretrizes

ADMINISTRAÇÃO

Equipe de Agripino começa a sua missão com ritmo severo

Economia. Contenção de gastos. Essa a preocupação principal do Governador José Agripino Maia no primeiro mês de sua administração. Essa foi, inclusive, a sua primeira determinação ao secretariado e responsáveis por empresas de economia mista: economizar, não nomear ninguém — sob pena de demissão sumária. O Governador tem a preocupação de evitar o que ele chama de “orçamento paralelo”, prática que se tem tornado comum em alguns Estados e surgida com a proliferação das poderosas empresas estatais. Ta! prática tem permitido que, nos últimos anos, mesmo com os Governos insistindo em austeridade e contenção de gastos, as empresas de economia mista encontrem subterfúgios financeiros para escapar à fiscalização dos Executivos.

A preocupação de Agripino com as finanças do Rio Grande do Norte não é isolada, nem um caso único no contexto nacional e regional. A sua queixa faz parte de um coro que se tornou comum tão logo os novos governadores assumiram.

EXEMPLOS — Em Pernambuco por exemplo, Estado bem mais rico do que o Rio Grande do Norte — ou bem menos pobre, segundo a colocação mais adequada — o Governador Roberto Magalhães tomou providências mais drásticas. Primeiro, proibiu não só pura e simplesmente as nomeações, como tomou providências para impossibilitar que qualquer diretor de empresa de economia mista ou secretário de Estado contrate — mesmo que exista a vaga — parentes até terceiro grau. Outra providência do mandatário pernambucano foi instituir uma comissão, sob a presidência do seu secretário de Imprensa, Ângelo Castelo Branco, para realizar levantamento sobre as publicações que são custeadas pelo Estado e que têm fins promocionais — boletins, revistas, jornalinhos, etc. Com o levantamento, ele quer extinguir todas essas publicações para conter os gastos.

Em Alagoas e no Maranhão a situação é igualmente vexatória. Esses dois Estados não sabem sequer como vão pagar ao funcionalismo público.

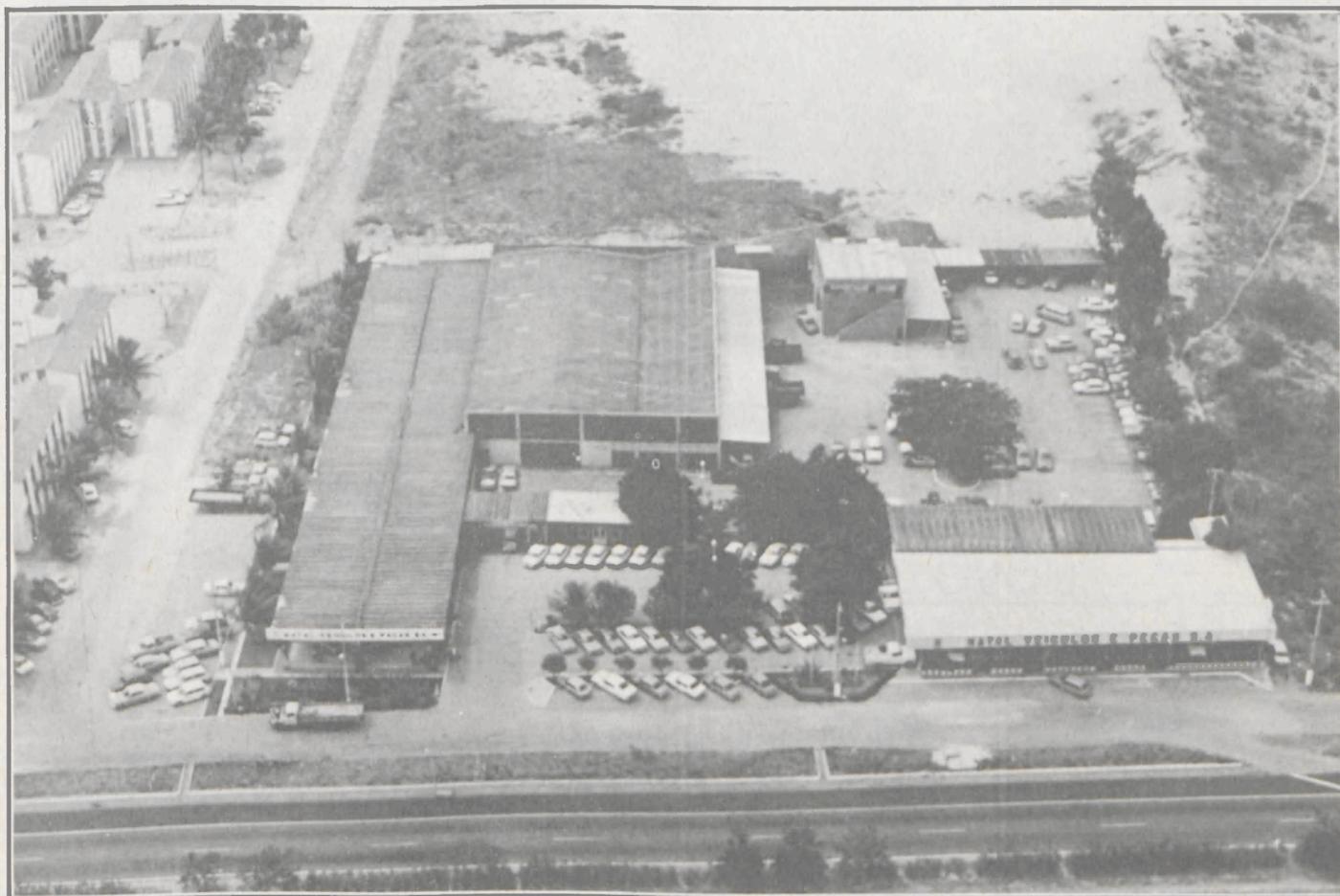
No Ceará, a grita começou antes da posse de Luiz G. Motta. A imprensa cearense antes que o novo Governador recebesse o cargo já fazia um levantamento por conta própria e apresentava uma situação muito ruim.

O QUADRO POTIGUAR — Naturalmente o que mais perturba José Agripino é o aumento do funcionalismo. É uma questão que se tem tornado cada vez mais delicada, com o peso de mais de 30 mil funcionários em todo o Estado. Mal toma posse, tem de enfrentar essa batalha que, em geral, é muito dura — e mais ainda nos tempos atuais, com a inflação disparada e a política salarial disposta a conter o ímpeto dos reajustes.

O Rio Grande do Norte está com a ressaca de, praticamente, cinco anos de seca, com reflexos violentos em sua arrecadação, pois a economia potiguar ainda gira em torno da Agricultura. Nessa situação difícil, há um dado que chega a soar como pesadelo: mesmo com todas as suas dificuldades financeiras, um ponto que se tem tornado sagrado para o Rio Grande do Norte, desde o Governo Cortez Pereira, é a pontualidade no pagamento mensal do funcionalismo. Uma administração elevada à essa condição pelo voto direto e que conta com tantas simpatias e esperanças, certamente não deseja carregar o ônus de uma exceção desse tipo.

Essa a razão do Governador José Agripino estar se mostrando tão preocupado. □

Uma empresa que cresce com o Rio Grande do Norte



Vender automóveis na fase em que estamos não é uma coisa muito fácil. Mas também não é tão difícil, principalmente quando se trabalha com gente especializada e pensando em atender sempre melhor.

Para isso, Natal Veículos, uma empresa que pensa assim, tem atingido todas as suas metas no mercado de veículos de Natal. Dinamizar vendas é crescer, é dar mais empregos, é pagar mais impostos. Agir assim é dar impulso ao desenvolvimento do nosso Estado, e Natal Veículos cresce com ele, agora

quando RN/ECONOMICO divulga a relação das 100 maiores empresas que mais pagaram ICM em 1982, estamos figurando entre as cinco primeiras colocadas, compensando o nosso esforço e atingindo o nosso objetivo: crescer com o Rio Grande do Norte.

Chevrolet
Marca de valor



NATAL VEÍCULOS

BR 101 Km 04 - Tel.: 231-1228





O desfile em carro aberto até o Palácio

NOVO GOVERNO

Quase sem festa a posse de Agripino. Há muito trabalho

Depois de uma posse festiva e em que, por ironia, foi recepcionado por uma comissão de deputados onde os dois representantes eram do PMDB — os deputados Paulo de Tarso e Garibaldi Alves Filho — o Governador José Agripino pôs-se a trabalhar duro logo no dia seguinte — 16 de março — dando posse ao seu secretariado e entrando de corpo inteiro nos problemas do Rio Grande do Norte. Nestes primeiros dias de Governo, além da ânsia de começar a atacar problemas que, de certo modo, ficaram pendentes por causa da transição administrativa iniciada praticamente desde o período eleitoral, o novo Governo do Rio Grande do Norte defronta-se com o natural problema de ritmo. Isso é próprio de toda administração que se inicia e onde a equipe é uma mescla de elementos vindos do outro Governo — e até de outros Governos — de alguns que já estão habituados com estilo José Agripino. Há a facilidade de não haver modificações estruturais no quadro administrativo — a

não ser com a criação inicial da Secretaria de Imprensa. Mas, mesmo assim, setores que estiveram muito

afim com o estilo Lavoisier Maia — como a CERN, por exemplo — vão demorar um pouco a encontrar a sua real posição dentro do novo quadro.

PRESTÍGIO PARA IMPRENSA — Uma das modificações no estilo do Governo José Agripino será no papel reservado à imprensa. Nesse setor, a sua primeira providência foi devolver



O povo na praça Sete de Setembro

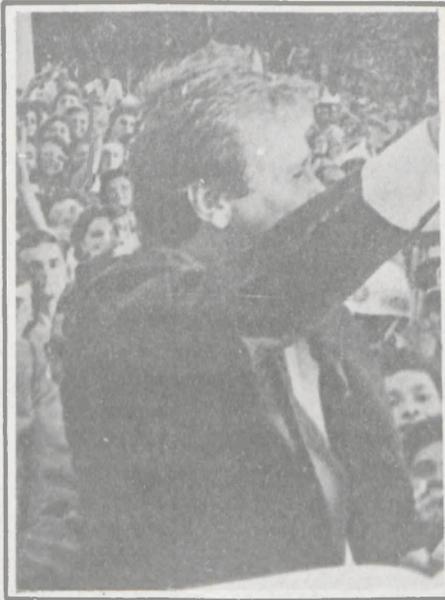
ao cargo de assessor de imprensa o status de Secretário, prática que foi sendo abandonada desde o Governo Tarcísio Maia com o deslocamento de parte dessa função para a Casa Civil ou o Secretário Especial — que, no Governo Lavoisier Maia, foi um jornalista, Paulo Tarcísio. O novo Governador pretende ter mais perto de si o setor de imprensa. Embora não tenha se configurado o propósito inicial de criar exatamente a Secretaria de Imprensa, o homem que está ocupando essa função — jornalista João Batista Machado — foi nomeado como Assessor-Chefe de Comunicações.

João Batista Machado — que vem atuando com José Agripino desde a Prefeitura — está muito entusiasmado com o papel que lhe vai caber no Governo. Tendo ocupado também essa função num período do Governo Tarcísio Maia, ele lembra como é incômodo depender, para o exercício das atividades do setor, das disponibilidades de verba da Casa Civil a quem, por tradição, a Assessoria de Imprensa, no seu estilo tradicional, fica subordinada sempre na estrutura administrativa do Executivo estadual no Rio Grande do Norte. O propósito de Agripino é dotar o setor com orçamento próprio e lhe conferir a responsabilidade por todos os assuntos relacionados à comunicação.

Animado, João Batista Machado, neste início de Governo, está providenciando junto ao Chefe da Casa

Civil, Laércio Segundo, “a volta da imprensa para o Palácio, junto do Governador”.

No momento, a Assessoria de Imprensa vinha funcionando num casarão alugado ao lado do prédio do Tri-



Um ritmo diferente

bunal Regional Eleitoral, não exatamente com desconforto mas sem condições de acompanhar as atividades do Governador com a presteza necessária:

— O setor de imprensa — defende João Batista, um jornalista do batente com bastante experiência — é perto do Governador, porque só assim pode estar presente aos acontecimentos no momento adequado.

Nas novas atribuições do setor de imprensa, ela deverá ganhar estrutura inteiramente nova, inclusive com setores para divulgação de notícias a nível nacional e regional. Também deverá ditar a linha editorial do jornal “A República” e, talvez, a longo do Governo José Agripino, passe a tutelar também a própria CERN. Há uma tendência para colocar a Cia. Editora do Rio Grande do Norte sob a jurisdição do setor de imprensa e não da Secretaria da Indústria e Comércio.

AGENDA ORGANIZADA — Acostumado a atuar com José Agripino, João Batista Machado define o seu modo de trabalhar como “bastante organizado e fiel à agenda”.

— Ele é metódico, no seu modo de administrar. Cumpre fielmente a agenda. Mas isso não quer dizer que, quando há necessidade urgente, ele não receba um político a qualquer hora. Apenas cuida de administrar seu tempo da maneira mais racional possível — explica Machado.

Mesmo assim, é inegável que o novo Governador, como todo administrador, tem os assessores e contatos com maiores afinidades. Questão natural, de ritmo, de maior compatibilidade. Por esse motivo, muitos auxiliares do segundo escalão que vieram do Governo Lavoisier Maia, vão estranhar um pouco a mudança de estilo, mesmo levando em conta que os planos básicos dos seus setores vão ter continuidade normal. □

Lavoisier, enfim o descanso

Dois dias depois de passar o Governo, já como médico Lavoisier Maia, o ex-Governador, pegou um avião e foi descansar em Cabo Frio. Nada mais justo. Nos últimos 18 anos, ele foi o Governador de mandato mais difícil. Teve de enfrentar problemas delicados porque o início da sua administração coincidiu com o início do ciclo de secas. E isso fez reverter, logo a partir do primeiro ano, toda a sua estratégia de Governo. Assim, quem consultar o teor da mensagem do então Governador Lavoisier Maia após o seu primeiro ano à frente do Executivo constatará que toda a prioridade anunciada é para a agricultura. Até então o ciclo de seca não estava perfeita-

mente configurado. Porém, um ano depois, com a falta de chuvas persistindo, a estratégia inicial teve de ser refeita. Ajustes foram feitos e as prioridades tiveram de ser revistas. Então, foi praticamente improvisado um plano para as circunstâncias, com ênfase na industrialização e a implantação de pólos estratégicos para o aproveitamento das características do Estado — como é o caso do pólo cerâmico.

Com a inversão de prioridades, a Secretaria da Agricultura, que era o ponto de apoio principal na primeira fase, saiu um pouco de foco. Em seu lugar ficou a Secretaria da Indústria e Comércio, que

passou a desenvolver uma atuação mais dinâmica, dedicando-se, inclusive, à tarefa de procurar atrair investimentos para o Estado. A própria participação do Rio Grande do Norte em feiras e amostras em outras unidades da Federação tornou-se mais assídua e ambiciosa. Foi acelerada a implantação dos Distritos Industriais — Natal e Mossoró. Já a Secretaria da Agricultura ficou na linha de frente de providências para atenuar os efeitos da seca, com o apoio logístico da Emater-RN e sua rede de escritórios e em contato direto com a Sudene.

O ex-Governador ainda teve de enfrentar duas campanhas eleitorais: quando estava para entrar, a eleição para o Senado e, perto da saída, a eleição direta para eleger seu sucessor. A temporada de descanso foi realmente merecida.

ENTREGUE OS CARINHOS DE SEU CARRO AO POSTO SÃO PEDRO



Quando seu carro precisar dos serviços de um posto, pense no SÃO PEDRO. O POSTO SÃO PEDRO tem um tratamento especial para o seu carro. Na MATRIZ da Rua Apodi, esquina com Campos Sales você encontra um ambiente espaçoso para o seu carro com excelentes serviços de abastecimento, lavagem, lubrificação, troca de óleo, pneus e ainda uma unidade de vendas de Água Mineral Indaiá. Outra opção idêntica será encontrada na FILIAL — POSTO ESO, no bairro da Ribeira na Avenida Rio Branco, n.º 300, em frente à CAERN.

UMA ORGANIZAÇÃO

Enaldo Silva de Araújo

POSTO SÃO PEDRO

POSTO SÃO PEDRO — MATRIZ:

FILIAL: POSTO ESO — Avenida Rio Branco, 300 — Fone: 222-3997

Natal — Rio Grande do Norte

MATRIZ: POSTO SÃO PEDRO — Rua Apodi, 520 — Fone: 222-3131



Lourdinha cuidará...



... mais da área social do que política

GOVERNO

Nova função da Secretaria de Governo vai ser mais para a política social

A Secretaria de Governo, na disposição funcional da chefia do Executivo estadual, tem objetivos políticos. Pelo menos, tinha. Na administração José Agripino, que se elegeu pelo voto direto, essa Pasta vai se voltar para assuntos comunitários. Quando para ocupá-la foi designada a assistente social Lourdinha Guerra Vale houve alguma surpresa. Aparentemente, há incompatibilidade entre a sua especialidade e as características do setor. Mas, talvez, seja uma incompatibilidade só aparente. É possível que o julgamento da ótica "política" para a Secretaria de Governo esteja sendo feito com o enquadramento dos últimos anos de eleições diretas. Nesse caso, a Pasta não deixaria de ser "política". Só que, aí, o termo política se aplica de outra maneira e não no sentido do clientelismo exclusivo com a classe política. No caso, trata-se da proposta agripinista de "governar com as atenções voltadas para os pobres". E, portanto, à Secretaria de Governo está reservado um importante papel na política social da administração que se inicia.

PESSOA ADEQUADA — Em sentido assim, Lourdinha Guerra é a pessoa adequada para o cargo. Ela vem de uma experiência bem sucedida na Coordenadoria Regional do Mobral.

Nesse posto foi muito além das tarefas rotineiras e desviou-se da rota estreita das promoções educacionais do nível mobralino. Promoveu encontros que, por alguns momentos, pareceram inusitados, como de prostitutas, de lavadeiras, de profetas populares, de rezadeiras. Mas esses encontros demonstraram ser de grande importância social. Tanto é assim que mereceram destaque da imprensa nacional, transformando-se em sucesso e com grandes resultados práticos do ponto de vista sócio-cultural, proporcionando o estudo ao vivo de tradições profundamente arraigadas no modo de vida nordestino. Além, é claro, das discussões de problemas sociais graves como o das prostitutas.

A prova da repercussão desses trabalhos foi um reconhecimento público da Unesco e elogios da direção nacional do Mobral.

A MISSÃO SOCIAL — Se, para alguns, foi algo estranho a indicação de Lourdinha Guerra para a Secretaria de Governo, agora as coisas podem ficar mais claras ao se saber o objetivo básico desse setor, no Governo Agripino Maia: o elo de ligação entre a Administração e as classes trabalhadoras. E ela confessa a **RN/ECONÔMICO** que é uma tarefa sem segredo para quem está acostu-

mada a lidar com lideranças comunitárias, a tratar pessoalmente com as populações de várias partes do Estado.

Observa que, quanto à classe política especificamente, tem muita simpatia por ela e, no que lhe couber, dentro desse aspecto, cumprirá fielmente as determinações do Governador José Agripino:

— É uma finalidade muito grande servir à população, desenvolver uma política junto às comunidades, servir ao povo. Ajudando o desenvolvimento social, também se está realizando um trabalho político — nota ela.

Desde o momento que foi efetivada no cargo, em 16 de março, ela se integrou imediatamente na missão. Como primeira meta tratou de partir para a estruturação da Secretaria de Governo, procurando adaptá-la para as novas finalidades. Essa estrutura, de fato, será mais uma reestruturação, de vez que era um setor exercendo um determinado tipo de trabalho mas que, agora, vai se voltar para outro. E ela está disposta a abraçar a tarefa com entusiasmo, exercendo o papel de "coordenadora popular" em todo o Estado, segundo o programa traçado pelo Governador José Agripino. Será um trabalho a médio e curto prazo, com o objetivo de ajudar o mais possível as ações do Governo. □

Mesmo com as dificuldades, o pagamento continuará em dia

Apesar dos quatro anos consecutivos de seca que afetaram profundamente a economia do Rio Grande do Norte com uma brusca queda na arrecadação do Imposto sobre Circulação de Mercadorias — ICM —, o Governo do Estado, um dos poucos do Nordeste, garante que o pagamento do funcionalismo não sofrerá atrasos, mesmo sabendo que em maio terá de arcar com as despesas do aumento dos salários dos servidores.

Problemas com a folha de pagamento de seus servidores está tendo a maioria dos governadores dos Estados do Nordeste — alguns com dois meses de atraso — por conta do longo período de estiagem, além da situação ter se agravado durante o período eleitoral, quando o empreguismo esteve acima dos interesses do Estado.

RECURSOS — Reticente, o novo secretário da Fazenda, agrônomo Haroldo de Sá Bezerra, não soube precisar quanto o Rio Grande do Norte arrecada mensalmente com o Imposto sobre Circulação de Mercadorias. Disse, apenas, que “houve uma queda natural na produção do algodão em consequência do longo período de estiagem”.

No entanto, o seu antecessor, dias antes de lhe transmitir o cargo, disse em entrevista a um jornal local que o Estado havia aumentado a sua arrecadação de ICM, entre dezembro de 1982 e janeiro deste ano, em 500 mi-

lhões de cruzeiros. Paulo Diógenes disse, também, que o Rio Grande do Norte arrecadou, em janeiro, 2,4 bilhões de cruzeiros, caindo em fevereiro para 1,85 bilhões de cruzeiros.

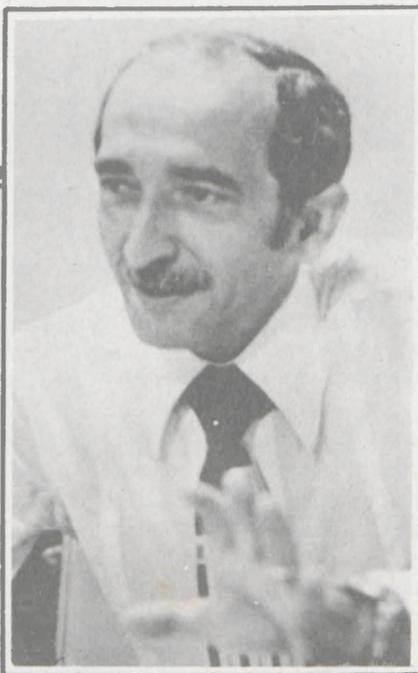
Haroldo Bezerra confessa que o orçamento do Estado foi afetado pela seca dos quatro anos do Governo La Voisier Maia Sobrinho, o que não reduziu de forma tão alarmante os recursos provenientes do ICM. Ele acha que o Estado arrecadou imposto de outras formas, como, por exemplo, com a vinda de técnicos da Petrobrás para trabalhar nas nossas plataformas, ganhando altos salários. Diz Haroldo que esses técnicos, além dos militares, compraram no comércio e que essa é uma fonte que também gera impostos.

Enquanto Haroldo desconhecia o total arrecadado em março, o secretário da Administração, Efrem Lima, revelava que a folha de pagamento dos 35 mil servidores do Estado, nesse mesmo mês, atingira a 1 bilhão, 861 milhões, 199 mil, 774 cruzeiros e 98 centavos. □

As tentativas para conter os gastos

Herdeiros de uma situação difícil, fruto da crise econômica porque passa o Brasil, além dos excessivos gastos efetuados durante a campanha política de 15 de novembro último, os novos governadores do Nordeste estão de comum acordo pelo menos num ponto: a contenção de despesas, em todos os níveis, se faz necessária para ajudar a seus Estados a diminuir a discrepância existente entre a folha de pagamentos e a receita.

O Governador do Rio Grande do Norte, engenheiro José Agripino Maia, já assinou ato proibindo a contratação de pessoal e determinou ao seu secretário da Administração, Efrem Lima, que fizesse um levantamento minucioso dos gastos do Governo para se coibir os excessos e combater os superfluos.



Efrem; economizar

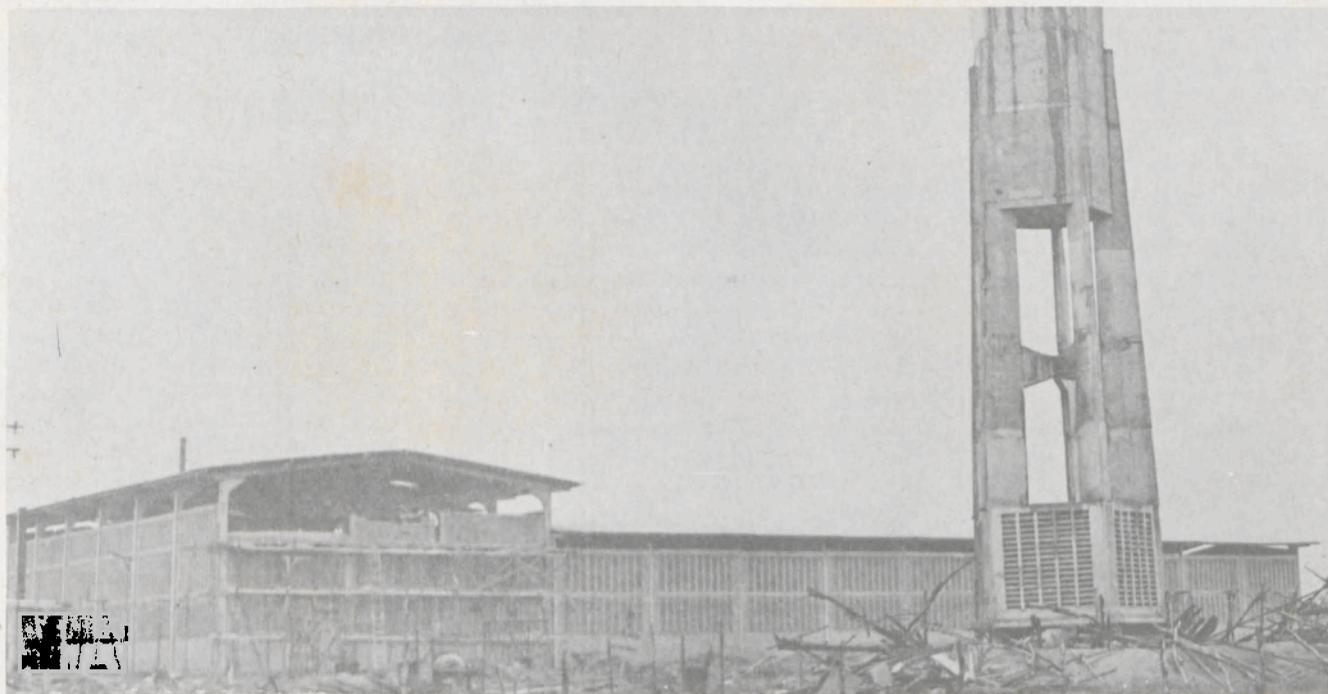
COMBUSTÍVEL — Segundo o secretário da Administração, Efrem Lima, o Governo do Estado possui uma frota de 526 carros leves e pesados para um gasto mensal, somente com combustível, de 20 milhões de cruzeiros. Mas ele diz que está “fazendo um levantamento da frota para, não só disciplinar o uso de veículos, como também determinar a quantidade que está desgastada para ser colocada em alienação”.

Como parte das determinações do Governador para conter as despesas, Efrem Lima afirma que vai

apresentar a Agripino um decreto disciplinando o uso de carros oficiais e estabelecendo uma cota diária de combustível para cada veículo, o que permitirá a Efrem, mesmo que o preço da gasolina seja majorado, manter as despesas com combustível no nível dos 20 milhões de cruzeiros.

Todas as medidas de contenção de despesas, explica Lima, irão atingir a administração direta e indireta, a começar com um trabalho que sua Secretaria está fazendo para descobrir quantos funcionários estão acumulando cargo. Os servidores que se encontrarem nessa situação serão convidados a optar apenas por um cargo.

O trabalho de Efrem Lima também vai atingir àqueles que estão à disposição de outras Secretarias ou empresas de economia mista e aos servidores que recebem salário família ilegalmente. Efrem está otimista com relação aos efeitos que as medidas irão produzir em benefício do Estado e diz que “ainda vamos padronizar o material de expediente e exercer uma fiscalização no Centro Administrativo para evitar que, após o expediente, as luzes permaneçam acesas.”



CISAF DIVERSIFICA SUAS ATIVIDADES

No momento atual de crise por que passa o País, o programa do Governo Federal se volta para a exportação com o objetivo de aumentar o desenvolvimento do País.

O Rio Grande do Norte, tem sem dúvida, uma participação significativa neste esforço da Nação para exportar cada vez mais.

Em esse aspecto, a CISAF — Comércio e Indústria de Fibras S/A — fabricante de produtos de SISAL de alta qualidade, e que há vários anos faz parte do elenco de empresas exportadoras do RN, resolve diversificar suas atividades para aumentar o ritmo de suas exportações. Com isso, brevemente estará lançando uma nova linha de produtos de boa aceitação no comércio exterior, que é a castanha do caju.

Dentro dos próximos meses o grupo CISAF, estará inaugurando a sua fábrica para processamento da castanha, cuja construção está em avançada fase, no Distrito Industrial de Natal.

PRIMEIRA FÁBRICA DO D. I. DE NATAL — A informação do diretor administrativo da CISAF, Francisco Dantas Guedes, demonstra segurança e tranquilidade pela certeza do sucesso do novo empreendimento. O projeto, em fase de execução, encontra-se

localizado no Distrito Industrial, na estrada do município de Extremoz e conta com um investimento que envolve uma considerável soma de milhões de cruzeiros, todos advindos de recursos próprios.

Será, segundo Dantas Guedes, a primeira fábrica inaugurada no D. I. de Natal, pois, a obra está obedecendo corretamente o cronograma, o que vale dizer que "nossas expectativas é de sua entrada em funcionamento antes de junho próximo".

Ao que vai significar essa nova atividade da empresa em termos de divisas, Dantas Guedes acrescenta que: "Esta nova conquista representa um esforço do grupo CISAF, para aumentar o nível de exportação do Estado, o que de certa forma contribui para o equilíbrio da balança de pagamento da Nação".

UMA EXPERIÊNCIA AJUDA OUTRA — Apesar da atividade da CISAF, como foi dito acima, ser a fiação de fibras de SISAL e exportação de Cordéis — "BALER TWINE" — as coisas não vão se misturar. Explica Dantas que, as duas atividades têm compradores diferentes e projetos de matérias-primas bem diversificadas. A úni-

ca coisa em comum são os objetivos de exportação e, "neste aspecto vamos contar com uma substancial vantagem, pois, a experiência de comercialização com a atividade tradicional, nossa, vai ajudar a nova iniciativa".

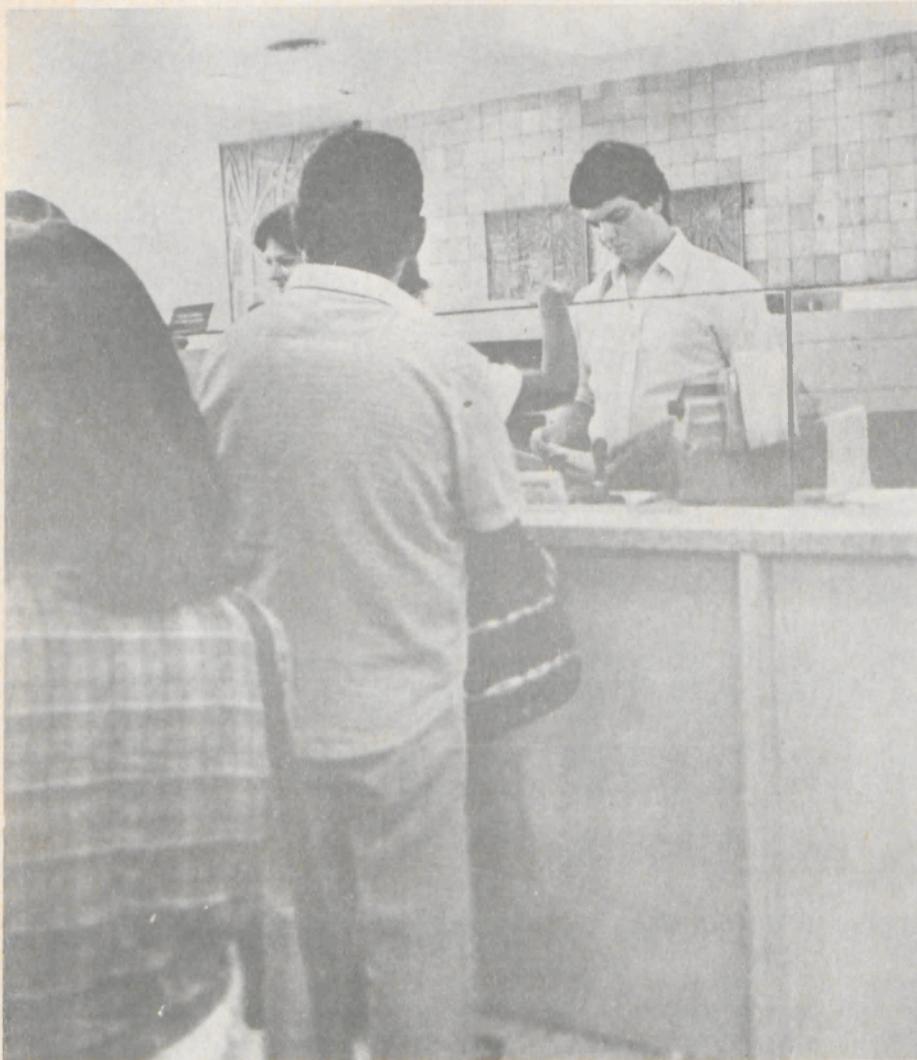
A fábrica vai contar com maquinaria moderna de corte, e de mão-de-obra interna para a seleção dos tamanhos das castanhas.

Com isso, seguramente, oferecerá novas oportunidades de empregos a um considerável número de pessoas, o que sem dúvida elevará o volume de contribuição da empresa no aspecto social para o Estado.

Os frutos do caju serão adquiridos do próprio Estado, e da Paraíba, uma vez que não se trata de projeto integrado, apenas contará a fábrica com um sistema de embalagem moderno, que permite a exportação da castanha sem nenhum tratamento especial, senão a retirada da casca.

Os mercados consumidores do produto, são os EEUU e parte dos países europeus que já contam com fornecimentos da África e da Índia, como tradicionais parceiros.

Para a CACEX, representará sem dúvida, a entrada de mais uma empresa no elenco das indústrias dentro do Estado que operam efetivamente com o mercado exterior.



Nos bancos, os juros sempre altos

INVESTIMENTO

Movimento do 'overnight' vai a Cr\$ 1 bilhão por dia, no RN

Mais de Cr\$ 1 bilhão — ou “vários bilhões, com certeza”, segundo um gerente de banco — é quanto está girando, por dia, a roda viva do “overnight” em Natal, através dos mecanismos de mais de 40 agências bancárias atualmente operando na cidade. Essa quantidade de dinheiro, para uma praça como Natal, é considerada altíssima. Mas esse giro diário pelo “overnight” é explicado pelos gerentes de banco justamente por causa da pobreza econômica da praça e do custo do dinheiro cada vez mais alto, com o agravante das carteiras comerciais estarem praticamente paralisadas:

— O “overnight” — explica o gerente da agência do Banco Auxiliar, Francisco de Cordeiro Bezerra — é a maneira mais eficiente de proteger o dinheiro e aproveitar, ao mesmo tem-



Bezerra: correção pior

po, para ganhar também alguma coisa com as altas taxas de juros.

CORRIDA COM OS JUROS — O “overnight” sustenta uma corrida frenética com os juros. Quanto mais alto o juro e quanto mais escasso o dinheiro, mais há a aplicação nessa modalidade de aplicar o dinheiro momentaneamente parado e ganhar em 24 horas. Esse tipo de aplicação também tem os seus caprichos. Curiosos caprichos. Segundo as explicações de Francisco Bezerra, os juros do “overnight” são muito variáveis — talvez seja a única aplicação que apresente um índice muito grande de variação em seus juros para remuneração ao investidor. E essa variação está em função do montante de dinheiro existente nos bancos. Quando há excesso de oferta, a tendência é para baixar a remuneração; quando essa oferta diminui, o juro aumenta.

Já o “open” é mais estável. Enquanto o “overnight” compreende aplicação por 24 horas, o “open” é pelo período de uma semana, o que permite um cálculo de juros mais regular.

A CORRIDA PELO DINHEIRO — Os gerentes de banco de Natal não acreditam que haja qualquer reflexo em termos de baixa de juros no mercado local, a curto prazo. Bezerra, por exemplo, entende que não há a menor possibilidade de melhora dentro dos próximos 90 dias. Aliás, com respeito a juros, mesmo como gerente de banco, ele se mostra algo amargurado, porque as coisas, no seu entendimento, são mais graves e mais complicadas do que a abordagem usual.

— Os juros — comenta Francisco Bezerra — variam de 160 a 180%. Mas, na realidade, em Natal, eles estão muito acima disso. Isso, porque muita gente faz confusão entre juros nominais e juros de fato, assim como as taxas. Muita gente esquece que é difícil baixar o juro, porque não é ele somente quem influencia o custo do dinheiro. Há as taxas, há a correção monetária. E o juro está amarrado a isso tudo.

E aos prazos. Num empréstimo de 120 dias, de Cr\$ 1 milhão, o banco só entrega, limpos, ao tomador, Cr\$ 600 mil. Se for em 90 dias, já entrega Cr\$ 700 mil. E por 30 dias as coisas mudam muito: o tomador recebe Cr\$ 900 mil.

Isso em se tratando de empréstimos na carteira comercial, para o desconto de duplicatas. São, enfim,



Poupança: alternativa

números teóricos, de toda forma, porque nos últimos dois meses essas carteiras estiveram completamente paralisadas, fechadas. São elas que operam, quando há dinheiro disponível, com maior flexibilidade, porque tudo fica mesmo na própria alçada do gerente. Nas outras linhas de crédito as coisas complicam mais e não é todo tomador que tem paciência para atravessar toda burocracia.

Por todas essas dificuldades de dinheiro é que as empresas, a cada sexta-feira, aproveitam toda folga de caixa, pelo tempo disponível que têm, para aplicar no "over". Se, quando é para tomar dinheiro a empresa tem de pagar caro, ela aproveita o mesmo mecanismo que a onera para aliviar a carga e lucrar com o juro que tanto atormenta. □

Indefinições do trimestre

Com todos os estímulos para a Caderneta de Poupança, oferecidos pelo Governo — aumento do limite de garantia e correção monetária superior a 9 por cento — a virada do primeiro trimestre de 1983 se não foi catastrófica, como a de outubro do ano passado, ainda assim proporcionou um montante significativo de saques. Só na agência da Caixa Econômica Federal de Natal o movimento de saques, em relação aos depósitos, deixou um saldo negativo de Cr\$... 500 milhões. As outras cadernetas de poupança que atuam na cidade se mantiveram reticentes quanto aos números, certamente porque são mais vulneráveis do que a CEF e não têm a mesma estrutura. Mas, pelas declarações feitas à imprensa, o movimento de retirada também não foi propriamente confortável a um ponto de levar ao fornecimento de orgulhosos números. Quando, no mercado de capital, os números são substituídos por declarações mais ou menos vagas, é porque eles não são plenamente satisfatórios.

MAIS APOIO — Com bons ou maus resultados, o apoio do Governo às cadernetas vai prosseguir também por esse segundo trimes-

tre. Bem bem houve a virada, com o rendimento superior a 25%, Nelson da Matta, o incansável presidente do Sistema Nacional das Associações de Poupança, já voltava a ocupar as emissoras de televisão em cadeia nacional e os principais jornais do País para anunciar mais novidades. Disse que o rendimento este ano vai superar a casa dos 40%, batendo todos os recordes da história das cadernetas. Certamente será em torno desses novos dados que nova ofensiva publicitária se realizará, inclusive com a ajuda do BNH. Da Matta também anunciou benefícios do Sistema Financeiro de Habitação para financiar prestações de casa dos desempregados — que comprovam efetivamente essa condição — implicando na possibilidade de uma autêntica moratória de até seis meses.

Com tudo isso, constata-se a firme disposição governamental de manter a caderneta de poupança como a fonte de investimento mais popular, dentro do elenco de opções atualmente existente, porque ela é, a rigor, a única escolhida de todas as conotações especulativas, tendo uma finalidade social.

AQUI ESTÁ O MATERIAL QUE VOCÊ PRECISA

Louças e metais sanitários; Pisos revestimentos; Tintas, tubos e conexões, além de outros produtos para sua construção.

Procure a Saci, onde Natal compra.

SACI MATERIAL DE CONSTRUÇÃO

Matriz: Rua Pte. Bandeira, 825
 Tels: 223-3626 / 3627 / 3625
 Filial: Av. Rio Branco, 304 / 310
 Tels: 222-2284 / 3387

L. CIRNE & CIA LTDA

DISTRIBUIDOR AUTORIZADO



O SUCESSO DA CERVEJA CERMA CHEGA A NATAL

REVENDEDOR EXCLUSIVO

RADIAL DE AÇO PARA ÔNIBUS E CAMINHÕES

Firestone

L. Cirne e Cia Ltda.
uma das mais concei-
tuadas empresas do
RN é também agora
distribuidora da cer-
veja CERMA.

Fones: 084-2232227 — 084-231-1010 —
084-2224016 — 084-2222895 — 084-223-4762 — 081-2722146



Novo Governo, nova reflexão

4

CORTEZ PEREIRA

Euclides da Cunha, com ironia acusadora, definiu a seca do Nordeste como “uma eterna e monótona novidade”.

Eterna porque sempre existiu, monótona pelas suas repetições cíclicas, novidade apesar de tudo isto...

As suas dolorosas consequências derivam menos do que ela é, e muito mais do sistema de produção, de distribuição da renda, de culturas inadequadas.

Modificações estruturais, profundas, complexas, dificilmente serão obtidas. Assim, resta-nos imaginar alternativas outras que sejam capazes, embora lentamente, de tornar a Região mais resistente ao impacto da tragédia social que se repete desde o século XVI.

Poderia ser aberto um amplo e rápido debate sobre como devesse ser, quais os investimentos a fazer para que se monte o modelo de uma unidade de produção permanente, em plena hostilidade do sertão nordestino. Como início da discussão fazemos agora as nossas sugestões.

A partir de uma sistêmica correlação entre infraestrutura, mão-de-obra, carga produtiva seriam dimensionados, basicamente, três binômios: açude/barragem submersível, algaroba/palma e silagem/fenação.

O açude médio dará estabilidade à propriedade e o seu desempenho será ampliado pelo acoplamento de uma barragem submersível. Torna-se uma complementariedade de evidentes resultados favoráveis. A perda natural de água com a revencia do açude torna-se a vantagem do aluvião umidecido pela retenção da barragem. Somadas as terras de vazantes do açude às da barragem, ganha-se área molhada para o permanente suporte de alimento e ração. Pequeno pomar, produção de cereais, batata, jerimum, hortaliças e peixamento por um lado, enquanto por outro, o consórcio de capim de corte e leguminosa comporiam a justificativa social e econômica do investimento subutilizado que o açude representa hoje.

Na época das chuvas, mesmo poucas, havendo o aproveitamento máximo do binômio açude/barragem haverá excesso temporário do napier e das leguminosas que habitualmente se perdem, nessa nossa contraditória feira de escassez e desperdício. E o pior, há sempre uma perda dupla pelo capim que pendoando perde nutrientes, além da nova brotação que deixa de existir. Racionalizando o trabalho teremos, no inverno, uma certa e transitória abundância que será transformada em fenação e silagem, técnicas que teremos de adotar para fazer pecuária no sertão. Não foi outro o caminho dos europeus que têm no frio um inimigo muito mais exterminador e frequente.

Completaremos a integração da propriedade rural da região cristalina do Nordeste com o último binômio: algarobeira/palma. Algarobeira é milagre natural, pela oferta abundante de proteína, exatamente, nos meses piores do ano e nos anos piores de seca. Quanto mais a seca procura matar, mais a vida ameaçada da algarobeira defende-se, produzindo mais para sobreviver. Devemos cobrir toda a área de pisoteio com algarobeira (10x10 ou 15x15). Deverá ser plantada, esparsamente, criando sombras até nos roçados. Plantá-la novamente a pequenas distâncias como morões vivos de cercas ou em bosques densos cercando as casas.

Os campos de palma quando “fertilizados” pelas sombras da algarobeira em vez de 10, terão uma vida útil de 20 anos, como ficou demonstrado na experiência do DNOCS feita no Cariri da Paraíba (Fazenda Pendência). Tem mais, a algarobeira, por sua alta transpiração, oferece a umidade que o clima seco não tem para dar ao palmai.

Sobre esses 3 binômios — açude/barragem, fenação/silagem, algarobeira/palma — voltar-se-iam os estudos e pesquisas para indicar as melhores correlações, os menores custos e maiores benefícios. A presença desses três apoios nas propriedades do Nordeste mais seco, seria condição de crédito e de incentivos às grandes, médias e pequenas unidades rurais pela mesma razão que se exige salva-vida nas jangadas, barcos e navios.

CONJUNTURA

Empresa compra ouro no paralelo

O comércio paralelo do ouro, se bem que ainda incipiente, já apresenta um movimento razoável, em Natal, nestes tempos de cruzeiro maxidesvalorizado. O filão vem sendo explorado por uma pequena, curiosa e agressiva empresa de Recife, formada cinco anos atrás por cinco irmãos e que atua também em João Pessoa e Campina Grande, na Paraíba, com planos para ampliar suas atividades até Teresina, no Piauí. Aproveitando a sugestão que o nome evoca, os irmãos denominaram sua empresa de "Serra Pelada Ouro". E o meio mais comum a que recorrem para publicidade das suas atividades são cartazes ambulantes, conduzidos por meninos pelas ruas centrais das cidades onde atuam. Nos cartazes o aviso de que aceita negociar — comprar, na verdade — qualquer tipo de objeto de ouro, com a importante ênfase de que o "pagamento é na hora".

GRANDE MOVIMENTO — Em Natal, o movimento da "Serra Pelada Ouro", segundo informa o seu gerente geral, Geovani Paulo, é bem in-

forme garante o gerente geral da "Serra Pelada Ouro" e consoante a sua mensagem publicitária.

A cotação do ouro aqui, segundo os critérios desse mercado paralelo, é de Cr\$ 2 mil para um grama de ouro 14, Cr\$ 3 mil para um grama de ouro 16 e de Cr\$ 4 a 5 mil para um grama de ouro 18. Explica Geovani Paulo que os tipos 21 e 22 não são comercializados em Natal e são muito raros em todo o Nordeste.

NEGOCIADO NO SUL — O ouro comprado em Natal é negociado no Sul do País. Geovani explica que, lá, o ouro é melhor cotado do que no Nordeste, com um comércio muito mais intenso. Os clientes preferenciais são os ouriveis, além de outros pequenos comerciantes que atuam no comércio paralelo.

Geovani Paulo acredita que o movimento aqui ainda vai ficar muito maior. Ele considera que o ritmo agora é apenas o início de um comércio promissor.

E, de fato, pelo movimento no escritório da "Serra Pelada Ouro" vê-se que ainda há muita falta de vivência local nesse tipo de atividade. As peças levadas nem sempre são as que se prestam para venda. Um "cliente" levou uma peça já velha e vendeu por Cr\$ 2 mil, considerando-se satisfeito porque nem acreditava mais em seu valor; uma mulher vendeu outro por Cr\$ 3 mil e também se considerou satisfeita pelo mesmo motivo.

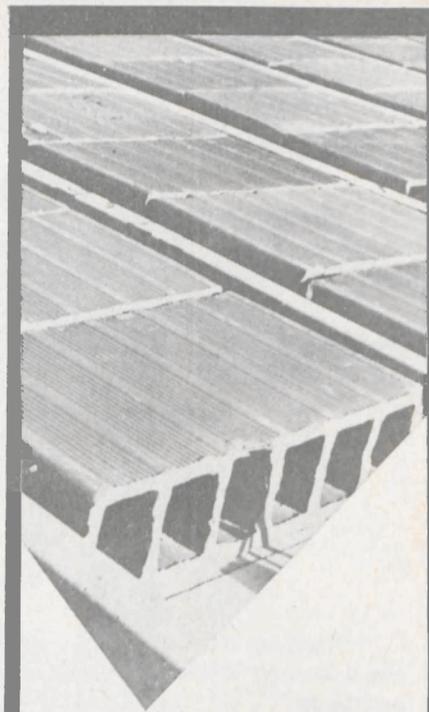


Serra Pelada: propaganda na rua

tenso, atendendo a cerca de 100 pessoas por dia que vão ao seu escritório do nono andar do edifício Barão do Rio Branco. Essas pessoas, segundo Geovani, vão oferecer pedaços de ouro velho, alianças, anéis, jóias, etc. Ele diz, contudo, que apenas uma média de 20 dessas 100 pessoas consegue fechar negócio. Os negócios, na realidade, são rápidos: a avaliação é feita na hora, caso a pessoa queira realmente efetuar a venda. O pagamento também é feito na hora, con-

te a notícia vai se espalhando aos poucos. No escritório da "Serra Pelada" há momentos em que são formadas filas de pessoas com pequenos pacotes na mão esperando a vez da sua avaliação. Algumas se decepcionam porque superavaliam seus objetos e antes tinham feito muita fé no que eles poderiam lhes render. Outras recebem mais do que esperavam.

A "Serra Pelada" já provoca muitos sonhos. □



O PERFIL DE UM GRANDE CONJUNTO

São nervuras e blocos, formando a conhecida laje Volterrana. Mais economia de tempo e dinheiro, mais simplicidade na instalação, menos peso e muita qualidade é o que você terá quando colocar na sua obra lajes Volterrana. Lajes Volterrana é uma qualidade nacionalmente reconhecida. E quem a fabrica em Natal é a Saci — Material de Construção. A Saci mantém um estoque permanente de lajes Volterrana e pré-moldados de cimento para pronta entrega. Procure a Saci. O Departamento Técnico da loja lhe ensinará tudo sobre lajes Volterrana.



Rua Pte. Bandeira, 828
Tels.: 223-3626/3627/3628
Av. Rio Branco, 304 — Ribeira — Natal-RN



Paulo: os atrasos são pequenos

HABITAÇÃO

BNH vê com muito equilíbrio questão de mutuário atrasado

Uma visão lúcida, sem otimismo exagerados, mas centrada na mecânica de mercado, que mesmo diante de uma crise econômico-financeira busca saídas para os problemas, assim poderia ser definido o modo como o gerente da agência local do Banco Nacional da Habitação — BNH, Paulo Roberto Lobo, vivencia as questões do setor, que, acima de tudo, vê-se envolvido com uma delicada, melindrosa atuação na área de moradia, seguramente um dos mais angustiantes fatores na atual conjuntura econômico-social brasileira.

Questionado a princípio a respeito da questão da inadimplência (o não pagamento regular das prestações por parte dos mutuários), até como decorrência da crise porque passa o assalariado brasileiro, disse que o BNH não atua diretamente no processo de retomada do imóvel, quando é o caso, o que envolve apenas o agente financeiro, que coloca as unidades habitacionais ao mercado.

Comentou que, no caso, o mutuário que tenha mais de três prestações em atraso poderá sofrer uma ação de despejo, para então acentuar: "Em que pese a legislação dar esses poderes ao agente financeiro, e se considerando o caráter eminentemente so-

cial do programa do Banco, nós já realizamos no Estado cerca de 50 mil unidades habitacionais, nos programas de baixa renda, envolvendo Cohab e Cooperativa, principalmente. E só se tem conhecimento de dez processos de retomada de casa".

PACIÊNCIA — Com isso, quis acentuar que o agente financeiro, diante da responsabilidade social do Programa de Habitação, "vai até o

quanto possa suportar, sem que se concretize conclusivamente esse despejo", classificando então como "raríssimos" os casos de retomada de imóveis, seja a nível local ou nacional, o que somente ocorre após a convocação do mutuário, a fim de que faça uma composição de dívida, a fim de que preserve a posse da casa.

Detalhando a questão da inadimplência, revelou que o assunto, em termos percentuais, fica em torno de 11 por cento, considerando-se para tanto o total de mutuários com atraso superior a três prestações, o que enquadra-se no percentual a nível nacional, fator que é visto como indicativo de que a situação, em termos relativos, está adequada à realidade nacional, não experimentando-se assim qualquer crise de maior aprofundamento diante dos demais Estados.

O assunto, todavia, tem outro aspecto de relevância, como explica Paulo, ao comentar que "isso ocorre nesse período do ano, com maior intensidade, face ao distanciamento dos reajustes salariais, ou, por outro lado: esse índice de inadimplência tende a se reduzir a valores praticamente inexpressivos, naquelas ocasiões imediatamente após os reajustes salariais". Forma-se assim, admite, um ciclo que supõe variações para mais ou menos, em função da disponibilidade de renda familiar ao longo do ano, mas sempre fechando-se o processo com a participação positiva do mutuário, na quitação de suas parcelas.

Os reajustes das prestações, explicou, são promovidos "historicamente, em índices inferiores aos valores registrados do Índice Nacional de Preços ao Consumidor — INPC, e cito como um dado concreto o último rea-

1983
10 ANOS
DE:

OPTEL MÁXIMO EM PROTEÇÃO

Rua Sampaio Correia, 4000 — Bom Pastor — Tels.: 223-2400/3557 — Natal-RN

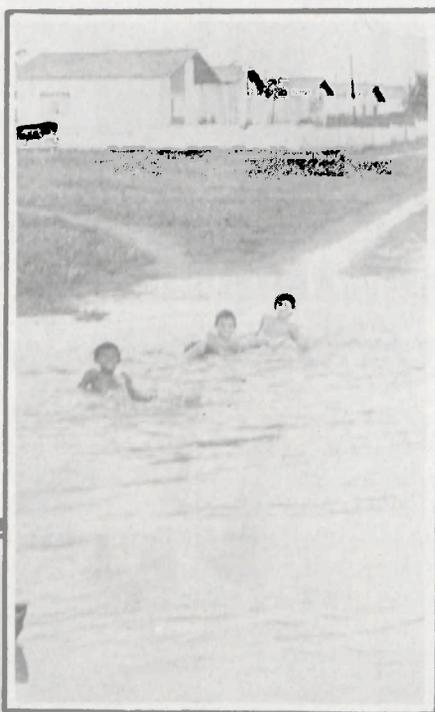
juste, quando nós tivemos, para o mês de julho, época em que normalmente se reajustam de 90 a 95 por cento dos financiamentos concedidos, houve então um reajuste de INPC da ordem de 93,4, e o reajuste das prestações atingiu a ordem de 89 por cento, uma diferença, portanto, de 4,4 por cento para menos, no reajuste das prestações”.

EM PRIMEIRA INSTÂNCIA — Continuando, abordou a questão do retorno financeiro do BNH, afirmando que os agentes financeiros encarregam-se de repassar ao Banco as dotações advindas da quitação das parcelas por parte dos mutuários que, legalmente, devem em primeira instância à Cohab ou Cooperativas Habitacionais, não ao Banco Nacional da Habitação, que, contudo, poderá exigir dos agentes financeiros o cumprimento de suas obrigações junto ao Sistema Financeiro da Habitação — SFH.

Questionado a respeito da elitização do plano habitacional, disse que o BNH vem buscando atender às faixas mais carentes da população, mas, “até por uma questão contábil”, é necessário o investimento em setores sociais que tenham maior poder de remuneração, a fim de que, a partir daí, seja impulsionado o processo de crescimento da oferta de teto aos portadores de baixos salários, já que o



Bairros-cidade vão surgindo



Falta de controle

gumentaram que dificilmente uma pessoa se dá ao trabalho de ler um contrato desses e, sendo humilde, mesmo que leia não o compreende claramente.

Mas, na realidade, o que faltou — como falta sempre — é uma maior comunicação.

POUCO DIÁLOGO — A própria população em geral não sabe as vantagens que pode obter do Banco Nacional de Habitação através dos seus diversos programas. O BNH, na sua gerência de Natal, tem um setor de informações, c

SFH, capitalizado pelos recursos provenientes de núcleos habitacionais de renda mais sólida, pode assim dispendir atuações em setores carentiais.

Concluindo, disse que, ano a ano, o BNH vem aumentando o seu percentual de atendimento à baixa renda e exemplificou: “No Rio Grande do Norte, ano passado, nós aplicamos 85 por cento dos recursos que foram alocados no Estado para as habitações de baixa renda e apenas 15 por cento desses recursos foram destinados aos sistemas geridos pelo Sistema Brasileiro de Poupança e Empréstimo”.

Apesar de todas as providências anunciadas pelo BNH e de um conjunto de medidas realmente existentes para humanizar o sistema, ainda continuam ocorrendo muitos desencontros entre mutuários e a casa própria. O principal problema é a falta de canais efetivos de comunicação e de informação. O problema surgiu com o conjunto Sta. Catarina foi o mais traumático desde que se iniciaram as construções dos conjuntos habitacionais em Natal. Depois de três anos, os mutuários foram surpreendidos com o anúncio de que não eram os reais proprietários e teriam de assinar outros contratos, com a nova avaliação dos imóveis. Houve, como é compreensível, as reações mais irritadas. A Cohab-RN procurou justificar-se dizendo que havia a cláusula no contrato esclarecendo tudo e que os mutuários, ao assiná-lo, deveriam ter prestado atenção. Representantes dos moradores ar-

funcionários treinados para o trato com o público e aptos à prestação de quaisquer esclarecimentos. Porém a procura é inexpressiva. As próprias queixas contra erros de construtora, de cláusulas não cumpridas, dificilmente são feitas ao BNH. Este quase sempre toma conhecimento de certos problemas pelas reclamações feitas através dos jornais de Natal. E como não há certeza quanto a natureza exata do problema, nem a queixa é prestada oficialmente, as vezes as providências deixam de ser tomadas por causa da falta de iniciativa do queixoso em se dirigir à fonte certa.

É fora de dúvida que, sabendo disso, muitos pequenos construtores aproveitam a brecha. Mesmo que tem um melhor nível e chega à casa própria através de um agente financeiro que não a Cohab padece do defeito da pouca informação.

Caderneta do FGTS começa a orientar os trabalhadores

Anunciada há poucos meses como uma conquista social, propiciando ao trabalhador a possibilidade de exercer um efetivo controle do seu saldo junto ao Fundo de Garantia do Tempo de Serviço, a Caderneta do FGTS deverá efetivamente funcionar como um acontecimento positivo, no turbulento mar de preocupações que vive a sacudir o salário, a poupança e o até então misterioso, inacessível Fundo, criado para dar segurança ao trabalhador ao longo de sua vida produtiva, ou após, durante a aposentadoria.

A Caderneta do FGTS, assim, rompe o véu que encobria o total depositado pelas empresas em nome do seu servidor, colocando à sua disposição, semestralmente, com quanto ele conta em depósito. As Cadernetas, que nada mais são do que extratos de conta do FGTS, começaram a ser distribuídas agora, desde o final deste mês, com a rede bancária encaminhando-as às empresas, que, através dos setores de pessoal, farão chegar aos empregados essa informação, impressa em modelo próprio, para que todos saibam quanto têm em banco. No Estado, serão distribuídas 305 mil desses documentos.

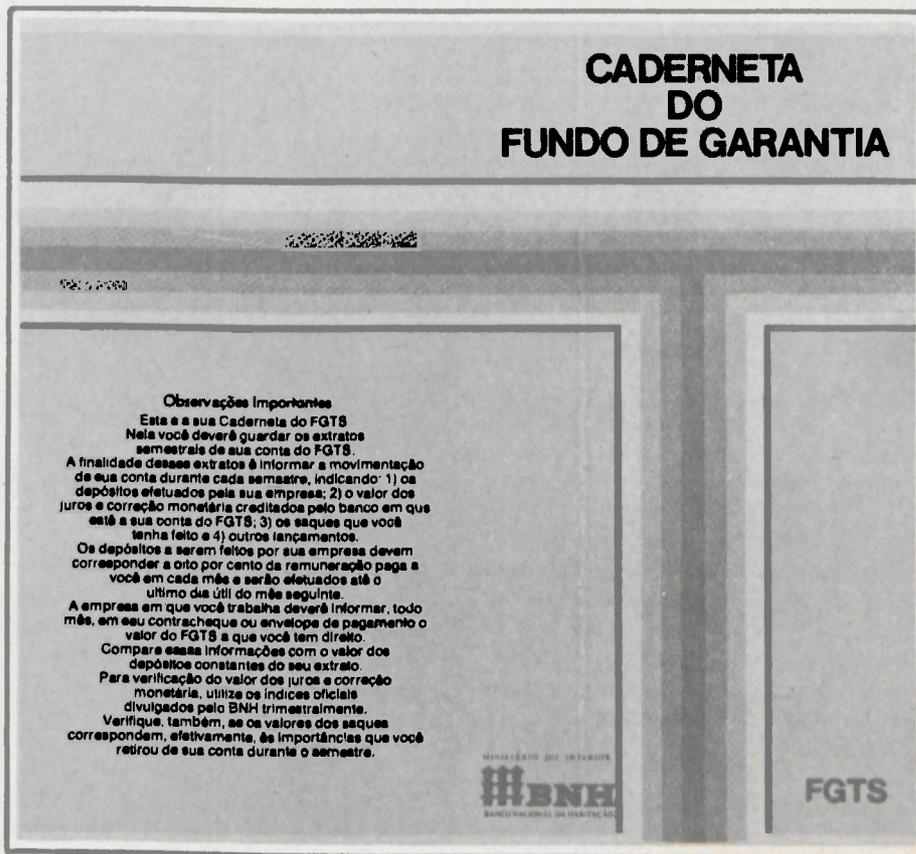
A medida é vista pela gerência local do BNH como de alto alcance social, pois coloca às mãos do trabalhador um instrumento de controle do seu patrimônio, que é o Fundo de Garantia. A partir do recebimento da Caderneta, pode-se verificar se os depósitos estão sendo feitos corretamente por parte do empresário e, especialmente, se estão sendo feitos na proporção a que o trabalhador teria direito.

Assim, com a Caderneta, as categorias assalariadas passarão a ser o fiscal do seu patrimônio, o que, de resto, contribui ainda mais para a união dos trabalhadores em torno de suas reivindicações, na medida em que terão acesso e poderão comparar os valores que são informados pelas empresas e o total efetivamente expresso no documento liberado até suas mãos pelo BNH via rede bancária.

QUALQUER RECLAMAÇÃO — As lideranças sindicais norte-riograndenses já foram convocadas pelo BNH, visando não só o fortalecimento das entidades classistas, mas também como uma medida de apoio ao Banco, que, através de sua agência local, está à disposição para qualquer

dos para aquele período e os lançamentos subsequentes, relativos ao ano de 1982.

PRECAUÇÕES — Esta será a emissão da Caderneta, para esse primeiro lançamento. A cada seis meses, porém, nova Caderneta sairá, com o saldo anterior e o lançamento dos seis meses decorridos logo em seguida. Todo trabalhador, ao receber a Caderneta, deverá verificar no seu contracheque, onde deverá constar, por lei, o valor recolhido ao FGTS, se efetivamente a empresa está cumprindo com essa obrigação. Na oportunidade, poderá também verificar se os juros e correção monetária foram



Caderneta do FGTS: orientação da poupança do trabalhador

reclamação por parte dos sindicalistas, bastando agrupar todas as reclamações de não recebimento das Cadernetas, ou então o seu recebimento mas com o registro de numerário não correspondente aos direitos do trabalhador.

A Caderneta a ser entregue, retratará a situação do trabalhador no último semestre, registrando o saldo a que tem direito o portador, até 1.º de janeiro de 1982, e, a partir daí, o lançamento dos depósitos feitos pelas empresas nos meses de janeiro, fevereiro e março últimos. Em seguida, a correção monetária e juros credita-

creditados pela rede bancária.

Qualquer irregularidade encontrada, seja pelo não recebimento da Caderneta, seja por um lançamento irregular, o trabalhador deverá dirigir-se ao setor de pessoal, a fim de resolver o assunto, devendo, em seguida, caso o problema não seja devidamente esclarecido, entrar em contato com o Sindicato, ou apelar à Agência local do BNH, à Rua José de Alencar, 722, Centro, para que seja acionado o sistema de fiscalização, em conjunto com o Iapas. A empresa será acionada e cobrada judicialmente a importância devida ao trabalhador. □



A arte na Universidade também tem sido levada muito a sério

UNIVERSIDADE

Na vida universitária do RN existe ação da cultura e um forte movimento de idéias

Há, por trás do universo acadêmico da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, um mundo de cultura, que pulsa com razoável efervescência. É um aspecto pouco conhecido da Universidade e não propriamente didático. Embora, as vezes, se confunda cultura com vida acadêmica-ou ensino, o exercício da atividade intelectual dentro de um ângulo plástico/estético nem sempre é característico da vida universitária. Mas ele existe, evidenciando que a Universidade nem sempre é uma indústria de diplomas e pode animar, de modo positivo, a vida intelectual de uma cidade.

O Centro de Convivência Djalma Marinho, localizado no Campus Universitário de Natal, é, antes de mais nada, um local de encontro de professores, alunos e funcionários. Que podem desfrutar de um terço dos 4.825 m² da área do Centro de Convivência com lojas de prestação de serviços — agências do Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal e Correios — e dois terços restantes com atividades

culturais e de lazer. Cinemateca, Musicoteca, Cooperativa Cultural, Sala do Livro do Rio Grande do Norte, Sala de Exposições de Artes Plásticas, Teatro, Farmácia, Ateliê e Laboratórios de Criatividade em Artes Plásticas e Literatura, Cooperativa do Crutac são órgãos que já funcionam atendendo a contento à comunidade universitária. Sem dúvidas uma justa homenagem ao grande parlamentar Djalma Marinho. “Djalma era a própria convivência. Passou a vida inteira dando aulas de convivência, de conciliação das inteligências”, diz o reitor da UFRN, Diógenes da Cunha Lima, notável admirador de Djalma Marinho, de sua vida de homem público e de sua obra, do diálogo. Enfim, um local de união dentro da diversidade. Por isso, o reitor Diógenes ressalta ser o Centro um local de prestação de serviços, de atividades culturais e de lazer — “sem política, porque política divide as pessoas”, diz ele.

E a UFRN também é arte e cultura. O Centro de Convivência é a maior

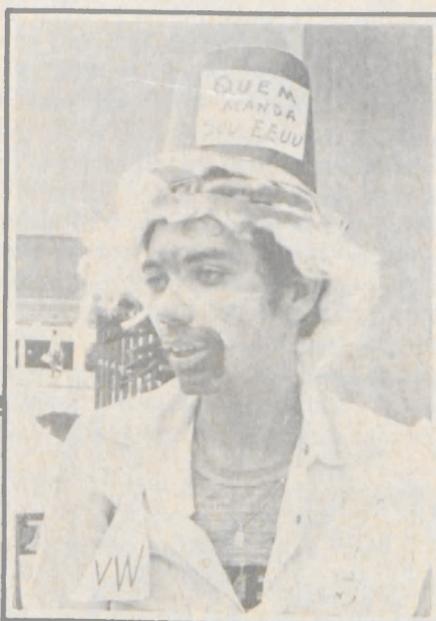
expressão desta verdade, dentro da Universidade. Arte, cada vez mais necessária. Cultura, que possibilita uma maior interação entre as pessoas nas mais diversas manifestações sócio-culturais. Na Universidade, o órgão promotor de eventos artístico-culturais, ali, é o NAC — Núcleo de Arte e Cultura. Localizado no Centro de Convivência, o NAC coordena as atividades da Cinemateca, Musicoteca, Sala de Exposições e Ateliê de Artes Plásticas; Teatro Novo Universitário — Tonus e o Núcleo de Formação de Instrumentistas Infanto-Juvenis, este na Cidade da Esperança. A professora Wilma Sampaio é a atual diretora do NAC, órgão suplementar da UFRN criado em maio de 1979. O professor Paulo de Tarso Fernandes foi o seu primeiro diretor. De janeiro de 1980 a junho de 1981 foi dirigido pelo professor, poeta e atual diretor do Centro de Convivência D. Marinho, Franco Jasiello. Estando, estes, por sua vez, subordinados à Pró-Reitoria de Extensão Universitária. Aliás, a própria Pró-Reitoria de Ex-

tensão Universitária é mais pioneirismo da UFRN, tendo sido criada no reitorado Onofre Lopes, através do serviço igualmente pioneiro do Crutac — Centro Rural Universitário de Treinamento e Ação Comunitária. Nesse sentido, Diógenes da Cunha Lima lembra uma frase significativa do reitor da UFPE, que diz “nada acontece no Nordeste, sem começar antes no RN”. A UFRN representa maior exemplo dessa verdade.

ARTE E CULTURA — “Nenhuma das 78 Universidades brasileiras dispõe de um local que possibilite tão ampla convivência. Local que preserva a memória da Universidade e estimula estudos do presente”, diz, entusiasmado, o reitor Diógenes. E completa o seu pensamento com uma frase que gosta muito de usar: “É sem futuro quem não cuida do seu passado”. Talvez por isso, por essa vontade de querer dar sempre, mais e mais, continuidade àquele espírito de pioneirismo característico do Rio Grande do Norte e da própria UFRN, o escritor e professor pernambucano Gilberto Freyre tenha caracterizado Diógenes como o reitor do Nordeste, da cultura. Assim, destacando sempre a condição da UFRN como produtora de conhecimentos, bens e serviços, Diógenes comenta com especial interesse o **Projeto Memória**, que



Manifestações de diversos tipos



vem desenvolvendo alguns dos mais importantes serviços de documentação cultural feito por uma Universidade brasileira. Como, por exemplo, a gravação em fitas de todo o acervo discográfico — seis mil discos elétricos em 78 rpm — do professor Grácio Barbalho, diretor da Musicoteca do Centro de Convivência. Com discos produzidos de 1927 a 1960. Ou o **Projeto Espaço Memória Popular**, coordenado pela assessora cultural do

Também na cultura as críticas não poupam o Reitor

Como quase tudo o que tem acontecido na administração Diógenes da Cunha Lima sua política cultural não escapa a críticas. É difícil dizer se as críticas são justas. O maior reparo que se faz é o ritmo editorial desenvolvido pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Não exatamente o ritmo, mas o tipo da produção intelectual, com um grande número de poetas, promoções de eventos literários e alguns livros que os críticos mais obstinados consideram perfeitamente dispensáveis. Pode ser. Mas, de outro lado, o apoio à

pesquisa e a publicação de obras e de catálogos que orientem a procura dessas obras foi muito intensa. E não só obras literárias, mas de cunho científico numa escala muito variada.

Atualmente, a Editora da Universidade dispõe de recursos técnicos para executar um bom trabalho de editoração de livros ao nível das melhores gráficas da Região. Nesse campo — o técnico/industrial — ela já deixou longe a Fundação José Augusto. Tem a vantagem, é evidente, de dispor de mais recursos, o que lhe permite adqui-

rir modernas máquinas fotocompositoras e empregar pessoal qualificado. O nível do setor gráfico da Universidade é tal que a melhor fotocompositora do Estado é sua funcionária em tempo exclusivo, assim como a principal montadora de livros.

Há quem veja nisso concorrência desleal à empresa privada no setor gráfico. De um modo ou de outro, o que é certo é a grande quantidade de livros editados no período administrativo do Reitor Diógenes da Cunha Lima. É evidente que, com a quantidade, a qualidade sofre um pouco — o que não invalida o esforço dispendido.

O Centro de Convivências “Djalma Maranhão” foi outra iniciativa recebida com ironia por uma parte da comunidade universitária que faz oposição ao Reitor. Mas o fato é que, com oposição ou não, crítica ou não, todas as alas gostam do ambiente e passam nele a maior parte do tempo disponível.

NAC, professora Selma Bezerra Souza e Silva. O Projeto objetiva a formação de um acervo com 10 mil folhetos de cordel do Nordeste e 200 peças de arte popular produzidas no Rio Grande do Norte para preservação desses bens culturais. Acervo que será complementado com bibliografia específica sobre o assunto (dissertações, artigos, ensaios, livros e revistas), como também materiais utilizados na produção dos folhetos (tacos, engenho-cas, etc). Servirá para estudos, pesquisas e funcionará em espaço do Centro de Convivência. E, segundo o reitor, poderá contar também com mais 700 folhetos de cordel da coleção do professor Veríssimo de Melo.

OUTROS TRABALHOS — O Projeto Memória também desenvolve interessantíssimo trabalho com a gravação em discos de músicas feitas por compositores — populares e eruditos — norte-riograndenses. Até maio próximo, a Escola de Música, que coordena esse projeto terá gravado os 32 LPs do **Memória Musical**. Até agora, foram gravados 25 discos. Entre outros, LPs com músicas do Cancioneiro Potiguar — composições de Ferreira Itajubá, Auta de Souza, Segundo Wanderley, Ivo Filho — ou discos com as Bandas de Felinto Lúcio e Tonheca Dantas, contando essas gravações com a colaboração valiosa da Banda de Música do Catre. Também LPs com músicas eruditas, de Waldemar e Oriano de Almeida.



Músicas de seresta também. E as modernas, como o LP do Festival de Música e Poesia promovido ano passado com a participação do NAC, Escola de Música e DCE. Até mesmo música experimental, com o LP que será gravado pela Banda Imaginária, formada por alunos da Escola de Música. Agora, sem dúvidas o LP dessa coleção — por si só valiosa — mais importante é o gravado com o coquista Chico Antônio. Disco produzido com a participação do INF — Instituto Nacional do Folclore. Outros órgãos culturais do Governo Federal, bem como entidades do setor privado

auxiliam com recursos financeiros à UFRN em desenvolver não apenas esse projeto cultural, bem como outros. Fundação Joaquim Nabuco, o Instituto Nacional de Música, Federações do Comércio e a das Indústrias do Rio Grande do Norte, são exemplos de entidades que têm colaborado com projetos culturais da Universidade. Um detalhe que o reitor ressaltou também é que as próprias instituições — BB, Caixa Econômica Federal, Correios — que prestam serviços no Centro de Convivência auxiliaram com significativas contribuições financeiras na construção daquele espaço cultural.

PROJETO VANGUARDA — “A Universidade não pode se estagnar, só cuidar de coisas do passado. Há que cuidar da arte e da cultura nos tempos contemporâneos, há que criar coisas novas, há que renovar a face envelhecida do saber, enfim que utilizar os modernos meios de comunicação para atingir o maior público de acordo com os tempos que vivemos”, diz o reitor, quanto ao trabalho desenvolvido pelo **Projeto Vanguarda** no Centro de Convivência, e também quanto ao projeto de se montar uma ambiciosa exposição denominada “**I Multimídia Internacional**”, desenvolvida por uma equipe de artistas e escritores do RN. “Se vivemos na era do telex, do computador, da xerox há que ser meios de criar arte, cultura.”

Laboratórios de Criatividade Literária e Artística são dois setores do **Projeto Vanguarda** funcionando ali. O Laboratório de Criatividade Literária é coordenado pelo próprio dire-

COMIDA TÍPICA ESPANHOLA



Em Natal, somente no Restaurante Nemésio você encontra os pratos típicos da cozinha espanhola. No Centro da Cidade, Nemésio oferece também:

- Cozinha Internacional
- Ar condicionado
- Música ambiente
- Bebidas finas

26 anos a serviço da boa culinária.

TODOS OS DIAS BACALHOADA.

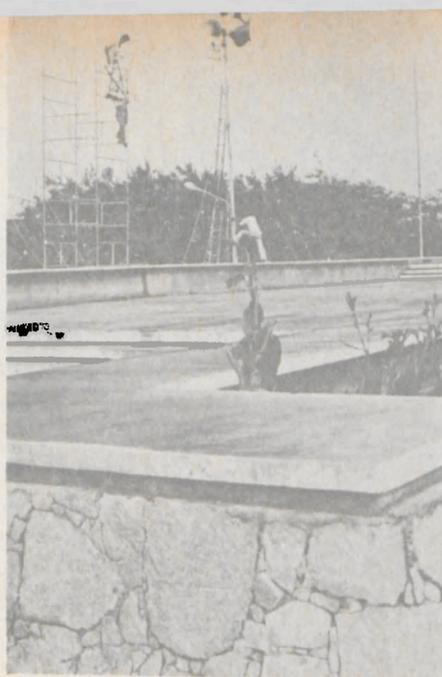
NEMÉSIO RESTAURANTE!

Av. Rio Branco, 728 tel.: 222-4658



tor do Centro, poeta e professor Franco Jasiello. Funciona o Laboratório de manhã e de noite, nas terças e quartas. Num dia é feita criação literária, no outro são feitos comentários sobre textos do Laboratório, com a participação de mais quatro professores da UFRN. A idéia do Laboratório nasceu de uma experiência semelhante criada e desenvolvida pela escritora norte-riograndense Socorro Trindad, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro há cerca de uns cinco, seis anos atrás. O outro Laboratório desenvolverá atividades artísticas no setor de artes plásticas.

A **I Multimídia Internacional** será uma exposição de arte-correio, xerografia, xerografia a cores de Ken Fridman (grupo Fluxus-USA), arte por computador, áudioarte, cinema-experimental, vídeo-arte, entre outras manifestações artísticas ecléticas com utilização dos novos meios de comunicação. Também estando programados cursos, debates, **performances** artísticas. A comissão que pretende realizar o evento também espera simultaneamente a criação de um "Setor de Multimídia". Está programada para ser realizada de 9 a 14 de maio, no Centro de Convivência, com participação desses conferencistas, convidados, e que possivelmente estarão no evento: Ronaldo Brito, poeta e crítico de arte (RJ) e que poderá



A disposição do Campus, em si, artística

lançar seu último livro de poesias — "asmas"; poeta Augusto de Campos (ou Décio Pignatari); Paulo Sérgio Duarte, diretor do Inap — Instituto Nacional de Artes Plásticas, da Funarte; Paulo Herkeinhof, especialista em vídeo-arte, e funcionário da Funarte; Daniel Santiago e Jormard Muniz de Brito, artistas pernambucanos, Anacleto Elói; Hamilton Viana Galvão, artista plástico do RJ; Walter Smetak, músico e diretor do Laboratório de Música da UFBA; Raul Córdula e Francisco Pereira, artistas da

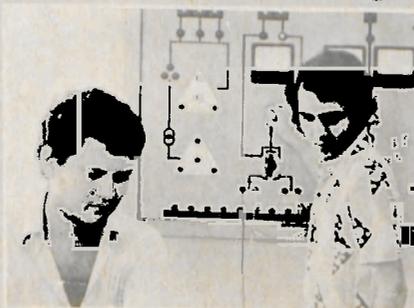
Paraíba; Maurício Fridman, diretor da Pinacoteca do Estado de São Paulo.

LIVRO DO RN — Funcionam também no Centro de Convivência, a **Cooperativa Cultural** onde a comunidade universitária tem facilitada a aquisição de livros, com vendas a prazo e com descontos. Ao lado da Cooperativa, funciona a **Sala do Livro do RN**, com estantes com livros do Estado e também uma prateleira com livros da Universidade Federal do Ceará, que mantém intercâmbio com a Funpec — Fundação Norte-riograndense de Pesquisa e Cultura. Lá, o leitor poderá consultar desde publicações como Boletins, Anuários, Relatórios de instituições governamentais, e também livros sobre Migrações, Política, Paleontologia, Administração, Agricultura, até livros de poesia, contos, tudo feito sobre e no Rio Grande do Norte. Incluindo dezenas de volumes da valiosa coleção "Textos Acadêmicos" editados na atual administração da UFRN e que até maio terá editado quase 500 livros. Que, pelos custos reduzidos, têm preços baratos. Segundo Diógenes, pelo menos um de cada volume editado é enviado para cada uma das 78 Universidades brasileiras, porque a tiragem de cada volume é reduzida.

Muitas das iniciativas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, no campo da cultura, têm sido elogiadas. Mas há algumas vistas com reservas pelos intelectuais da terra, como é o caso da promoção envolvendo a multimídia. Dizem os intelectuais que não compreendem tanto apoio e a razoável quantia de dinheiro investida numa promoção "alienada". O "alienado" aí vai no sentido da falta de sintonia com a realidade do Rio Grande do Norte do momento, pois aqui ainda não haveria condição para vicejar iniciativa onde estejam arrolados os mais modernos meios de arte — como vídeo-arte, por exemplo. O argumento é de muita simplicidade: o equipamento de vídeo é caro e muito difícil aqui para o Estado. Desse muito, só mesmo as pessoas com uma boa situação financeira podem adquirir o equipamento completo: câmara, gravador, etc. Numa situação como essa — argumentam os críticos —

Nem todas iniciativas dão certo

não deixa de ser irônico que supostos grupos de vanguarda e poetas marginais tentem se transformar em peritos numa arte tecnológica



cujos rudimentos desconhecem inteiramente.

Esse tipo de promoção — como a iniciativa de editar livros que não

apresentam novidade do ponto de vista informativo — é criticado pelos intelectuais não exatamente acadêmicos, que desejariam ter à sua disposição mais recursos para, pelo menos, que fosse possível dispor de um campo de atuação mais amplo. Campo de atuação ou campo de trabalho.

De qualquer modo, os intelectuais vêm com pouca satisfação o apoio ostensivo — e fácil — a promoções exóticas. Acham que, com isso, os recursos são dispersados e as verdadeiras iniciativas não ganham substância por falta de apoio financeiro.

Mas, de outro lado, é inegável a efervescência cultural na área da Universidade. Se o direcionamento é certo ou errado, se os setores que recebem apoio são exatamente os mais qualificados, é outra história. Há um grupo que, mais do que tudo, acha importante é o movimento, a ação, pois a inatividade total em torno das atividades culturais é muito pior.



UFRN pelo colecionador e pesquisador Aldo Medeiros.

CIÊNCIA E TECNOLOGIA — O Centro de Convivência também é Ciência e Tecnologia. Na ocasião de sua inauguração, em 2 de junho do ano passado, solenidade que contou com as presenças do ex-Ministro da Educação e Cultura, Rubem Ludwig, e de Aloísio Magalhães (lamentável perda para a cultura brasileira e que na época, antes do seu falecimento, era Secretário de Cultura do MEC), foi feita também uma exposição: “**I Feira de Ciência e Tecnologia**”, exibindo as conquistas da UFRN nessas áreas. Minicomputador, Termômetro digital, desenvolvidos com tecnologia do corpo docente e alunos da UFRN, e também a exposição dos recursos minerais do RN, em maquetes com engenhos eletrônicos montada pelo pessoal do Curso de Geologia da UFRN, considerado um dos melhores dentre outros de Universidades brasileiras. Foi exposto também na ocasião, o protótipo de tanque de fluoretação de água, desenvolvido por professores da Faculdade de Odontologia.

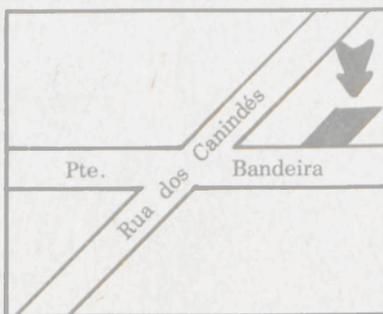
A Farmácia do Centro de Convivência tem uma decoração — letreiros, prateleiras — toda feita de madeira, torneada e envernizada, lembrando o visual das antigas **Pharmácias** — a própria ortografia utilizada no letreiro daquele estabelecimento foi conservada com o «ph». É um verdadeiro trabalho de arte, feito pelo marceneiro Abiatan Martins, funcionário da Funam — Fundação Nacional do Alimento e Medicamento, órgão que expõe seus produtos naquela farmácia. O marceneiro afirma que se baseou, para fazer o trabalho, em uma foto duma farmácia “do tempo de Dom Pedro” por sugestão do Superintendente da Funam, Dr. Aleixo Prates. E conseguiu. A Farmácia, assim como o próprio Centro de Convivência, é atração de visitas para quantos vêm de outros Estados participar de seminários, cursos, seja na UFRN ou por outras instituições de ensino. Agora, um ponto muito importante é que a Farmácia possui um laboratório de manipulação, onde são feitos produtos farmacêuticos dos mais simples, como pasta d’água, solução antimiótica, elixir paregórico, violeta, thiomersal (merthiolate) até produtos mais sofisticados, como cremes hidratantes — de colessterina, e de amêndoa, vendendo também a “Colônia Cheiro do Campus”. Dra. Marta Maria e Silva Montes é quem dirige a bonita **Pharmácia**, que também vende medicamentos industrializados.

de Campestre, Tangará, Campo Redondo, Santa Cruz; outros trabalhos artesanais com junco, de Ceará-Mirim, estando aberta a Coopercrutac, de segunda a sexta-feira sempre pela manhã, e á tarde. O Centro de Convivência não funciona à noite, nem aos sábados e domingos.

Outros órgãos que funcionam ali, são a Cinemateca e Musicoteca. A primeira, dirigida pelo pesquisador de Cinema, Aldo Medeiros; a segunda, dirigida pelo professor e musicólogo Grácio Barbalho. A Cinemateca, aberta à pesquisa, conta com um acervo constituído de aproximadamente 30 filmes, 200 livros, mil periódicos e algumas coleções raras, tais como a **Screen World**, **Scena Muda**, **Cinelândia**, e outras publicações estrangeiras e nacionais, doadas à

E assim, apesar de ser uma Universidade pobre, numa região pobre, a UFRN cumpre o seu papel de produtora de conhecimentos, bens e serviços, sendo assim real motivo de orgulho para norte-riograndenses, e para todos os brasileiros. Com certeza, uma unanimidade nacional. □

PARA COMPRAR PEÇAS FIAT VOCÊ NÃO PRECISA SAIR DO ALECRIM. SAVEL ABRIU SUA FILIAL



Peças genuínas Fiat, você agora pode adquirir no centro do bairro do Alecrim, num local de fácil acesso. Próximo ao cruzamento da Presidente Bandeira com a Olinto Meira foi inaugurada a primeira filial da Savel.

CONCESSIONÁRIA
FIAT
Automóveis s.a

SAVEL. SALUSTINO Presidente Bandeira, 737
VEÍCULOS LTDA. Alecrim — Tel.: 223-1551
Natal-RN



Bem instalada, a UNIPEC é a grande alternativa do ensino superior

ENSINO

APEC: uma nova experiência que se afirma como uma vitória do ensino na área privada

Sob a sigla APEC — Associação Potiguar de Educação e Cultura, uma nova experiência de ensino vem-se afirmando como vitoriosa no Rio Grande do Norte. A entidade, mantenedora do Colégio Sete de Setembro e da Unipecc, uma Universidade que funciona com os cursos superiores de Administração, Ciências Econômicas e Contábeis, está conseguindo criar condições de atendimento aos que desejam ingressar num estilo de ensino formal e ao mesmo tempo criativo, voltado para uma visão empresarial, mas extremamente humanista.

Idealizado pelo empresário Paulo Vasconcelos de Paula, a APEC, instalada no tradicional Colégio Sete de Setembro, à Rua Seridó, 419, fone 222-2314, está, segundo enfatiza ele, funcionando a partir de uma visão essencialmente voltada para a capacitação do aluno a conviver com o clima de concorrência e competitividade de hoje em dia, sem esquecer de prepará-lo para uma atuação comunitária, cultivando os valores que colocam o homem como prioridade social.

ção a funcionar em 1981, sob autorização de decreto presidencial, com base em parecer do Conselho Federal de Educação. A grande atuação da entidade faz-se através da Unipecc, que dinamiza os cursos superiores, com um quadro de professores quali-

ficados, cujo nível salarial os incentiva a continuar a produzir mais e melhor, o que tem propiciado um alto nível de aprendizado.

O lema da Unipecc, "Estudo para a competência", bem demonstra em que bases está organizada, expres-



O prédio principal: boas condições

COMPETÊNCIA — A APEC come-

sando de maneira clara e direta que a grande preocupação é capacitar o estudante a lidar com os problemas técnicos e característicos de sua especialidade para melhor disputar o mercado de trabalho em qualquer ponto do País, com boas oportunidades para vencer a corrida, diante de um quadro em que são patentes as dificuldades a superar.

O tradicional Colégio Sete de Setembro, assim, torna-se a sede dessa nova proposta de ensino. Totalmente reequipado, reformado, dotado de salas-de-aula amplas e contando com uma biblioteca com mais de sete mil volumes, o Colégio está reunindo uma comunidade estudantil ativa e integrada, que congrega-se em um centro cívico de continuada atuação cultural, utilizando-se também de um laboratório, onde são ministradas as aulas práticas.

O depoimento do estudante William Collier é bem claro quanto à atuação do Sete de Setembro: "Antes, a gente vinha para o Sete de Setembro pensando só em passar, mas agora para passar, a gente tem que estudar". Continuando, afirma: "Houve também uma renovação no quadro de professores, agora mais interessados e motivados na formação dos alunos. Vejo que foi estabelecido um canal de comunicação e relacionamento entre a direção, professores, nós alunos, e nossas famílias".

Salientou também que foi de grande importância a dinamização do se-



Paulo: entusiasmo



O complexo para o ensino

tor esportivo, com ampliação e melhoramento da quadra, com o estabelecimento passando a destacar-se nas competições estudantis, dentro do lema "mente sã em corpo sã".

Chamado a manifestar sua impressão a respeito da Unipeç, o professor José Tarcísio da Silva, engenheiro civil, afirmou que a categoria, ali, sente-se segura profissionalmente, não só pelo fato de que o salário é pago em dia, como também pelo piso oferecido, o que confere estabilidade e segurança ao trabalhador intelectual. "Isso é normal. No caso da educação, quando um professor recebe um bom salário, a consequência imediata é a elevação do nível de ensino".

COM SIMPLICIDADE — Também manifestando-se quanto à situação da entidade que criou, Paulo de Paula lembra que a APEC, que começou a funcionar em 1981, no Colégio Salesiano São José, Ribeira, viu-se na contingência de adquirir instalações próprias, assumindo assim o risco de comprar o Sete de Setembro, com todos os ônus que a instituição estava arcando, que incluem desde salários de professores até encargos sociais em atraso. Assim, disse, começou a frutificar a nossa idéia, vencendo todos os obstáculos.

Continuando, diz Paulo, referindo-se aos cursos superiores mantidos pela APEC, através da Unipeç: "O Estado ganhou uma entidade nova,

Impasse do ensino superior

Para os técnicos em Educação, o impasse do ensino superior poderia ter um remédio eficaz caso houvesse maior disposição do empresariado particular em investir nele. É uma opinião que encontra resistências em alguns setores educacionais mais ortodoxos. A tradição do ensino superior particular no Brasil é insignificante, em comparação com outros países. Culpa disso, para muitos, é a própria estrutura paternalista do ensino, que gerou vícios irrecorribéis. O ensino superior, no Brasil, se federalizou de tal maneira que, com isso, ganhou, ao mesmo tempo conotação equivocada: Então, ensino superior tem de ser gratuito e com o acesso mais livre possível, sem nenhuma limitação de va-

gas, nem qualquer tentativa de selecionar vocacional. A menor intenção de corrigir algumas distorções na área é encarada de maneira apaixonada, sem discussões prévias. Os termos elitismo, ensino pago, afunilamento da Universidade, etc. ganharam trânsito fácil em muitas campanhas.

Consequência: começa a sobrar vaga nas Universidades Federais, o nível de ensino continua em escala descendente, as verbas não aumentam e a insatisfação no Campus é cada vez maior.

No Rio Grande do Norte, a dependência do ensino superior é praticamente absoluta à Universidade Federal. Há casos como o da ESAM — Escola Superior de Agricultura de Mossoró —, que é uma

Fundação, mas mantida por verbas federais. Não há a Universidade Católica no Estado, como acontece em outras unidades da Federação.

A grande alternativa seria o ensino particular superior, de nível, mantido por um grupo de real expressão e com sinceros objetivos. Segundo alguns técnicos, o ensino superior não é necessariamente incompatível com a iniciativa particular. Muito pelo contrário. O problema está — como em todas as iniciativas — no propósito e competência do grupo e no nível do empreendimento.

É possível até que o sucesso de um empreendimento particular voltado para o nível superior de ensino termine influenciando ou, pelo menos, tendo efeitos colaterais positivos junto à própria Universidade Federal.

com 300 vagas anuais, cujos professores e diretores estão voltados para proporcionar o melhor aprendizado e capacitação técnico-profissional". É mais: "Nós estamos conseguindo objetividade na educação. Nós estamos conseguindo o mais difícil, que é fazer as coisas com simplicidade. Procurar o óbvio. E qual é o óbvio em educação? É o professor ensinar, e o aluno aprender".

Durante o mês de março, a partir do dia 19, em função do segundo aniversário da Unipeç, foi promovida uma semana cultural comemorativa, incluindo desde competições esportivas, até conferências, tudo promovido pelo centro cívico, com apoio da direção da entidade. Sintetizando a questão, diz Paulo: "Nós estamos oferecendo ao Rio Grande do Norte algo novo. Porque surgiu uma instituição séria, com objetivos sérios, com pessoas sérias, para atuar na área da educação. Recuperamos um colégio que estava acabado e estamos com um terceiro grau, oferecendo realmente um bom nível de ensino".

Atualmente, o Sete de Setembro conta com 600 alunos, enquanto a Unipeç, em seu todo, matricula 700 estudantes de nível superior. As instalações físicas, entretanto, serão ampliadas em mais 18 salas-de-aula, cujas obras serão iniciadas em junho próximo, para funcionamento a partir de 84. As novas salas terão perfeitas condições para o melhor aprendizado, colocando à disposição dos estudantes um circuito interno de TV.

Nada menos de 97 professores universitários compõem o corpo docente da Unipeç, abordando os currículos plenos exigíveis a entidades desse nível, para a ativação de cursos superiores, o que tem criado um espírito de comunidade, não só porque o estudante sente a responsabilidade de custear os seus próprios estudos, mas acima de tudo pelo fato de que, a partir da responsabilidade, instaura-se a consciência voltada para a auto-capacitação visando a futura afirmação profissional.

PÓLO DE PESQUISA — Paulo, afinal, fez questão de enfatizar que a Unipeç, pelo menos em termos de Nordeste, pretende tornar-se um pólo de pesquisa e publicações nas áreas de Administração, Contabilidade e Economia, a fim de que seja aproveitado o potencial que milita junto aos cursos da entidade. A proposta será dinamizada a idéia de, a partir do próximo ano, passar a funcionar uma sala com recursos áudio-



Biblioteca: bom ambiente

visuais, voltada para atendimento à comunidade, numa atuação de extensão universitária, com atenção a empresários e pessoal ligado às diversas áreas da economia, do comércio à indústria, podendo também serem firmados convênios a nível de Governo.

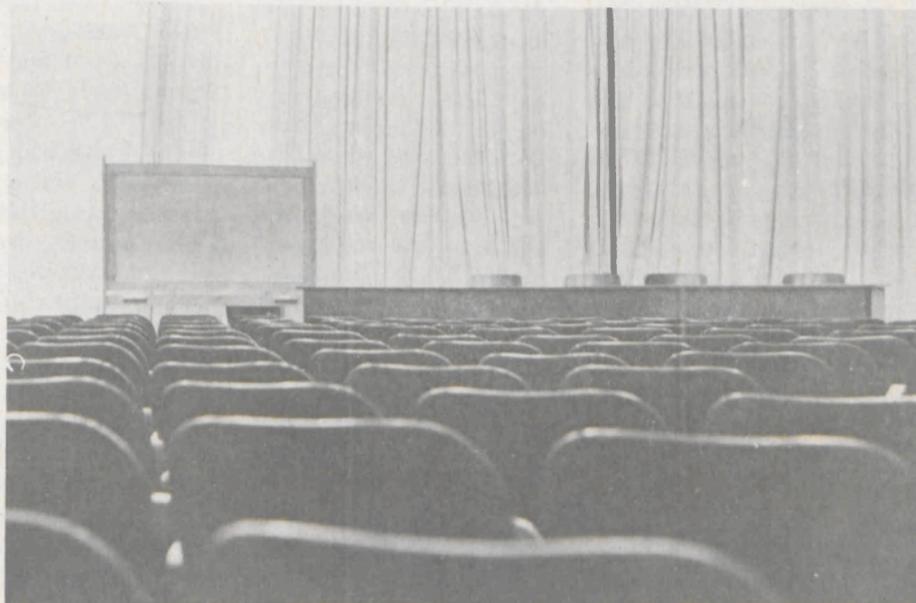
A Unipeç também estará com programa visando levar os alunos à empresa, propiciando uma formação em setores específicos e especializados, como parte do esquema metodológico para a capacitação didática, além da vinda de conferencistas para exposições no auditório, com capacidade de 150 lugares.

Também incluem-se em seus planos a instalação de um computador Cobra, a ser utilizado na atuação programática da Unipeç, para utilização pelos alunos.

A Diretoria da APEC está assim constituída: Presidente, Paulo de Paula; Superintendente, Manoel Fe-

lipe Neto; Diretor de Planejamento, Dalton Melo de Andrade; Diretor Administrativo, Eider Furtado M. e Menezes; Diretor Financeiro, Flávio Cláudio Siminéia; Diretor Técnico, João Batista Fernandes; Diretor Adjunto, Luiz Paulo Vendramini; Diretor Pedagógico, Vicente Moro.

Todos os diretores são professores universitários, como também os seis membros do Conselho Fiscal: Odilon Garcia, Solon Galvão Filho, Edilson Pereira Nobre, Alcir Veras da Silva, Airton Soares Costa e Jurema Mesquita Cansação de Paula. A Diretoria da Faculdade é formada pelos professores Vicente Moro, Diretor; Alexandre Magno de Siqueira Marinho, Vice-Diretor; e Renato Kaiser, Secretário. No Sete de Setembro os dirigentes são: Alexandre Magno de Siqueira Marinho, Diretor; Maria Hilca Cunha Mendes e Jurema Mesquita Cansação de Paula, supervisoras. □



Auditório, sala de aula

Em pronunciamento público, no dia de sua posse, o Governador José Agripino Maia se propôs estruturar e animar a política cultural do Estado. Mostra-se, assim, identificado com as necessidades da sociedade, de ordem não apenas material, mas também espiritual. Sem respeito aos frutos da inteligência, por maior que seja o progresso material, seremos sempre uma sociedade de escravos. E foi talvez pensando nisto que o presidente da França, o socialista François Mitterrand, disse que não existe progresso autêntico sem economia, sem ciência e sem arte.

Um dos traços marcantes da cultura norte-riograndense é, sem dúvida, a megalomania, aliada a um imbatível senso de irresponsabilidade. E um bom exemplo de tudo isso é o projeto em discussão, na UFRN, em torno de sofisticadas linguagens e mídias, sem o mínimo ponto de apoio na realidade mais imediata. Quando não há dinheiro sequer para contratar os professores aprovados em concurso público, mete-se J. Medeiros em busca de verbas para a montagem de vídeo-cassetes, circuitos fechados de TV e o diabo a quatro, quando idéias mais exequíveis são calcadas sob os pés de malabaristas delirantes. Sem falar em projetos outros, entre os quais, o Projeto Rio Grande do Norte, carro-chefe da administração do reitor Diógenes da Cunha Lima, que, anos depois de instalado, ignora-se completamente se foi ou não bem sucedi-

do. Sua repercussão restrita apenas aos limites bem alcatifados das salas do poder.

Falta um entrosamento maior entre os diversos órgãos culturais em atividade no Estado. E, principalmente, a criação de um Plano Diretor de Cultura, única saída para um melhor aproveitamento de minguados recursos financeiros. Sem planejamento e sem discussão — em profundidade —, continuaremos a cometer os mesmos erros. É necessária a revisão crítica de atos e feitos, mesmo que isto venha ferir certas susceptibilidades balofas de altos salários. Não se pode permitir, numa hora de tanta renovação em nível nacional, que um folclorista louco continue dilapidando um parco patrimônio artístico, colocado sob a sua guarda num momento de euforia. Faz-se necessário o julgamento de atitudes caprichosas e infantis, cujas consequências nocivas atingem a cada um de nós, em particular.

E aí estão, destrocados, os quadros de nossos artistas, enviados a Feiras Culturais — sem os devidos cuidados, transportados de qualquer jeito —, como se a simples exibição de um quadro contribuísse para o aprimoramento intelectual das comunidades. “A simples contemplação” — escreveu o crítico Fábio Magalhães, ex-diretor da Pinacoteca do Estado de São Paulo — “não educa”. Como não educa a exibição de um grupo folclórico pura e simplesmente. E necessário que a exposição venha apoiada por uma estratégia capaz de enri-



Valério Mesquita

quecê-la com a informação precisa. Foi o que o genial Herbert Read fez na Inglaterra através desse admirável método que ficou conhecido na história da educação e da arte como **education through art**. E que, posto em prática no Brasil a partir da década de 50, pelo artista pernambucano Augusto Rodrigues, criador da Escolinha de Arte do Brasil, se constituiu numa experiência fecunda e modelar, adotada, logo em seguida, pela maioria dos países sul-americanos.

Cultura não é folclore somente. E, talvez por isso mesmo, espera-se de um promotor cultural que seja, antes de mais nada, uma pessoa aberta, bem informada e sem preconceitos de qualquer espécie. Do contrário jamais perderemos esse ranço provincial, que limita a ação e prejudica a realização de eventos significativos.

PERMANÊNCIA DE VALÉRIO — O professor Valério Alfredo Mesquita permanece à frente da Fundação José Augusto, cargo que vem ocupando desde a segunda metade do Governo Lavoisier Maia. A escolha, bem recebida por intelectuais e artistas natalenses, conta ponto em favor do Governador José Agripino Maia. Valério Mesquita, educado e acessível, estabeleceu um diálogo permanente entre a Fundação José Augusto e a chamada **intelligentsia** local.

Durante o Governo passado, a Fundação José Augusto, antes uma ilha mais ou menos tranquila no contexto geral da administração pública no Estado, teve nada menos do que quatro presidentes. O primeiro deles, o poeta Sanderson Negreiros, não ficou no cargo mais do que um mês, tendo sido substituído pelo professor

Cláudio Emerenciano, agitado e empreendedor, que afastou-se por divergências partidárias.

Valério Mesquita pegou então o bonde andando. Mas agora comenta-se que ele fará uma arrumação na casa, substituindo alguns daqueles diretores que ali já se encontravam, trazidos por seus antecessores. Nada há de extraordinário nisso, pois toda diretoria é, tecnicamente, composta de cargos de confiança. E, depois, comenta-se que agradaria ao próprio Governador certos remanejamentos. Afinal um dos slogans da campanha política de José Agripino foi, justamente, este: "A vitória é de quem trabalha"...

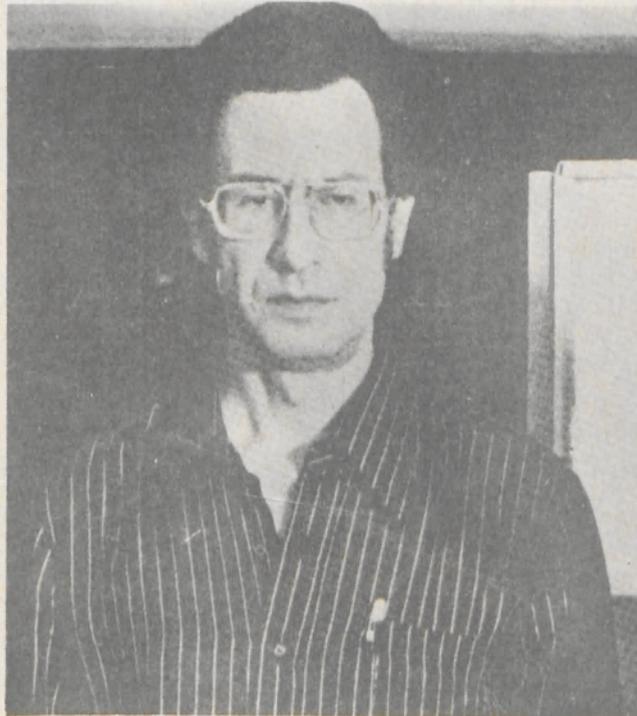
O ESTILO MARIA DA GRAÇA

— Imediatamente, após assumir a direção do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, a professora Maria da Graça Viveiros mostrou toda sua competência.

Procurada por um artista, cujos quadros se achavam retidos no depósito da VASP, por falta de pagamento do frete — de competência da própria UFRN e da Secretaria de Educação e Cultura —, Maria da Graça fez o que tinha de fazer, mas sem aquela burocracia toda que caracteriza o serviço público neste País. Providenciou o pagamento do frete e a entrega dos quadros, são e salvos, aos artistas que, convidados pela UFRN e pela SEC, participaram da Feira da Cultura de São Paulo.

Os quadros estavam

sob a ameaça de serem devolvidos a São Paulo, caso o frete não fosse pago dentro de um certo prazo.



Franco Jasiello

VERBO CASTIGADO — No poema intitulado "Semana", queixa-se o poeta Franco Jasiello: "Domingo de sono azedo/ Segunda-Feira de sangue escuro/ Terça-Feira de provisória festa/ Quarta-Feira de esperança quieta/ Quinta-Feira de esquecer a hora/ Sexta-Feira de não lembrar agora/ Sábado de chuva para estragar a festa".

Diante de todos estes infortúnios diários, espalhados em 60 poemas, não admira que o autor de **Itinerário do Imprevisto** (FJA/Editora Achiamé, 1983) escreva versos tão ruins.

Depois que publicou seu primeiro livro, há mais de cinco anos, Jasiello tomou gosto pela poesia e, encorajado pelo aplauso das igrejinhas

locais, foi ainda mais adiante, passando a escrever, também, crítica de arte. Nunca mais parou de escrever e de pu-

capital do **nonsense** e do desvairio: "Amigos de palavras sábias,/ mãos certas, coração de pau,/ deixai-me os olhos, os lábios,/ o mar do meu amor é minha nau". Apóstolo da chamada escrita automática, Jasiello escreve o que lhe dá na telha. Daí possuir "sangue labiríntico" e "veias de enxofre", além de uma penetrante sensibilidade que o faz descobrir no céu de julho, "luas hemorrágicas"...

Tem a poesia de Jasiello preocupações filosóficas. Em "Realejo", ele, enfático e proverbial, conclui diante da vida: "Quem sabe/sobe./ Quem corre/morre". E, morto e enterrado nas 77 páginas deste seu penúltimo livro, roga: "Não me dediquem restos". Certamente o poeta exige, com este verso, enterro de primeira classe com grinaldas necrológicas urdidas em colunas sociais. Tudo cabe neste **Itinerário do Imprevisto**: "Terra dos espinhos doces", "nos pés dos meus anos", "mastigo o português/ como doce de abóbora,/ como teu nome" são versos pinçados, indistintamente, de alguns desses poemas.

Em sua autobiografia poética, diz Jasiello, fazendo as contas de suas arteirices literárias: "Faço misérias, versos, vezes, fezes". E em "Resumo", seu último texto (pág. 77), oferece ao leitor exaurido uma trégua reparadora: "Depois da intimidade das estórias/ a presença dos intervalos".

Ufa!

FRANKLIN JORGE

blicar, pelo menos, um livro por ano e a despeito do custo da tinta e do papel.

Nunca se viu em Natal tamanha perseverança. Mesmo dispondo de um vocabulário deficiente, rimando muito à vontade "respeito" e "despeito", Jasiello não se detém frente aos obstáculos. Continua avançando de uma forma quase suicida pelo traiçoeiro caminho da literatura provincial. Talvez pela certeza de que conta com a cumplicidade do Conselho Editorial e da benevolência dos colunistas da cidade, sempre prontos a compor em **corbeilles** ditirâmbicas os frutos temporãos do seu beletismo estéril.

Há verdadeiros achados na poesia de **Itinerário do Imprevisto**, obra

CRÉDITO

Informações confundem agricultor

A falta de esclarecimentos de grande parte dos agricultores, que não têm procurado as agências do Banco do Nordeste do Brasil espalhadas na maioria dos municípios do Rio Grande do Norte, tem levado, segundo o gerente de Natal, Talvaci da Silva Medeiros, os jornais locais a publicar notícias denunciando a suspensão do programa de custeio agrícola.

Para Talvaci Medeiros, "isso é fruto, basicamente, da falta de informação, pois o programa de custeio agrícola não foi suspenso e nem está na iminência de sê-lo", já que uma das grandes preocupações do Governo Federal é com o homem do campo. Ele diz que, de acordo com declarações do presidente do BNB, Camilo Calazans de Magalhães, a instituição tem 35 bilhões de cruzeiros para serem aplicados, este ano, nos programas de crédito rural.

RECURSOS — O gerente da agência de Natal do Banco do Nordeste faz questão de ressaltar que nem a sua agência nem as demais agências do instituição instaladas na maioria dos municípios do Estado suspenderam este ano os financiamentos ao agricultor.

Talvaci revela que, de janeiro até agora cerca de cento e cinquenta pequenos agricultores receberam financiamento do banco, importando num montante superior aos 120 milhões de cruzeiros.

Esse total de recursos diz respeito somente aos financiamentos concedidos nas 26 agências que estão sob à jurisdição da gerência de Natal: Bom Jesus, Bento Fernandes, Ceará-Mirim, Extremoz, Ilmo Marinho, João Câmara, Macaíba, Maxaranguape, Nísia Floresta, Parazinho, Parnamirim, Pedra Grande, Poço Branco, Presidente Juscelino, Pureza, Riachuelo, São Bento do Norte, São Gonçalo do Amarante, São Paulo do Potengi, São Pedro, Senador Elói de Souza, Senador Georgino Avelino, Taipu, Tibau do Sul e Touros.

PARCELAS — Antes moroso na liberação dos financiamentos, hoje o

Banco do Nordeste do Brasil está simplificando o processo de cadastramento dos agricultores, o que, segundo Talvaci, "é a desburocratização chegando ao banco". No entanto, os financiamentos ainda são liberados parceladamente e com um percentual prefixado para cada tipo de cultura. Para o custeio do algodão, o banco libera apenas 35 por cento do valor do financiamento na primeira parcela; feijão, 45 por cento; mandioca, 40 por cento e milho 50 por cento. Cada parcela liberada corresponde a uma etapa do plantio, que começa com a preparação da terra (desmatamento).

O gerente de Natal faz questão de lembrar que todos os financiamentos concedidos para custeio agrícola são respaldados pelo Proagro e explica como isso acontece: "Quando um agricultor toma um empréstimo ao BNB nossos fiscais, por ocasião da liberação da primeira parcela, faz uma inspeção para constatar se realmente houve o plantio. Se, na fase da colheita, o agricultor nos procura e diz que toda a sua produção foi prejudicada pela seca, o banco vai constatar e logo em seguida o Proagro far? a indenização". □

TAMBÉM NO HIPER CENTER BOM PREÇO



J. PEREIRA E CIA. LTDA., já sem setembro de 82, lançava em Natal a sua terceira **LIVRARIA OPÇÃO**, com a loja do **HIPER BOM PREÇO**.

Com mais este empreendimento a empresa solidifica cada vez mais o seu capital e eleva o seu conceito de organização que sabe se expandir para melhor servir a sua grande clientela.

É uma organização que se prepara cada vez mais, ano a ano, agora com 4 lojas, sendo 3 em Natal e a Abolição em Mossoró, acompanhando o desenvolvimento do nosso Estado.

Se no ano passado já ultrapassava o seu capital a casa dos Cr\$ 11 milhões, hoje, a empresa tem esse capital multiplicado por dois, sempre investindo no campo da cultura ao longo de seus 12 anos de atividades comerciais.



J. PEREIRA & CIA. LTDA.
LIVRARIA OPÇÃO



FAUSTINO DEFENDE UNIÃO DA CLASSE POLÍTICA

A defesa dos interesses do Rio Grande do Norte, uma atuação parlamentar voltada para as camadas mais necessitadas e a concepção política de que servir ao Estado é conquistar posições que assegurem o seu desenvolvimento. Estas são as principais metas do deputado federal João Faustino que novamente chega à Câmara Federal como o parlamentar norte-riograndense mais votado do seu partido, posição que conquistou pela primeira vez em 1978, quando estreou na vida política inaugurando uma nova forma de trabalho. Ele dividia seu tempo entre a presença no plenário da Câmara e frequentes viagens ao Estado para contatos com as lideranças políticas, empresariais e comunitárias.

"A melhor forma de ajudar a nossa gente é ouvir os seus an-

seios: Para isso somos eleitos seus representantes. Para nos tornarmos seus porta-vozes junto às autoridades e órgãos competentes. De nada serviria o meu mandato se o meu trabalho fosse desvinculado da realidade nordestina", afirma o parlamentar, cujo primeiro desempenho este ano foi levar ao Presidente João Figueiredo as reivindicações das cooperativas agrícolas e sindicatos rurais do Rio Grande do Norte. Durante a audiência com o Chefe da Nação, Faustino entregou memorial em que os agricultores pedem a prorrogação dos débitos contraídos ano passado, a aplicação das disposições que regulamentam o Pró-Agro no RN e o crédito especial para atendimento às cooperativas. Esses pleitos foram prontamente atendidos pelo Presidente, que determinou o envio do documento ao

Ministro da Fazenda, Ernane Galvêas, para as providências necessárias.

Para Faustino "a hora de crise que envolve o País talvez esteja a exigir esforço redobrado de todos, principalmente na busca de soluções concretas". Incansável defensor da união da classe política, acredita ser este o único meio de elevar o Estado à posição de destaque que merece. Autor nos últimos quatro anos de inúmeros pronunciamentos na tribuna da Câmara para reclamar providências que minorassem os efeitos da seca na Região, Faustino também é o responsável por importantes projetos que beneficiam os diversos setores que compõem a economia norte-riograndense, sendo que essa ação sempre repercutiu na vida nacional.

Empresários temem que tudo pode piorar neste semestre

Depois da explosão de insatisfação em São Paulo, em função do alto índice de desemprego, lideranças de classe no Rio Grande do Norte — empresariais e sindicais — chegaram à conclusão de que a situação no Estado é muito mais grave. Conclusão, que levou, simultaneamente, a outros aspectos da questão. Um deles, o da surpresa: por que, em sendo tão grave a situação do Rio Grande do Norte, a ponto de já terem ocorrido

ameaças de saques em várias cidades, não ter o Governo Federal se sensibilizado tanto — ou pelo menos aproximadamente — como em relação aos acontecimentos de São Paulo? Será — perguntaram os empresários — que os observadores do Governo Federal ainda não perceberam que aqui no Rio Grande do Norte, como em todo o Nordeste, a situação é do mesmo modo — e talvez até mais — potencialmente explosiva?

Portanto, os acontecimentos de São Paulo geraram mais perplexidades no Rio Grande do Norte justamente por causa desses outros aspectos. Ou seja: por causa mesmo dos problemas do Estado, tão grave, tão delicados e, no entanto, pouco relevados quando chegam ao conhecimento da esfera federal.

NOVAS PERSPECTIVAS — Antes, muito antes, que a insatisfação dos desempregados de São Paulo explodisse numa manifestação de rua com caráter quase insurrecional, no Rio Grande do Norte muitas alertas já vêm sendo feitas. Sobretudo, no setor da construção civil. Há pelo menos quatro meses que os financia-

A REFORMA DA CONS

O tema é vasto e complexo, de largo espectro, e evidentemente não caberia nas limitações deste comentário. Pretendemos apenas abordar algumas premissas que julgamos essenciais, no preâmbulo de um debate que interessa profundamente a sociedade brasileira.

Sabemos que o primeiro passo para a instauração de uma ordem social e econômica mais justa é a reforma da Constituição, que a adapte à realidade atual. Se considerarmos que, neste campo, os programas de todos os partidos políticos convergem para os mesmos objetivos, é de se esperar que não haja dificuldades para uma negociação de alto nível que conduza à aprovação das emendas necessárias à atualização do texto constitucional.

As Constituições, como já ensinava Rui, são consequências da irresistível evolução econômica do mundo e por isto não podem continuar a ser utilizadas como instrumentos que privam de seus direitos justamente aqueles mesmos que elas se propunham a proteger e que mais lhes necessitam de proteção. Já em 1919, atendendo ao fato de que nossas Constituições ainda se inspiravam nas declarações de direitos consagrados no século XVIII e de que a inflexibilidade individualista dessas cartas, imortais mas não imutáveis, tinha que ceder alguma coisa ao sopro

da socialização, dizia Rui que suas fórmulas já não correspondiam exatamente à consciência jurídica do universo. E recomendava que, para uma transformação providencial, cumprira que se operasse com bondade, com equidade, reconstituindo e não destruindo, apoiando-se, não na cobiça, não na inveja, não no ódio, mas na irmandade, na caridade, na solidariedade, pagando cada segmento social, voluntariamente, com a cota de abnegação e desprendimento, as reparações justas que às outras classes se deverem.

Estas sábias lições valem para o momento em que vivemos, erigido de dificuldades agravadas pelo período de transição institucional de nosso País.

E a desobediência aos preceitos que visam a retirar das Constituições dispositivos casuísticos ou de meros regulamentos administrativos, para preservá-la como “a caracterização, nitidamente contornada, de um sistema político, indicado nas suas linhas capitais, entregue, na evolução de sua vida orgânica, à ação da consciência popular, confiando, na interpretação das suas consequências legislativas, à intuição dos homens de Estado”, a desobediência a esses preceitos talvez explique este fato singular: a atual Constituição já foi emendada mais de vinte vezes, o que lhe dá a média de uma reforma por semestre!...

Não entendemos a celeuma gerada pela aspiração de uma Assembléia Constituinte, a não ser por interesse exclusivamente político. Em princípio, a Assembléia Constituinte pressupõe uma anormalidade da vida constitucional e este não é caso nosso.

Como disse o mestre Afonso Arinos, ninguém discute o poder constituinte ínsito nas atribuições e privilégios do Congresso.

Doutrinariamente, a Constituição brasileira se vincula ao tipo adotado nos Estados Unidos e em várias Repúblicas americanas.

Nestas prevalece o princípio de que o Poder Legislativo é obra da Constituição e sendo esta superior à autoridade legislativa, cabe a esta apenas expô-la e obedecer-lhe, não regê-la ou alterá-la.

No sistema inglês, onde não existe uma Carta escrita, as normas constitucionais, desde a Magna Carta e o Bill dos direitos, são leis ordinárias em parte e parte constituída de julgados e usos correntes incessantemente modificados por outros arestos e atos legislativos.

O direito público nacional já alcançou o amadurecimento indispensável a que se possa formular sua própria teoria. Pagamos um preço muito alto pela imitação de que não souberam se libertar os constituintes de 1891, imitação que está no cerne das várias crises políticas que vêm abalando a vida

mentos para construção de imóveis estão totalmente paralisados. Mais exatamente: desde a virada do penúltimo trimestre, com o agravamento da retirada das cadernetas de poupança e algumas medidas do Governo. Já no trimestre que se encerrou em outubro do ano passado houve um princípio de pânico. E, a partir daí, a maré vazante dos recursos para financiamento de construções não teve mais refluxo. Em inúmeras oportunidades os empresários do setor denunciaram o perigo; diziam que tal situação, no Rio Grande do Norte, era sobremodo perigosa por um motivo muito simples: é o setor da construção civil que mais absorve mão-de-obra não qualificada. Só o Sindicato

dos Trabalhadores da Construção Civil do Rio Grande do Norte tem mais de dez mil associados.

Mesmo assim as advertências não foram levadas em conta. Nem podiam. As vinculações existentes no atual modelo econômico brasileiro fazem com que uma consequência num determinado setor reflita-se em vários outros. Tudo funciona como uma bola de neve. Foi assim também no caso das cadernetas. O abalo sofrido pelo sistema de poupança depois do escândalo nacional da Caderneta de Poupança Delfin e, de quebra, o baixo rendimento desses papéis em comparação com os outros no trimestre anterior, abalaram a confiança do investidor. Além do mais, houve uma

TITUIÇÃO

pública brasileira até hoje. O espírito de Montesquieu, que impregna os postulados do direito moderno, não levou nosso legislador a considerar as peculiaridades do meio a que seria aplicada a norma constitucional copiada, esquecendo la nature des choses como fonte des rapproches nécessaires.

A emenda constitucional já é da tradição de nosso direito. O que cumpre é exercitá-la com a sabedoria e descortino que lhe imprimirão perpetuidade.

E neste mister avulta a importância da participação dos partidos políticos, que, sem embargo das mutilações e defeitos que os caracterizam, não podem ser malsinados. No Brasil, não é apenas a falta de representatividade que distingue as agremiações, nem sua inautenticidade, pelo que por muitos anos se preferiu o partido dos amigos. Os partidos são meros instrumentos legais para o registro de candidaturas. Seus programas não são sequer discutidos por ocasião das campanhas eleitorais, todos respaldados na imagem pessoal dos candidatos, quanto mais aplicados no exercício do poder.

Então a democracia que se apóia na estrutura dos partidos, se esta é fraca, é menos do que a florzinha terra, de que falava Otávio Mangabeira. O fenômeno não é brasileiro, mas latino, o que leva certos cientistas políticos a descrerem do voto nesta parte da América,

onde a árvore não resiste a uma lufada mais forte.

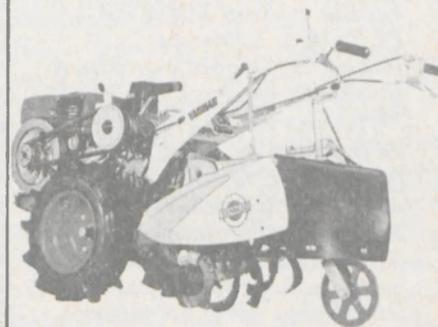
Se pretendemos praticar a democracia social, que está no programa de todos os partidos, se queremos uma sociedade mais justa, um pacto social mais equânime e até para garantia dos mais aquinhoados então este é o momento para que se comprove a sinceridade destes propósitos.

O segundo aspecto fundamental é o fortalecimento da Federação, definida pelos doutos como o laço de unidade e o tipo normal da organização livre da Nação num território como o nosso. Está claro que, em nossa vastidão geográfica, com todas as diferenciações de clima, costumes, renda, educação, saúde, instrução, em escala indefinida, cada Estado requer soluções adequadas para situações singulares. Assim as Constituições estaduais necessitam de maior amplitude, como ocorre nos Estados Unidos, onde as circunscrições territoriais, resguardada sua autonomia, se aliam pela Federação num sólido organismo nacional.

Esses anos de excepcionalidade deterioraram o princípio federativo que precisa ser restaurado urgentemente, como base de uma Carta duradoura e permanente.

Raimundo Soares de Sousa
CONSULTOR JURÍDICO
DA ALCANORTE

Na Comercial José Lucena tecnologia a serviço da agricultura



Na qualidade de amigo do agricultor, a Comercial José Lucena, através de máquinas, motores e bombas, ajuda e facilita a vida do homem do campo.

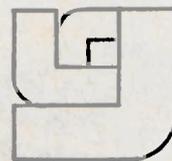
• Orientação • Assistência técnica • Orçamento sem compromisso.

Aproveite a promoção de venda do MICRO TRATOR YANMAR — mais um modelo para proporcionar-lhe escolha da máquina adequada para suas necessidades.

TESTE E COMPROVE

Também descontos especiais para você adquirir conjuntos MOTO-FORRAGEIRA e MOTO BOMBAS.

TAMBÉM NA AGRICULTURA COMERCIAL JOSÉ LUCENA — meio século fornecendo qualidade.



COMERCIAL JOSÉ LUCENA LTDA

Rua Frei Miguelinho, 120 — Ribeira
Tels.: 222-2311 — 222-1506
Rua Dr. Mário Negócio, 1470 — Alecrim
Tels.: 223-2228 — 223-4820
Natal — Rio Grande do Norte

série de boatos — como lembra um experiente especialista em mercado de capital da praça — antes que o Governo brasileiro resolvesse bater as portas do Fundo Monetário Internacional. Dizia-se pelas esquinas, nas

conversas reservadas entre os poupadores, que era certo o congelamento dos depósitos das cadernetas de poupança, pois o Governo não iria passar a vergonha de uma falência internacional. Todos esses fatores, reais e

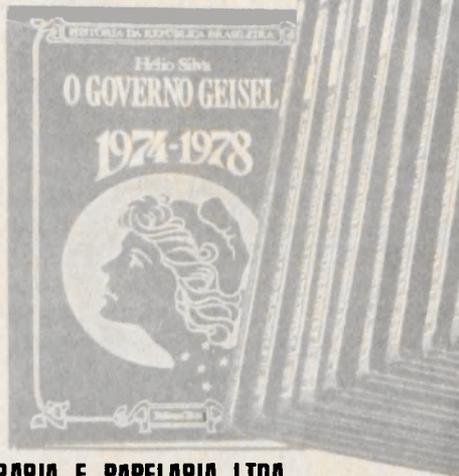
imaginários, se conjugaram para abalar seriamente o sistema.

IMOBILIDADE — As pequenas construtoras do Rio Grande do Norte estão sofrendo amargamente. Há muitas às portas da falência, sem condições de pagar até pequenos compromissos, complicando-se com compradores de imóveis que não estão recebendo os serviços conforme o estipulado nas plantas. Há construtora que mal tem podido concluir a obra contratada e aquelas que também vendem o imóvel estão duplamente com a corda no pescoço, porque as vezes o imóvel está pronto, a documentação do financiamento toda pronta, mas o contrato não pode ser assinado com o comprador porque não há dinheiro. As empresas que atuam com capital controlado e dentro de prazos rígidos, quase numa situação de risco, simplesmente não suportam a demora. Muito pequeno construtor tem sido visto entrando e saindo de bancos — principalmente das agências bancárias recém-instaladas — na difícil tarefa de empurrar — ou rolar — suas dívidas e compromissos.

As associações de poupança prometeram que o dinheiro ia ser mais

ATUALIZE-SE COM WALTER PEREIRA

A maior rede de livrarias do Estado está em WALTER PEREIRA, Livraria e Papelaria. Lá você encontra o que há de mais atualizado em literatura, um grande elenco de material didático, material para escritório das mais variadas e conhecidas marcas. A tradição do seu comércio com as repartições públicas estaduais e federais, comércio e indústria, além do público intelectual, garante a qualidade e a disposição de bem servir da sua diretoria.



WALTER PEREIRA LIVRARIA E PAPELARIA LTDA.

PAPELARIA WALDUPE
RUA VENEZA, 345 - NATAL - RN
Tels. 222-1574 e 222-2322
NATAL - RN - RIO GRANDE DO NORTE



LIVRARIA UNIVERSITÁRIA
AVENIDA RIO BRANCO, 590 - NATAL - RN
Tels. 222-2101 e 222-2617
NATAL - RN - RIO GRANDE DO NORTE

LIVRARIA ISMAEL PEREIRA
RUA DA BARATA, 127 - NATAL - RN
Tels. 222-2608 e 222-2609
NATAL - RN - RIO GRANDE DO NORTE

SIRVA-SE

Nós temos Dore Cola,
Dore Guaraná,
Dore Laranjada,
Dore Soda Limonada
e o Grapette.
São produtos de qualidade.
São coisas nossas.



**SIDNEY DORE IND.
DE REFRIGERANTES LTDA.**

Rua Silvio Pelico, 233 Tels. 222-1594 — 222-3472
Fábricas: Natal-RN — João Pessoa-PB.



farto após a virada desse trimestre. O Governo, por sua vez, carregou na publicidade para tentar evitar um índice muito grande de saques e conter a sangria nos recursos. Não se sabe ainda exatamente os efeitos. As in-

formações são difusas. Mas, pelas declarações fornecidas até agora, dá para perceber que se as coisas não pioraram, não chegaram a ficar exatamente róseas. Isso dá ensejo a fazer previsões não muito otimistas so-

bre o retorno da liberação dos financiamentos.

MAIS AMEAÇAS — A explosão paulista estourou nesse contexto. Isso quer dizer que, em termos de situação do Rio Grande do Norte, é mais um complicador. E um poderoso complicador. Temem os empresários, com justificadas razões que o Governo Federal, pressionado pela comção nacional do protesto paulista, simplesmente esqueça mais ainda o Nordeste. O temor mais imediato é que o Banco Nacional de Habitação passe a injetar recursos maciços em São Paulo para aliviar a situação. A consequência disso seria a paralisação — ou pelo menos redução substancial — dos programas habitacionais normais, para atendimento às camadas de baixa e média rendas. Em outras palavras, o golpe final e irremediável nas construtoras que ainda estão conseguindo suportar todos os trancos.

Segundo as previsões do presidente da Federação das Indústrias do Rio Grande do Norte, Fernando Bezerra, o quadro é bem negro e não será de todo impossível que até julho cri-se um formidável contingente de dez mil desempregados. □

EM J. RESENDE MÓVEIS DE ESCRITÓRIO A PREÇO DE FÁBRICA

J. RESENDE está liquidando, agora, todo o seu estoque de móveis de escritório A PREÇO DE FÁBRICA. São cadeiras para escritório em palhinha, madeira e estofado, móveis de aço, mesas e armários, estantes em madeira e aço, todas das melhores e mais conhecidas marcas. Vá conferir os preços, são realmente tentadores. Estes são os endereços para um contato comercial com as Lojas de J. RESENDE: Loja da Ribeira — rua Dr. Barata, n.º 187; Loja da Avenida Rio Branco, n.º 608 e no novo Lojão da Coronel Estevam, 2008.



Novamente Estamos entre as 100 maiores



VENCEDOR

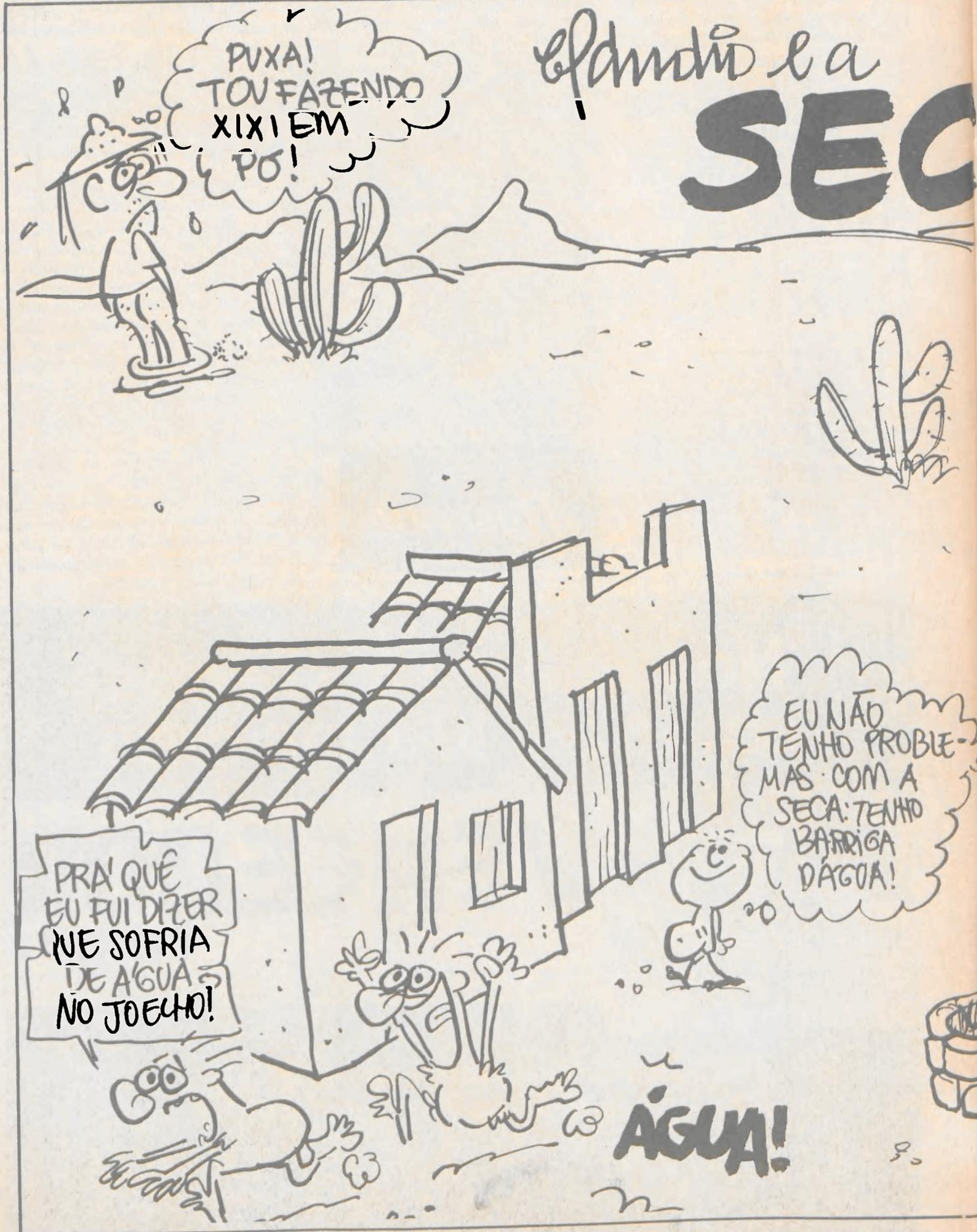
é café puro

Colorau Coração de Ouro Creme de Milho PL

No Estado Conseguimos o 73º lugar.
Na Capital pulamos da 67º para a 46º posição

Rua dos Paianazes, 1490 — Tels.: 223-4400/4401 — Alecrim — Natal-RN.

CLÁUDIO



A

ESSE ACUDE E' COMO BARRIGA DE POBRE: NUNCA ENCHE!

MULHER, CORTA A FARINHA!

DELFIN MANDA NORDESTE CORTAR GASTOS SUPÉRFUO



MAUVE VEM AI PARA NOZ SAIVAR

SERA' QUE CHOVE SE A GENTE FALAR UMA MENTIRA BEM CABELUDA?

QUE TAL: O BRASIL VIVE NUMA DEMOCRACIA?



Edmundo

Enfim, bons sintomas

ROSEMILTON SILVA

O ABC melhora, o futebol do RN cresce. Nem mesmo a queda repentina, e esperada pelos meios esportivos, do América no Campeonato Nacional, arrefece a crescente onda de volta do torcedor ao estádio. O fiasco do alvirrubro na segunda fase do “Brasileirão”, causado certamente pela falta de habilidade de seus dirigentes no trato com os jogadores e a possível possibilidade de um licenciamento por falta de condições financeiras, não passa de mais uma crise que, sem dúvida, será superada dentro de breves dias e pode até ser que já tenha sido solucionada. No entanto, o mais importante dentre tudo isso que vem acontecendo são as soluções encontradas pelo alvinegro no sentido de voltar a lutar palmo-a-palmo junto com rubros e alecrinenses pelo título deste ano.

Mas uma pedra no meio do caminho dos chamados grandes são os pequenos. Exemplos: Ferroviário, Potyguar e os clubes de Mossoró que continuam sem dar o ar de suas graças mas garantem, por debaixo do pano, que voltarão com todo o gás. E quem vai ganhar com tudo isso é o torcedor que andou afastado e volta com maior empenho e gosto. Uma prova cabal disso foi a presença dele nos jogos do Torneio Paraíba-Rio Grande do Norte quando o “Mais Querido” defrontou-se com times da categoria do Guarabira e Nacional de Patos que nada representam no cenário esportivo do seu Estado.

Mas é bom alertar para o problema mais sério do nosso Campeonato: regulamento. Esse item é de vital importância porque tem sido o termômetro maior do afastamento do torcedor. A bagunça verificada nos últimos anos, provocada por esse maldito regulamento aprovado às pressas e sem uma análise prévia, detalhada, dos assuntos e itens nele contidos, tem dado margem a celeumas que além de não levarem a nada, servem apenas e tão somente para tumultuar e, por ligação direta, afastar sempre o torcedor do estádio.

Está na hora dos dirigentes que “discutem” — entre outras coisas porque a palavra realmente não cabe quando se trata de regulamento — os artigos deixaram de pensar unicamente quantos clássicos entre ABC e América poderão acontecer, menosprezando as outras equipes que podem também chegar na reta final, a exemplo do que vem acontecendo nos últimos anos. É importante que as reuniões sejam racionais; que os dirigentes meditem e analisem as fórmulas apresentadas no Conselho Arbitral e que se tenha mais respeito para com o torcedor, porque, afinal, é ele quem mais sofre, quem mais paga e quem, final-

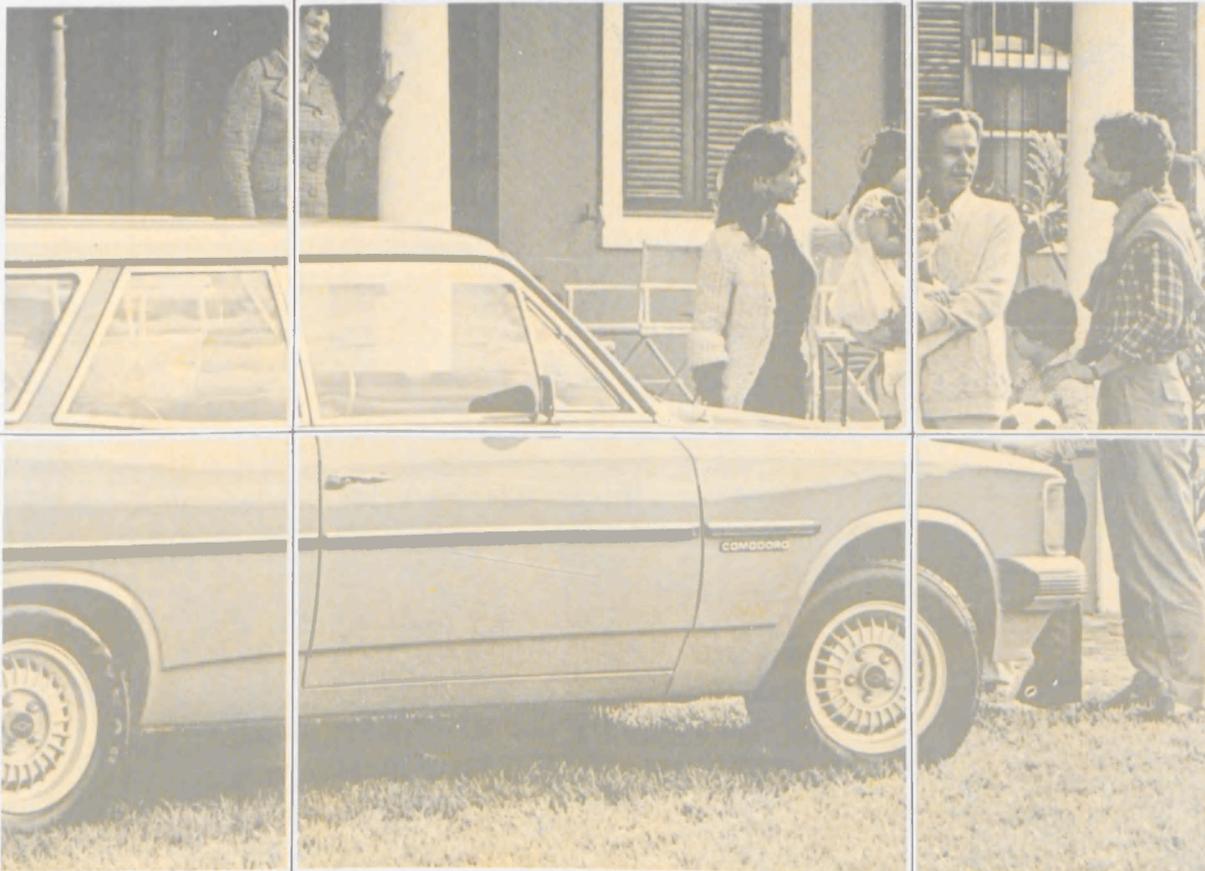
mente, sustenta os clubes e dão asas para que seus dirigentes cometam idiotices e fabriquem balbúrdias no sentido de se levar o Campeonato na marra.

É costume aqui a tentativa de se ganhar o Campeonato extra-campo. É claro que a briga fora do campo também contribui para o título, mas é necessário lembrar que ela precisa ser uma briga limpa, sem as palhaçadas que a nada levam e só deturpam o sentido esportivo. Por isso o ABC desse ano já entra com um a zero de vantagem sobre seus adversários. A seriedade dos homens que ali estão — e eu só conheço o Rui Barbosa, os outros conheço apenas pelos atos praticados dentro do clube — dá a impressão de que o nosso futebol pode voltar aos antigos e saudosos dias de glórias, quando o Castelão não era apenas um monte de concreto, mas um estádio vivo, cheio de cores e alegria, onde a vitória do time não tinha no dia seguinte a incerteza de um protesto. O placar era respeitado, porque os dirigentes colocavam à disposição do treinador, jogadores que não só traziam consigo o futebol-arte, mas também a raça e o amor pela camisa que defendiam, mesmo ganhando um salário para tal.

E aí é onde entra a tal história do regulamento. Da maneira como ele deve ser discutido, como deve ser aprovado. É aí que há a necessidade da discussão sobre o famigerado regulamento com pessoas de dentro do clube que também entendam profunda e claramente as questões nele contidas. É, também aí, que carece a necessidade premente de análises profundas sobre todos os itens, sem se deixar uma brecha sequer para que venham a acontecer falhas no futuro. É claro que as pessoas também não são infalíveis, mas que se diminuam os erros — até primários — contidos nos últimos que foram elaborados.

A nova direção da FNF está repleta de homens capacitados no assunto. A fórmula apresentada por eles deve, até por obrigação, não ser alterada. Não acredito mesmo que o Conselho Arbitral vai pôr seu dedo em pontos que ele não concordar. É um direito que esse Conselho tem. Mas o diabo nisso tudo é que os representantes no Conselho não manjam muito de aspectos técnicos e tanto isso prova que os erros que apareceram foram mais do que primários e deram margem a tantas e tantas celeumas que só serviram, repito mais uma vez, para afastar o torcedor dos estádios e nós da imprensa ficamos com a “cara mexendo” e procurando catar aqui e ali subsídios para conseguir levar o maior número de torcedores a campo.

USADOS E REVISADOS DE TODAS AS MARCAS



F. Alves Neto é uma revenda independente. Isto quer dizer que tem várias marcas à sua disposição — Chevrolet, Ford, novos e usados, todos em excelentes condições de entrega com garantia. O importante para F. Alves Neto, é a satisfação do cliente nas oportunidades opcionais de marca, cor, espaço, além da garantia do uso. Quanto a planos de pagamento, prazo e preços a diretoria da empresa se ajusta as



suas possibilidades de pagamento. Por isso as vendas de F. Alves Neto estão sempre crescendo. Numa loja simples e aconchegante, no começo da Rua Apodi, o cliente encontra uma ampla área de exposição e recepção. Quanto ao resto, o departamento de vendas deixa você à vontade para escolher a marca e a cor do seu carro. Depois uma boa conversa de negócio e você já sai com o seu carro preferido.

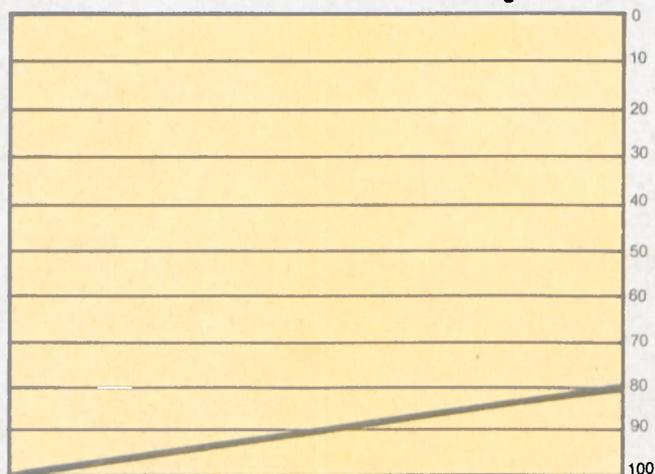


F. ALVES NETO LTDA

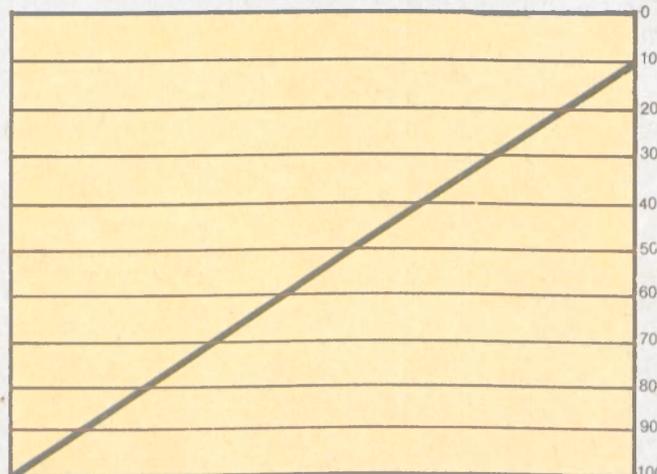
Rua Princesa Isabel, 789 — Centro
Fones: 222-2282 -1650 -0128-7357

OS GRÁFICOS TRADUZEM NOSSA EXPANSÃO

POSIÇÃO NO INTERIOR

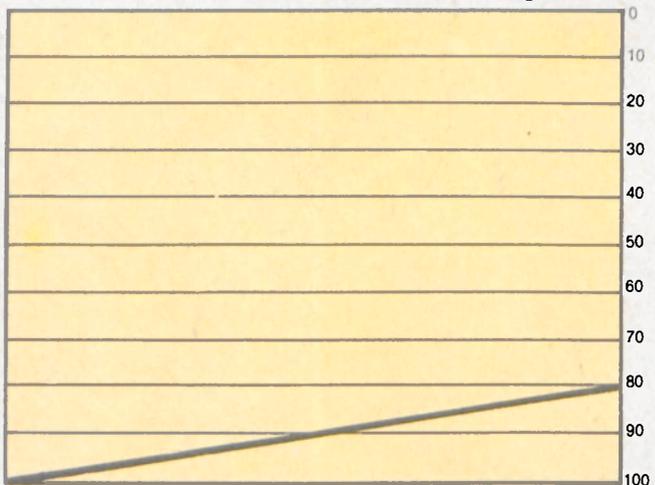


1981

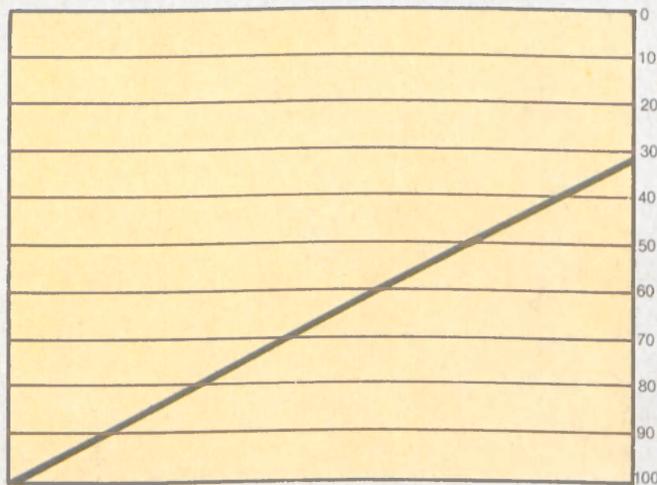


1982

POSIÇÃO NO ESTADO



1981



1982

NOSSAS VENDAS AUMENTARAM

Estamos muito bem, obrigado.
Hoje, somos a 10.^a maior empresa no interior do Estado. Em 1981, éramos a 80.^a. E, em relação ao Rio Grande do Norte, ocupamos hoje a 31.^a posição. No exercício passado, estávamos no 80.^o lugar.

J **VILANIO**
Veículos e Peças Ltda.
Concessionário 
Mossoró-RN

AV. PRES. DUTRA TELS: 321-3680/3681/3650/4563/2388